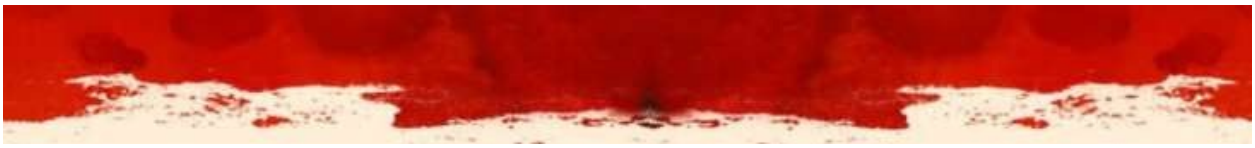
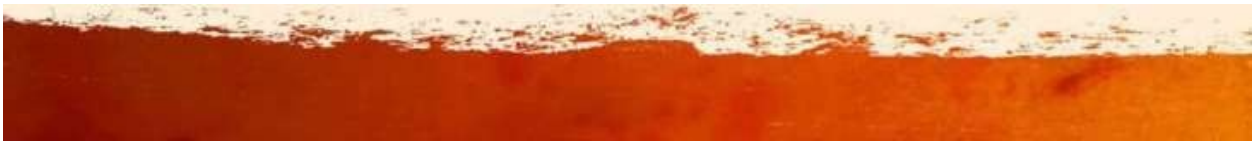
e0dcd82c541f41de84047ab6a6e24e16

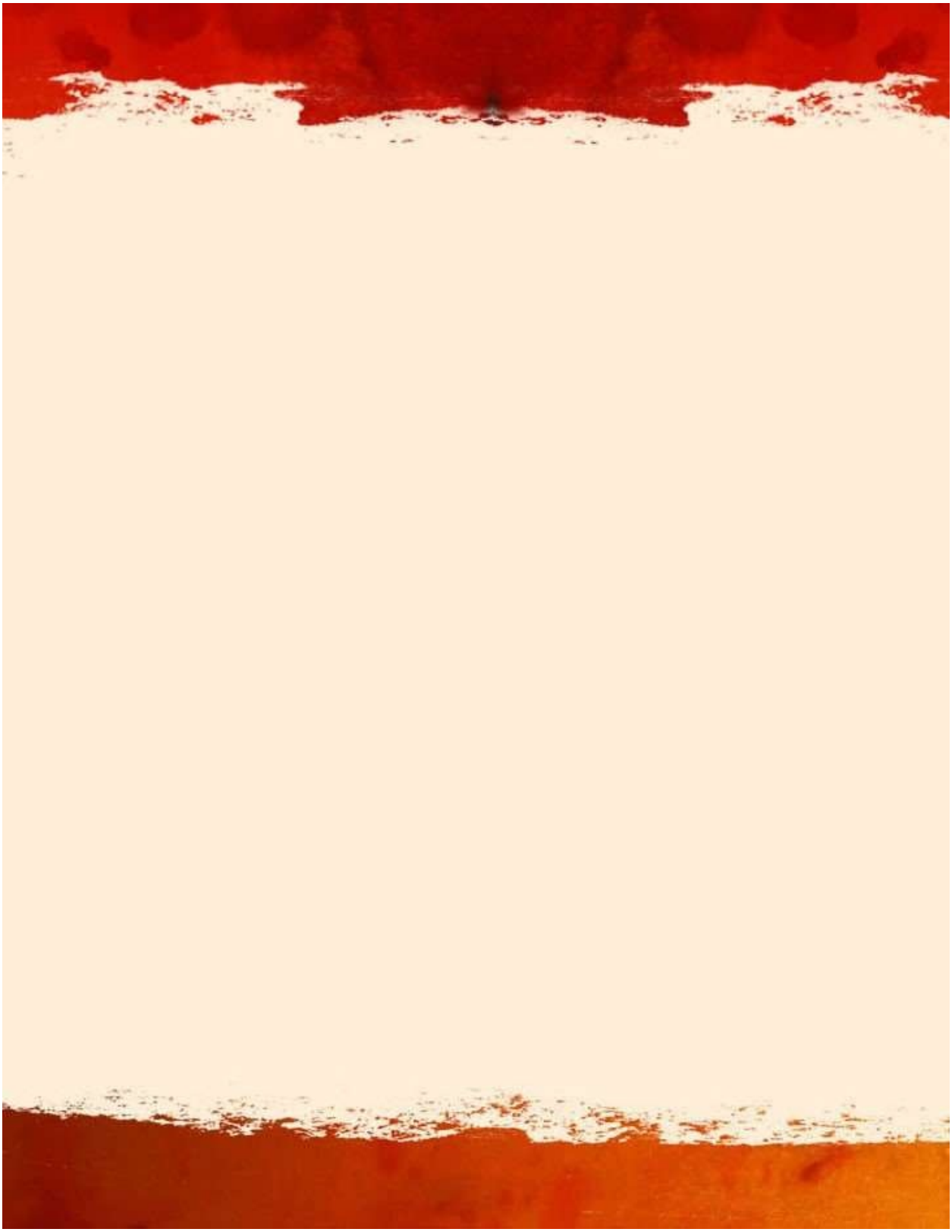
PL






Fateful Reunion
Scanguards Vampires
A NOVELLA
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
TINA FOLSOM







FATEFUL

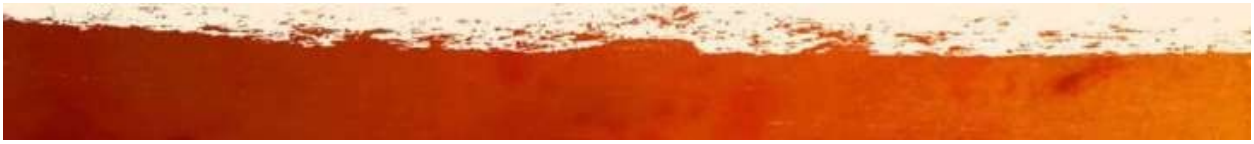
REUNION

SCANGUARDS VAMPIRES

11.5

TINA FOLSOM







STAFF PÉGASUS

LANÇAMENTOS

Tradução: Déa

Revisão Inicial: Maria Silva

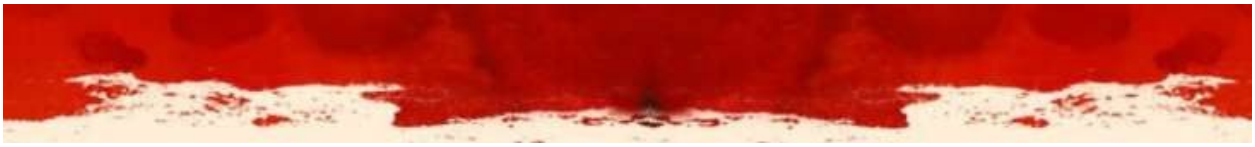
Segunda Revisão: Piu Machado

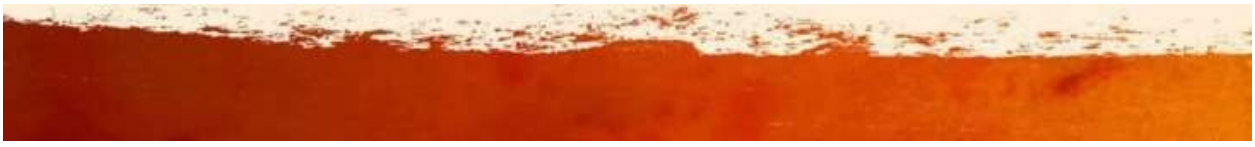
Revisão Final: Mari

Leitura Final: Aline André

Formatação: Lola

Verificação: Lexi





Pégasus Lançamentos Apresenta

Série Scanguards Vampires

Lançamento



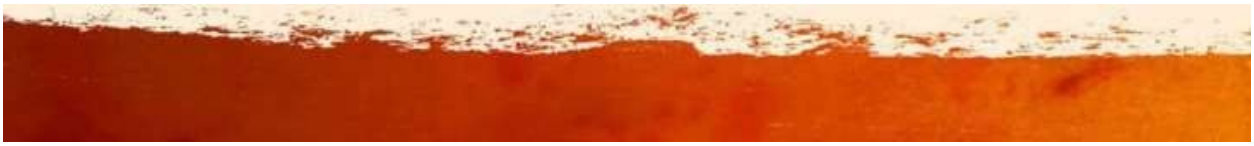
Em Breve



Distribuídos







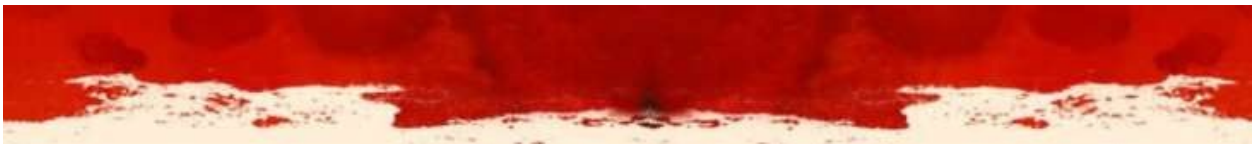


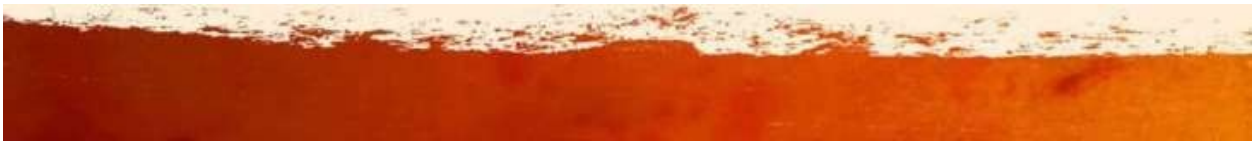
SINOPSE

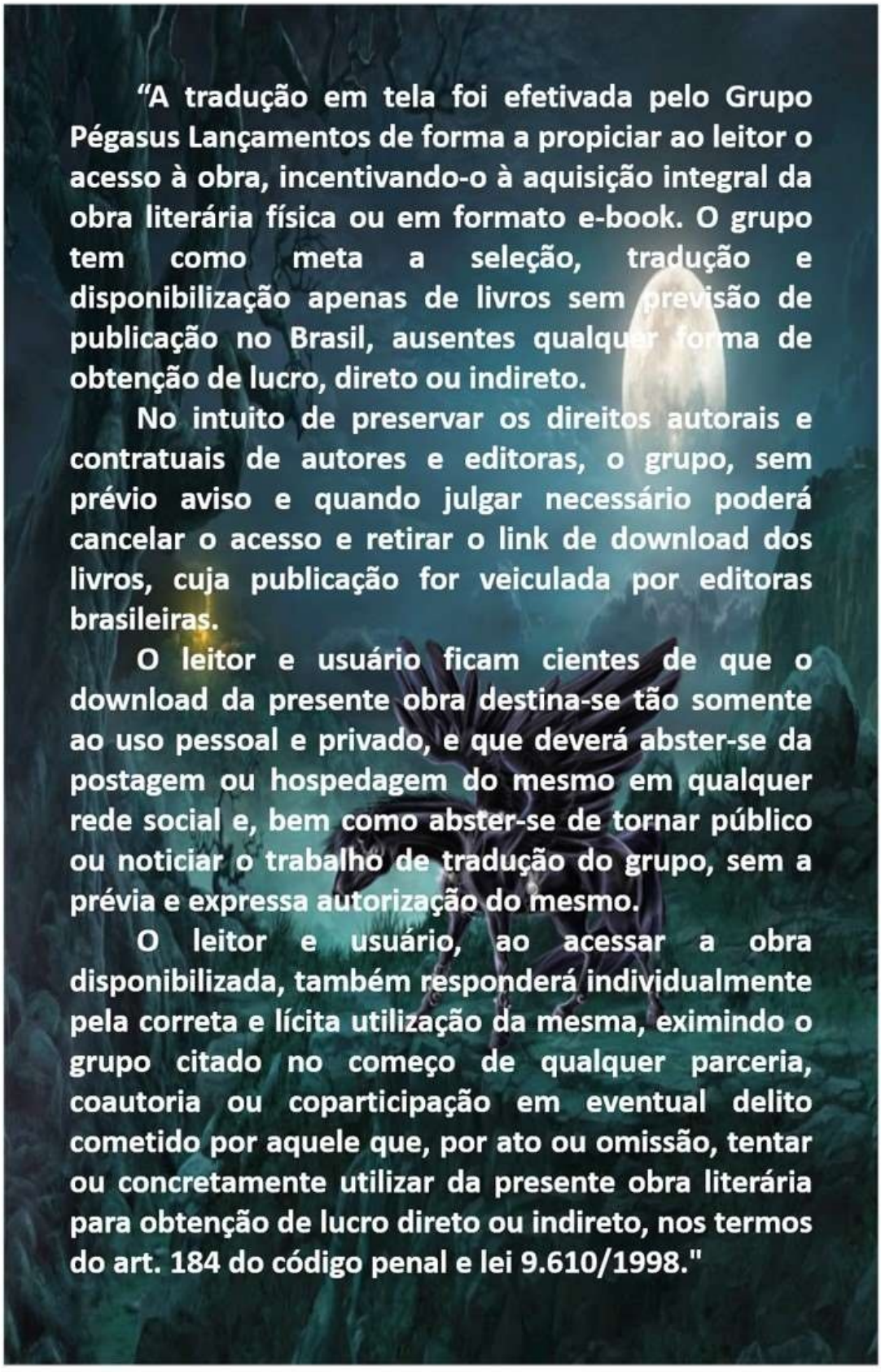
A vampira Roxanne pensou que, ao juntar-se à

Scanguards como guarda-costas e começar uma vida nova, ela poderia colocar seu doloroso passado para trás. No entanto, as antigas feridas abrem quando um novo cliente aparece solicitando proteção para ele e seu amigo.

Charles, um bruxo, nunca conseguiu esquecer Roxanne, embora o dever o obrigou a deixá-la sem explicação vinte e três anos atrás. Agora precisa da ajuda dela para salvar o mundo das bruxas e vampiros de uma força maligna. Mas, salvar o mundo não é a única coisa em sua mente. Ele a quer de volta.







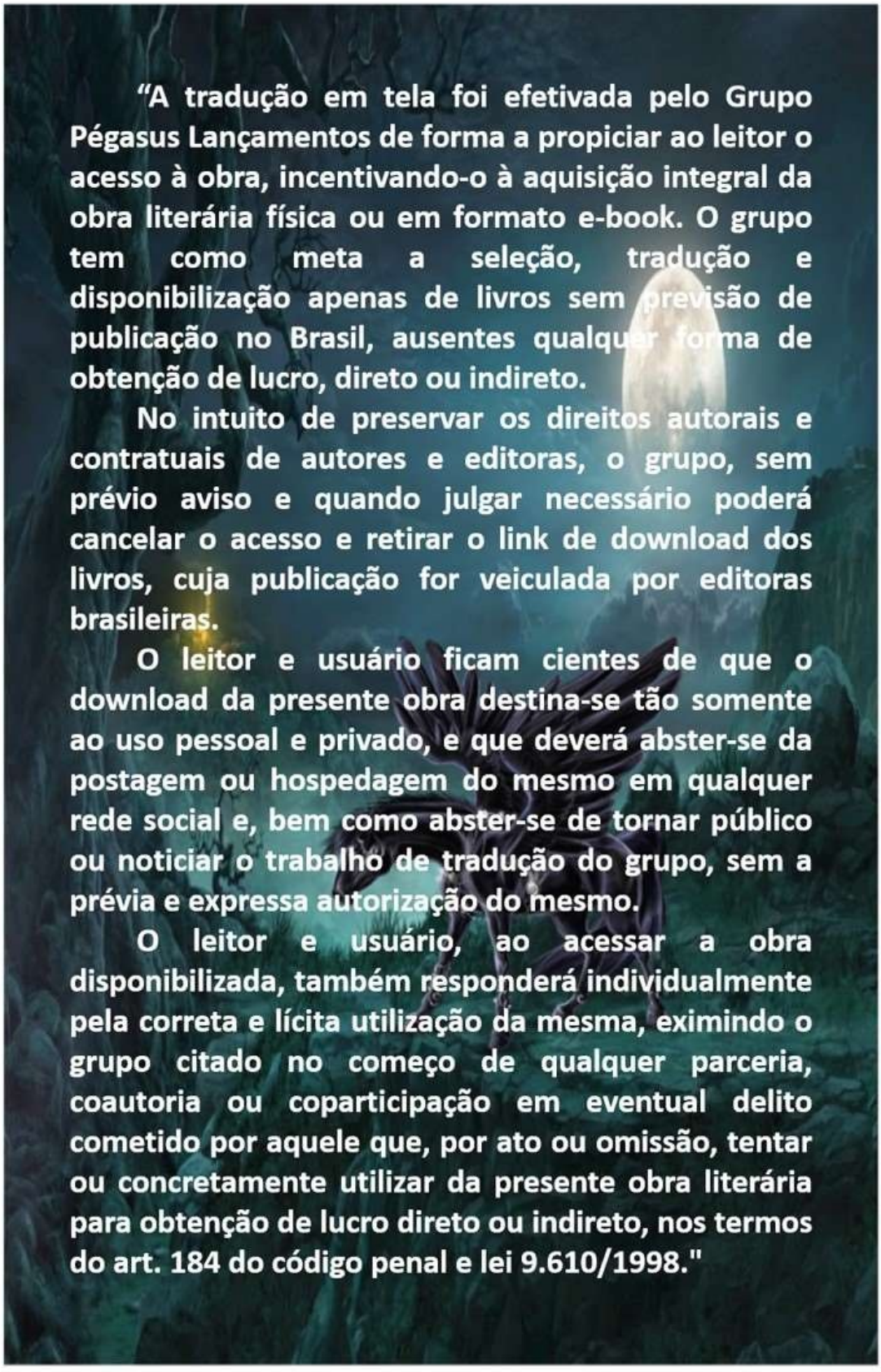
"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."



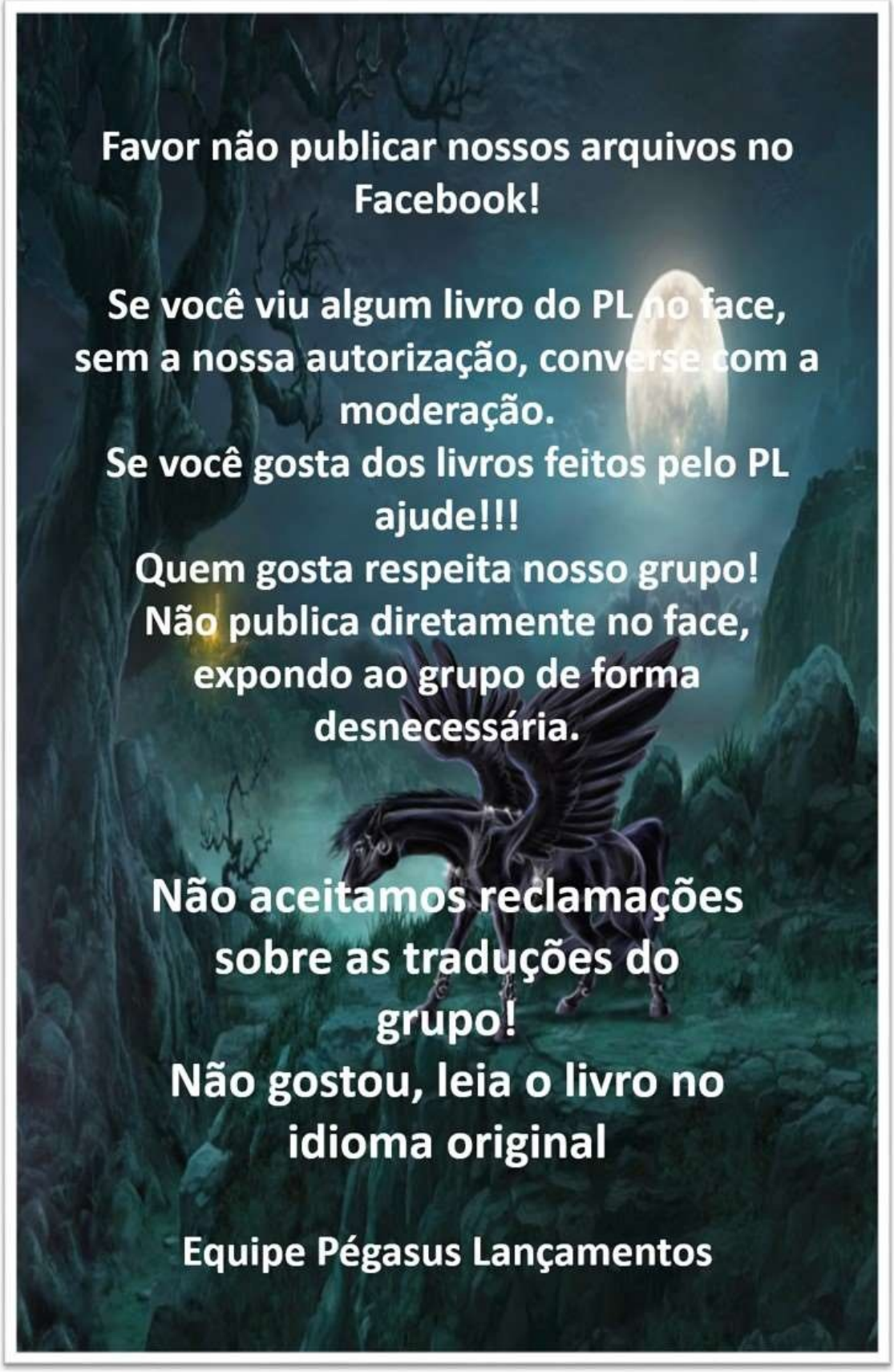


"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."


Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!
Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.
Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original
Equipe Pégasus Lançamentos



Capítulo 1

O salão V não estava cheio, onde os funcionários da Scanguards gostavam de relaxar entre seus turnos, conversar com seus colegas e desfrutar de um copo de sangue. E isso era exatamente o que Roxanne precisava agora. Algo para aliviar a tensão depois de uma patrulha de oito horas terrivelmente

entediante

em

Laurel

Heights,

onde

absolutamente nada acontecia. Patrulhas como essa a

deixavam inquieta, sentia que deixou passar alguma coisa.

Preferia lidar com alguns criminosos, intimidantes,

assustadores,

a

andar

pelas

ruas

sem

nenhum

incidente. Quando lidava com criminosos e fazia com que eles

não machucassem ninguém, ela sentia que tinha um

propósito. É por isso que se inscreveu para ser guarda-costas

em primeiro lugar.

Se ao menos Gabriel Giles, seu chefe e segundo em

comando na Scanguards, lhe desse uma tarefa decente, mas,

aparentemente, estava tudo calmo. Sem convenções na

cidade, sem visitas VIP, sem ameaças. E, portanto, nenhum

cliente extra para proteger, que significava que todos os

guarda-costas que não estivessem trabalhando, estariam em patrulha.



E ainda tirou o palito menor na sorte e foi designada para um dos bairros mais seguros, enquanto os guarda-costas mais jovens e menos experientes conseguiram os bairros suculentos como a SOMA ou a Bayview, bairros onde a ação era garantida. Mas não, os gêmeos Amaury, ambos ainda em treinamento, foram designados para esses bairros, acompanhados por guarda-costas mais experientes como John e Haven. Se isso não fosse nepotismo no trabalho, então não sabia o que era.

Ainda resmungando para si mesma, Roxanne pediu um copo de O-Negativo no bar e olhou em volta, quando viu Thomas fez sinal para se juntar a ele na confortável área de estar em frente à lareira. Oliver, que estava sentado em frente

a ele em uma poltrona, olhou por cima do ombro.

— Hey, Roxanne. — Oliver a cumprimentou.

Ela pegou o copo de sangue do bar, acenou com a cabeça agradecendo ao barman e caminhou até os dois homens. Roxanne sempre gostou de Thomas, o apaixonado motociclista e gênio de TI que dirigia as operações de tecnologia da empresa junto com seu companheiro Eddie.

— Ei pessoal! — ela cumprimentou, aproximando-se das poltronas. — O que está rolando?

— Nós estávamos falando sobre Wesley. — disse Thomas com um sorriso.

Roxanne encolheu os ombros. Wesley não era exatamente seu colega favorito da Scanguards. E o fato de ele ter ido embora a deixava bem.



— Hmm.

Aparentemente inconsciente de seu desinteresse pelo assunto, Oliver disse:

— Espero que esteja bem. Honestamente, queria que Samson insistisse que ele levasse um de nós com ele para proteção. Não temos ideia do que estamos lidando quando se trata desses Guardiões Stealth. Ninguém sabe quem são.

— Haven e Wesley fizeram tanta pesquisa sobre eles quanto puderam. Mas não havia muito. — admitiu Thomas. — Tudo o que sabemos é que são criaturas sobrenaturais e que podem, de alguma forma, viajar através de portais.

— Como buracos de minhoca? — Oliver perguntou.

Thomas encolheu os ombros.

— Mais ou menos. E quem sabe quais outras habilidades possuem.

— Se eles são relevantes, podem ser úteis. Afinal de contas, o cara que Wesley perseguiu depois não interferiu quando pegamos esses vampiros trapaceiros, ele não nos atacou. — Oliver disse. — Ainda assim, gostaria que estivesse levado um de nós com ele para proteção.

Roxanne zombou.

— Estou com Samson. Por que desperdiçar um vampiro perfeitamente bom para proteger um bruxo?

Thomas levantou uma sobrancelha.



— Não tinha ideia de que você não gostava de Wes. Ele com certeza gosta de você.

Também notou isso, mas fez o melhor que podia para mantê-lo à distância. Ficou tensa.

— Eu não tenho nada contra ele pessoalmente.

— Pessoalmente? — Thomas perguntou. — Quero dizer, eu sei que vampiros e bruxas são inimigos jurados. Velhas rixas e tudo. Mas é diferente na Scanguards, e achei que você sabia disso. No final, foi apenas o preconceito que deu início a essas disputas. É história. Estamos acima de tudo isso.

Roxanne respirou fundo, sabendo que Thomas, de todas as pessoas, sabia sobre o preconceito, porque ele sofrera na

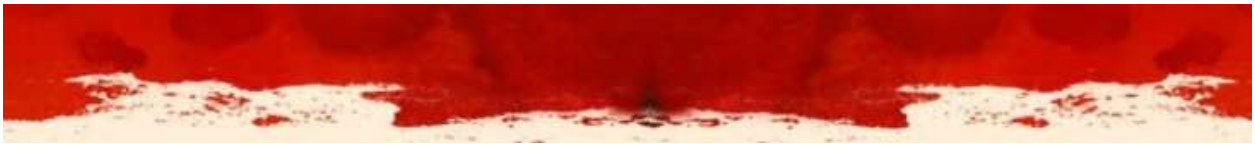
pele quando era um jovem na Inglaterra vitoriana, evitado por ser gay.

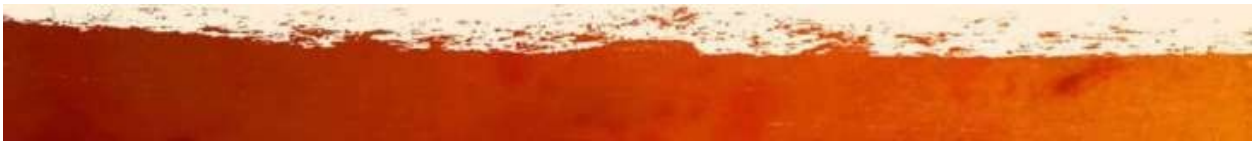
Sua antipatia pelas bruxas não se originou do preconceito. Mas, desejava que fosse por isso. Então seu coração não sangraria de novo toda vez que fosse confrontada com um e lembrada do passado. No entanto, isso não era da conta de ninguém além dela.

— Bem, não sentirei falta dele se não voltar.

Oliver deu uma leve sacudida de cabeça.

— Não acha que está sendo um pouco dura? — Ele trocou um olhar com Thomas, antes de continuar — Não me entenda mal, Wes me tratou mal mais de uma vez e tivemos nossas brigas, mas é um cara legal. Quando chegar a hora, ele poderá ajuda-la.





Uma mão gelada segurou seu coração e apertou-o ao

ponto da dor.

— Nunca pode confiar em um bruxo, não importa o que ele prometa. — *Não importa o quanto ele alegue que ama você.*

— Sinto muito ouvir isso, Roxanne. — disse Thomas, uma expressão pensativa em seu rosto. Ele passou a mão pelo cabelo loiro. — Se você quiser...

O bipe de seu celular a salvou.

— Desculpe-me. — Ela puxou-o do bolso e olhou, suspirando de alívio quando leu a mensagem de texto. — Gabriel precisa de mim. Vejo vocês mais tarde.

Ela praticamente correu do salão V, deixando seu copo de sangue intocado em uma mesa perto da saída. No corredor, ela pegou o elevador até o terceiro andar, onde novos clientes eram recebidos. Quando saiu, Roxanne quase colidiu com Gabriel, que vinha do outro lado do corredor onde ficavam as escadas.

— Oh, aí está você. — disse ele, assentindo.

— Fez parecer que era importante.

— Eu acho que é. — A grande cicatriz que agraciava seu rosto da orelha ao queixo parecia pulsar. Seu rabo de cavalo espesso e castanho escuro estava amarrado na nuca. Ele

apontou para a porta de uma das pequenas salas de conferência. — Preciso da intuição de uma mulher.



Roxanne suspirou. Ótimo, então isso não era sobre ela ter um novo cliente. Era sobre aconselhar Gabriel. Empurrando sua decepção de volta, ela disse:

— Por quê?

— Fomos abordados por um cliente em potencial. Não diz muito, além de que quer proteção. Ele está pedindo quatro guarda-costas e exige que pelo menos um deles seja do sexo feminino.

— Quatro? Quem é? O Presidente dos Estados Unidos?

— Ela brincou. Mesmo os políticos proeminentes raramente recebiam mais do que dois guarda-costas, a menos que existisse uma ameaça credível contra eles.

Gabriel não riu.

— Eu não tenho ideia de quem é. Ou de onde veio. Eddie já buscou seu perfil pelo sistema…

— E?

— Nada. Absolutamente nada. Como se ele nem existisse.

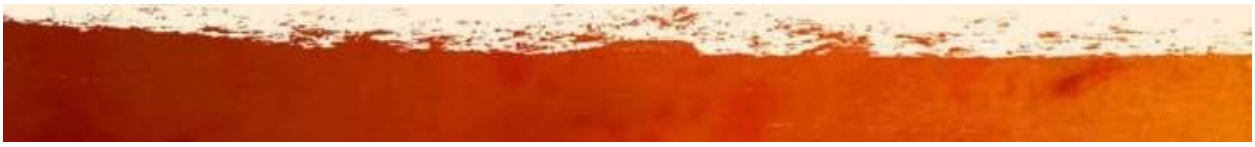
— Bem, se ele não existe, não vejo por que precisa de proteção. — Ela jogou algumas mechas de seu longo cabelo ruivo atrás do ombro. — Você tem sua resposta. Dispense-o. Então, se isso era tudo que precisava, o vejo mais tarde.

— Não é por isso que a chamei aqui em cima.

Roxanne parou e levantou uma sobrancelha.

— O que então?





Gabriel apontou para a porta.

— Quero que se junte a mim enquanto o entrevisto mais. Desvendar, você sabe.

— Desde quando precisa de mim para isso?

— Bem, eu normalmente pediria à Wesley para me auxiliar, mas dadas as circunstâncias. — Ele deu de ombros. — Desde que Wes decidiu perseguir fantasmas, percebi que a melhor pessoa é uma mulher, com uma intuição tão afiada quanto a lâmina de uma faca.

Com o elogio, Roxanne sentiu seu peito se encher de orgulho. Ela

foi

valorizada

aqui

na

Scanguards. Respeitada. Era algo que a iludira no passado. Mas tudo isso ficou para trás. Começou uma nova vida, longe de sua antiga. Se pudesse enterrar seu passado

de uma vez por todas, ficaria feliz, mas, apesar dos muitos anos que se passaram, certas lembranças continuaram a ressurgir.

— Pronta então?

A voz de Gabriel a sacudiu de seus pensamentos.

— Claro, lidere o caminho.

Seu chefe abriu a porta da sala de conferências e entrou. Ela seguiu e deixou seus olhos vagarem. Um homem estava de costas para eles, olhando pela janela para a noite escura. Roxanne fechou a porta atrás dela e inspirou, reconhecendo imediatamente uma coisa: o homem não era humano, nem um vampiro. Ele era um bruxo. Não é de



admirar que Gabriel quisesse que Wesley estivesse aqui. Agora ela entendeu. Aparentemente, nem mesmo Gabriel confiava plenamente em um bruxo.

— Sr. Dubois. — solicitou Gabriel. — Vamos continuar nossa conversa?

— Estava apenas admirando a vista. — disse o alto estranho, virando-se. — Vamos... — Seu olhar se desviou para ela e as palavras morreram.

Assim como tudo dentro de Roxanne seu coração parou, o ar saiu de seus pulmões, e todo o sangue congelou em suas veias como se tivesse caído em um tanque de nitrogênio líquido. Talvez esse cenário fosse a melhor opção, em vez de ter que *enfrentá-lo*. Em vez de ter seu coração partido mais uma vez.

— Charles. — A palavra passou por seus lábios paralisados, espremidos pelo último suspiro de ar que seu corpo estava tentando segurar.



Capítulo 2

— Roxanne.

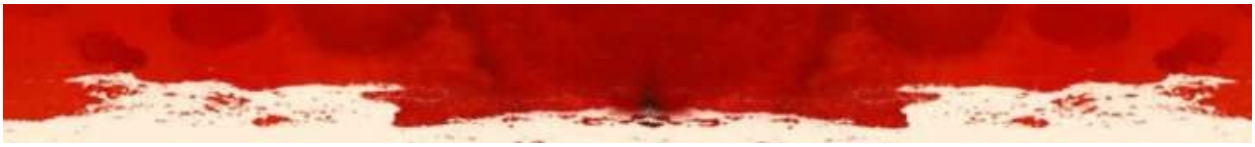
Ele se preparou para esse momento desde que descobrira onde ela morava, mas ainda assim, a visão dela o pegou desprevenido.

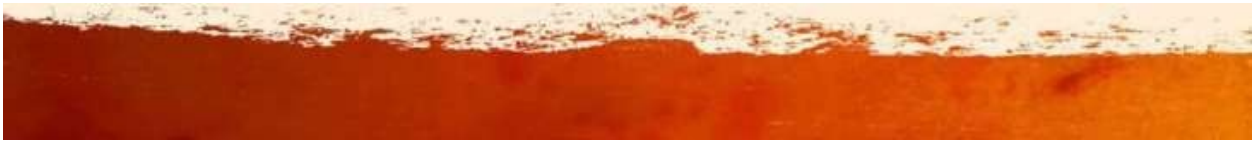
Vê-la era como um sonho, assim como os muitos sonhos que teve com ela, contemplar novamente seus olhos cinzentos e estar sob seu feitiço. Porque até os vampiros poderiam lançar feitiços. Roxanne fez isso vinte e três anos atrás e capturou-o de corpo e alma, estragou-o para todas as outras mulheres, e fez com que ele se arrependesse do que fez todos os dias e noites. O que ele teve que fazer, para que todos ficassem seguros.

Propositalmente, não procurou por ela depois de deixá-

la naquela noite fatídica. O destino deixou cair uma responsabilidade em seu colo que não podia fugir. Mas logo, ele seria absolvido de seu dever e livre novamente. Em breve, poderia tentar se redimir aos olhos de Roxanne e esperar que o perdoasse.

Roxanne parecia exatamente como se lembrava. Seu cabelo ruivo ainda pendia de seus ombros e acariciava seus mamilos quando ela estava nua. Seus lábios vermelhos eram cheios e carnudos, chamando-o para um beijo. Suas longas





pernas estavam cobertas por uma calça preta justa, acentuando seu comprimento. Ele lembrou muito

vividamente, como ela envolveu aquelas pernas ao redor dele e insistiu para que a pegasse com mais força. Sua força de vampiro foi a maior excitação que já experimentou. Mas, apesar da esmagadora força física de Roxanne, eles sempre foram iguais. Porque em seus braços ela se tornava suave e dócil, gemia como uma gatinha mansa sempre que a levava ao clímax. Aqueles foram os momentos em que viu em sua alma e percebeu que nunca estaria livre dela. Ela roubou o coração dele.

Só que agora, aquele mesmo coração corria o risco de ser arrancado do peito, só pelo olhar furioso de Roxanne.

— Vejo que apresentações não são necessárias. — Uma pergunta implícita mudou o tom da voz do chefe da Scanguards.

Mas Charles não lavaria sua roupa suja na frente de um vampiro que conheceu apenas meia hora antes. Isso era entre ele e Roxanne. Entre ele e o amor de sua vida.

Charles abriu a boca, mas não teve chance de dizer nada.

— Como se atreve a vir aqui?

Não era exatamente uma recepção calorosa, não que

pudesse culpá-la. Mas ouvir a fúria na voz de Roxanne e ver os olhos dela brilhando vermelhos enquanto andava determinada em sua direção, mostrou que o tempo não curou a ferida que ele deixou para trás.



— Seu bruxo podre, desonesto, mau, mentiroso! E pensar que confiei em você uma vez! — Seus olhos se estreitaram nele ao mesmo tempo em que suas presas alongaram e espiaram entre seus lábios entreabertos.

Sua pulsação acelerou, dobrando a velocidade com que seu coração batia, embora sua reação não fosse sustentada por medo. Ele sempre gostou de sua mordida, sempre amou a conexão especial que sentiu com ela quando Roxanne cravava as presas em seu pescoço e bebia dele. Mesmo agora, quando ela se aproximava, ódio puro saindo pelos poros, Charles não conseguia reprimir o arrepio em sua espinha ao pensar em

sentir as presas em sua carne mais uma vez. E se ele não tivesse jurado manter sua promessa e cumprir seu dever, deixaria isso acontecer. Mas muita coisa estava em jogo, então morrer em seus braços e pagar pelo que ele fez com ela não era uma opção.

Charles levantou a mão e enviou uma rajada de ar na direção dela, impedindo-a de se aproximar. Roxanne foi empurrada para trás pela barreira repentina.

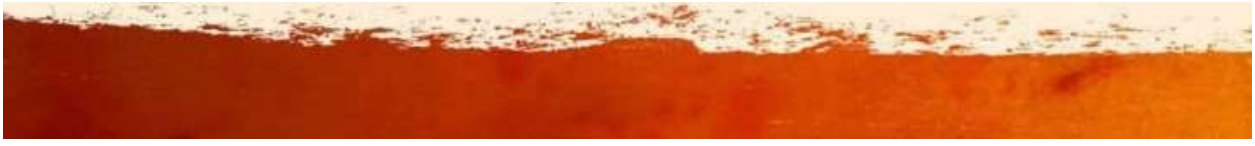
— Não faça nada que possa se arrepender, Roxanne. — ele advertiu.

— Eu não me arrependerei de rasga-lo em pedaços, seu desgraçado! — Ela se afastou e empurrou a barreira.

— Que porra é essa? — Gabriel interrompeu. — Quero uma explicação. Agora!

Charles olhou para o vampiro com cicatrizes.





— Não tem nada a ver com a Scanguards ou o meu pedido de proteção.

Roxanne zombou.

— Tem razão. Você é a última pessoa que a Scanguards concordaria em proteger. Você não vale a pena! Espero que quem queira pegá-lo, chegue até você e o faça sofrer. — Cerrou os dentes, como se segurasse os últimos vestígios de seu controle.

— Você não acha que está sendo um pouco dura, querida?

Ela pulou em sua direção, desta vez, a concentração escorregou, e a barreira que ele jogou desmoronou, ou talvez deixou desmoronar. Roxanne atravessou e bateu-o contra a janela com tanta força que Charles ficou surpreso que o vidro não quebrou ou pelo menos rachou. À prova de balas, ele registrou brevemente, antes de Roxanne o levantar e jogá-lo pela sala onde ele voou para a parede, deixando um amassado, antes de cair no chão.

Ela o atacou novamente, mas não chegou longe. Seu chefe a pegou por trás e a impediu de causar mais danos.

— É o suficiente, Roxanne! — Gabriel ordenou,

mantendo um aperto firme em seu bíceps.

Sua cabeça estalou para seu chefe, e agora ela direcionou a raiva para ele.

— Não pode aceitá-lo como cliente. Ele é escória. Tudo o que ele diz é uma mentira. Não confie nele.



— Vamos ver sobre isso. — Gabriel fez um sinal para Charles. — O que você tem a dizer, Sr. Dubois?

— O nome dele não é Dubois. — interrompeu Roxanne. — E não precisa de proteção. Precisa, *querido*?

Sua última palavra foi um rosnado puro, embora um pequeno raio de esperança ousasse florescer em seu peito, um peito que doía agora enquanto ele tentava se levantar. Involuntariamente, Charles gemeu e se apoiou contra a parede. Pelo que poderia dizer, quebrou uma costela ou duas, talvez três. Nada que um pequeno feitiço de cura

não consertasse depois.

Charles levantou a mão.

— Estou feliz por não ter perdido o seu toque, *querida*.

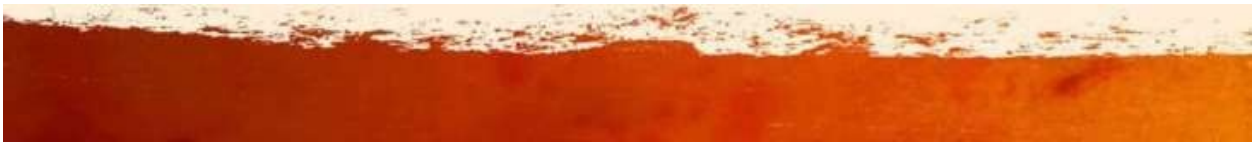
— Ele olhou para Gabriel. — E não se preocupe, não tenho intenção de processar sua empresa por agressão. — Ele ergueu um canto da boca, tentando um sorriso indiferente. — Como pode ver, Sr. Giles, realmente preciso dos seus serviços. Nunca se sabe de onde virá o próximo ataque.

Roxanne rosnou como uma fera enjaulada. E maldição, isso era um tesão. Ele era um filho da puta doente por desejar mais abuso em suas mãos. Charles estava tão faminto pelo toque dela que até aceitaria uma surra, apenas para sentir suas mãos nele novamente.

— Fique de pé, Roxanne. — Gabriel ordenou, lançando um olhar severo para ela.

— Não vai ouvir esse bastardo, vai? — Ela balançou a cabeça descrente. — Não pode estar falando sério! Você pediu





minha opinião. Eu dei. Ele é podre. Não se envolva com ele. Só se arrependerá. Todos nós vamos.

— Talvez possamos discutir isso de uma maneira mais civilizada. — sugeriu Gabriel, embora rangesse os dentes, aparentemente não tão calmo quanto fingia estar.

Roxanne apoiou as mãos nos quadris.

— Não há nada para discutir.

— Claramente há muito. — sugeriu Gabriel.

— Sr. Giles. — interrompeu Charles. — Posso assegurar que, apesar do fato de que Roxanne e eu não nos damos bem ultimamente...

— Eu chamaria isso de eufemismo. — Gabriel interrompeu casualmente.

— Que seja, venho aqui apenas para procurar seus serviços. Não tenho intenção de prejudicar nenhum de vocês.

— Mentiroso! — Roxanne olhou para ele e se dirigiu diretamente ao chefe. — Se o aceitar como cliente, então eu...

— Roxanne! — Gabriel avisou.

Mas seu chefe deveria saber. Mesmo depois de vinte e três anos, Charles ainda a conhecia melhor do que qualquer outra. Roxanne foi informada muitas vezes pelos homens sobre o que fazer ou não. E ele podia ver isso nela agora: estava prestes a quebrar.

— Eu me demito!



Ah, maldição! Charles esperava que fizesse algo imprudente, mas desistir? Por causa dele? Isso não fazia parte do plano.

— Você não pode simplesmente se demitir! — Gabriel apaziguou. — Espere no meu escritório. Conversaremos.

— Eu não tenho nada a dizer! — Roxanne gritou e correu para a porta. Ela abriu-a. — Terminei com isso! — E saiu, batendo a porta com tanta força que a taça de vidro na mesa de conferência tremeu.

Por vários momentos, a sala de conferências ficou silenciosa. Charles fechou os olhos, respirando fundo. Com isso, seus pulmões se expandiram e pressionaram contra suas costelas, causando dor em seu peito.

— Porra!

Gabriel deu alguns passos em direção a ele, mas Charles levantou a mão.

— Estou bem. São apenas algumas costelas quebradas.

— Ele forçou um sorriso. — Embora eu não me importaria de continuar a nossa conversa sentado.

Gabriel fez um gesto para uma cadeira.

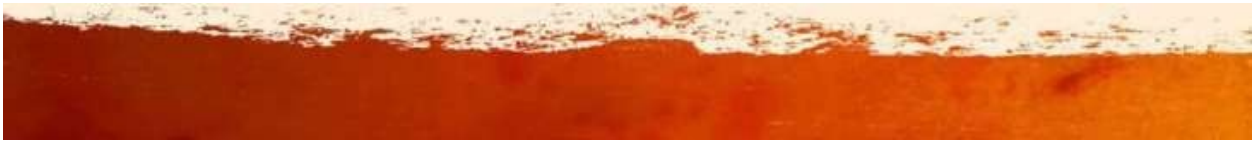
Com gratidão, Charles se abaixou para sentar e observou seu anfitrião fazer o mesmo.

— Não dirá do que se trata, não é? — Perguntou Gabriel.

Charles levou seu tempo respondendo.

— Não.





— Pensei isso. Então, como posso ajudá-lo?

— Como eu disse, gostaria de quatro guarda-costas. E que um deles fosse Roxanne. — Essa parte era crucial. Era a única maneira que ele a forçaria a estar em sua presença e dar-lhe a oportunidade de consertar velhas feridas.

— Talvez sua audição foi danificada quando Roxanne o jogou contra a parede, porque obviamente não ouviu que ela simplesmente desistiu.

Charles riu.

— Então, não conhece Roxanne muito bem.

O chefe da Scanguards levantou uma sobrancelha e cruzou as mãos.

— Esclareça-me.

Charles apontou o polegar para a porta.

— Essa foi apenas a sua maneira de me dizer que ela ainda me ama.

— Hmm. Acho que é hora de ligar para minha esposa para cuidar de suas necessidades médicas. Parece que você tem uma concussão além daquelas costelas quebradas.

— Acredite em mim, Sr. Giles, não há nada de errado

com o meu cérebro.

Embora ele não pudesse dizer o mesmo de sua mente, claramente enlouqueceu.





Capítulo 3

Vinte e três anos atrás

Roxanne lançou outro olhar pelo corredor do hotel, primeiro à esquerda e depois à direita. Estava vazio. Então bateu na porta. Que abriu instantaneamente, e Charles a puxou para o quarto, fechando a porta atrás dela.

Seus lábios estavam nos dela um momento depois, beijando-a com a mesma saudade que ela tentou manter contida durante as longas noites em que estiveram separados. Colocou os braços ao redor dele e sentiu a possessividade surgir, apesar do fato de que o que eles faziam era errado. Errado em tantos níveis. Porque uma vampira nunca deveria amar um bruxo. Mas ela não podia mandar seu coração parar de amá-lo, não importando as consequências. Charles incorporou tudo o que ela sempre quis em um homem: força, integridade e bondade.

Quando Charles finalmente soltou seus lábios, ambos respiravam com dificuldade.

Ele pressionou a testa na dela.

— Alguém a viu?



— Eu tomei cuidado. Esperei que Silas saísse com seus homens. — Roxanne estremeceu internamente, sabendo muito bem que sempre que Silas e seu grupo heterogêneo de vampiros sádicos deixavam o complexo, o faziam para causar estragos. E ela foi pega no meio.

— Ótimo.

— Mas não tenho muito tempo. — Ela tinha que voltar antes que os homens retornassem e a notassem, ou Silas sentiria um cheiro de rato e designaria alguém para ficar de olho nela.

— Eu sei, querida. — Charles murmurou e se ocupou

tirando o top dela. O ar frio soprava em sua pele aquecida, proporcionando um alívio muito necessário. — Mas preciso de você. Já faz muito tempo.

Roxanne já desabotoava a camisa dele, não querendo perder tempo também. Eles só tinham esses momentos roubados e sabiam como aproveitar ao máximo.

Levou apenas alguns segundos até os dois estarem nus. Charles os manobrou para a cama grande. Quando Roxanne sentiu os lençóis macios sob suas costas e o corpo nu de Charles em cima dela, suspirou em contentamento.

Amava seu físico bem torneado, o torso magro, as coxas musculosas. E o rosto emoldurado por cabelos curtos e escuros, seu queixo forte, lábios carnudos e nariz reto. Mas acima de tudo, ela amava os olhos cor de chocolate dele. Eles significavam tudo de bom nele: era um homem de honra.





— Charles, preciso de você. — ela murmurou contra seu pescoço. — Por favor, me tome.

Ele levantou a cabeça e passou os dedos pelos cabelos dela.

— Preciso tanto. Mas não apressarei isso. Você merece o melhor. Porra, merece muito mais que aquele animal...

Roxanne pressionou um dedo nos lábios dele, calando-o.

— Não vamos falar sobre ele. Sabe que não posso terminar. Eu sei muito sobre as operações. Silas não pode se dar ao luxo de me deixar viver.

A dor iluminou os olhos de Charles. Então uma das lâmpadas de cabeceira explodiu.

— Charles! — Ela insistiu, sabendo que o poder dele foi o culpado. Ela nunca teve medo, embora não tivesse defesa contra isso. — Por favor, tem que ficar no controle. — Ou eles poderiam chamar a atenção. E isso era algo que não podiam permitir. Era uma das razões pelas quais sempre se encontravam em lugares diferentes, nunca na casa de Charles, com medo de que um dia alguém a seguisse.

— Como posso? — ele saiu do chão — Quando está com ele, temo pela sua vida. Não entende o que faz comigo? —

Charles rolou para longe dela e olhou para o teto. — Não podemos continuar assim por mais tempo.

Ela sentou com um sobressalto.



— Está me dizendo que me abandonará? — Um soluço subiu pelo peito, mas antes que pudesse sair de seus lábios, Charles levantou e agarrou os ombros dela.

— Por que pensaria assim? Como poderia abandoná-la? Eu te amo, Roxanne! Mais que a minha própria vida.

Embora as palavras fossem um alívio, sua expressão tempestuosa não ajudou a aliviar suas preocupações.

— Então o quê?

— Nós temos que ir embora. Juntos.

— Mas ele não permitirá.

— Você não pedirá permissão.

— Ele me perseguirá.

— Não, vai pensar que está morta.

O batimento cardíaco dela acelerou.

— Oh, meu Deus, o que está planejando?

Ele segurou a bochecha dela e acariciou, olhando profundamente em seus olhos.

— Pensei em tudo. É o único jeito de estarmos juntos. Temos que encenar a sua morte.

— Mas como?

— Daqui duas noites, me certificarei de que Silas receba a informação de um informante de que há presas fáceis esperando por ele. Ele e seus homens deixarão o complexo. É quando você agirá.



Roxanne mordeu o lábio, preocupando-se com ele. Cruzar um homem malvado como Silas era como assinar sua própria sentença de morte.

— Se alguma coisa der errado, ele me caçará como um cachorro. Eu deveria apenas matá-lo.

— Não! — Charles quase gritou a palavra. — Mesmo se você for capaz de matá-lo, os homens dele a matarão. E nunca sairá de lá viva. Não a permitirei fazer isso. Eu prefiro ir lá e matá-lo.

Lágrimas brotaram nos olhos dela.

— Você sabe que não chegará perto o suficiente. Os homens dele o sentirão, apesar do seu poder, ou talvez por causa disso. Terão a vantagem. Eles te matarão só porque podem. E se fizerem isso, sabe que não ficarei parada. Sabe que tentarei pará-los. E então nós dois morreremos. Nunca sairemos vivos se tentarmos matar Silas.

— Então não temos outra escolha. Temos que ter certeza de que Silas ache que está morta. Nós teremos certeza que sua morte é possível. Já que um vampiro não deixa um corpo para trás, apenas poeira, será simples. Tire suas joias e coloque-as no chão do seu quarto, junto com o celular. Faça parecer que houve um arrombamento. Deixe uma estaca no chão e espalhe pó no mesmo lugar.

— Ele nunca acreditará. O complexo é seguro. Ninguém

pode entrar. Silas se certificou disso.

Charles balançou a cabeça e se levantou, pegando a jaqueta, que estava sobre a única poltrona da sala.



— Se houver evidências de feitiçaria, Silas pensará que uma bruxa usou um feitiço para entrar e matá-la. — Ele tirou um amuleto do bolso e mostrou a ela.

— O que é isso?

— É a pedra de proteção de uma bruxa. Muitas bruxas as carregam. Rasgue a corda de couro e jogue-a no chão do teu quarto. Faça parecer que você estava lutando com uma bruxa. Quando Silas encontrar, terá provas de que você foi morta por uma bruxa. Ele não tentará encontrá-la. Estará muito ocupado se vingando das bruxas.

— Mas isso não colocará em risco todas as bruxas desta cidade?

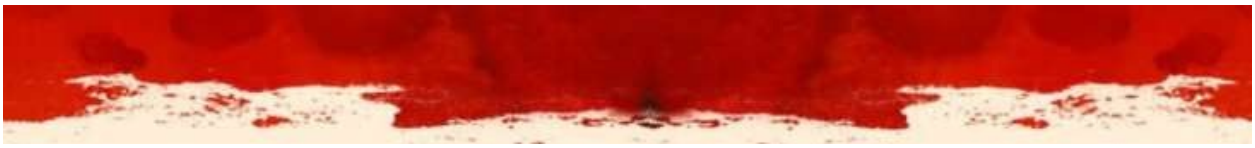
Charles suspirou e colocou o amuleto na mesa de cabeceira antes de se juntar a ela na cama novamente.

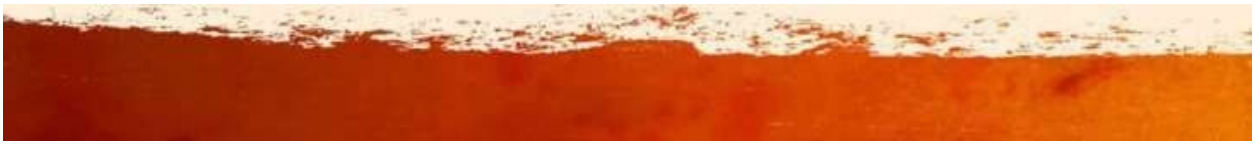
— Já existe uma guerra aberta entre os vampiros e as bruxas. Isso não mudará nada. Não tornará as relações entre as duas espécies mais tensas do que já são. O que fará é libertá-la. Sabe disso. No fundo, você sabe que esta é a nossa única chance. Não podemos esperar ajuda de meus companheiros bruxos. Eles nunca a aceitariam. Matariam na hora. Estamos por nossa conta. Só você e eu.

—Está realmente preparado para dar tudo isso para mim?

Ele sorriu.

— Oh, Roxanne, do que desistiria? Sabe que não faço parte de um coven. Nunca gostei das regras draconianas e





ideias preconcebidas de quem é bom e quem é ruim. Olhe

para nós. — Ele deslizou a mão sob o queixo dela, acariciando com o polegar. — Não provamos que não precisa haver guerra e ódio entre nossa espécie? Não provamos que pode haver amor?

Lágrimas surgiram nos olhos dela.

— Estou com medo, Charles.

— Não tenha. — Charles pressionou um beijo carinhoso em seus lábios.

Ele puxou-a para mais perto, envolvendo os braços em volta do seu peito nu.

—

Nós

teremos

um

futuro. Juntos. Estaremos

livres. Você não quer isso?

— Eu quero.

— Então confie em mim.

Roxanne olhou firme em seus olhos, vendo seu amor por ele refletida de volta para ela.

—Confio em você.

Ele sorriu para ela.

— Diga que me ama.

— Eu te amo.

— O suficiente para passar a eternidade comigo?

— Eternidade? — Roxanne perguntou, lambendo os lábios. Ela sabia o que isso significava.



— Sim, como um casal de sangue. Porque o pensamento de você morder outra pessoa me enfurece. — Como se para enfatizar sua declaração, as luzes da sala piscaram, respondendo ao poder dentro dele. — Eu quero que o único sangue que você beba seja o meu.

— Charles... — Seu olhar foi para o pescoço, onde uma veia grossa latejava. Ela podia ouvir sua pulsação, sentir a riqueza de seu sangue. O seu sangue de bruxo. A maioria dos vampiros odiava o sabor disso, mas não ela. Roxanne

adorava. Amava prová-lo, beber dele. Assim como amava o jeito que Charles respondia a sua mordida. Ela nunca viu um homem se tornar tão apaixonado e desenfreado. — Meu amor. — Ela passou a mão pelo cabelo escuro e grosso, puxando-o para mais perto. — Como se eu pudesse beber o sangue de outro homem.

Um lampejo de excitação brilhou em seus olhos. Ele levantou a mão para o rosto dela, esfregando o polegar sobre o lábio inferior.

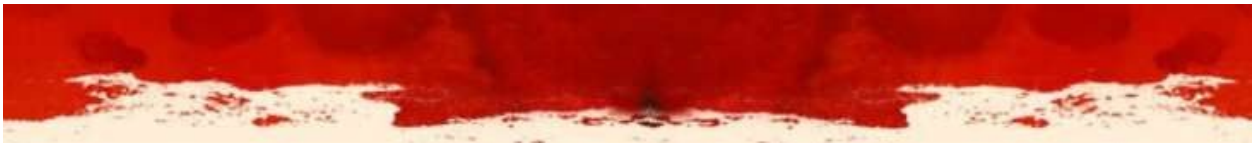
— Mostre.

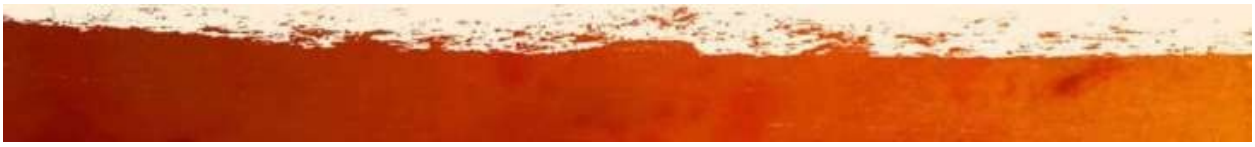
Roxanne separou os lábios e permitiu que suas presas descessem.

— Deus, você é linda! — Charles sussurrou e pressionou de volta nos lençóis, rolando sobre ela.

Ela abriu as pernas automaticamente e sentiu sua ereção roçar na coxa. Adorava isso também, que ele ficava duro tão rápido. Isso a fez se sentir desejada.

— Eu te amo, Roxanne.





Olhando nos olhos, ele mergulhou nela, seu eixo grosso enchendo-a, esticando-a. A primeira invasão era sempre assim: de tirar o fôlego, emocionante, eletrizante. E toda vez ela ansiava mais. Ansiava mais de Charles. Ela nunca amou Silas assim. Nem mesmo antes de descobrir quão mal ele era. Mas Charles... Nele, encontrou sua alma gêmea. O único homem que realmente a entendeu e cumpriu todas as suas necessidades. Assim como ele faz agora.

Seus movimentos eram lentos a princípio, quase provocantes. Roxanne envolveu as pernas ao redor da parte superior das coxas dele, puxando-o para mais perto de seu centro.

Charles riu de sua tentativa de convencê-lo a ir mais rápido e forte.

— Sua pequena raposa. Acha que pode usar sua força de vampiro para me fazer apressar isso? — Ele riu. — Pense de novo.

Antes que ela soubesse o que ele estava prestes a fazer,

sentiu um aperto em torno de seus pulsos. Seus olhos dispararam para eles, mas não havia nada para ver. No entanto, tentáculos invisíveis puxaram suas mãos para trás, até que descansavam em cada lado de sua cabeça como se alguém a prendesse. Charles usava bruxaria para fazê-la cumprir seus desejos.

— Que desonesto. — murmurou, embora não pudesse reprimir um sorriso e suas mãos estivessem agora amarradas



por cordas invisíveis. Cordas que, nem mesmo sua força de vampiro poderia rasgar.

— Agora seja uma boa mulher e deixe-me fazer amor com você do jeito que merece. Lenta e suavemente.

— Por que acha que mereço isso?

— Porque me faz esquecer o porquê os bruxos odeiam vampiros e te vejo pelo que você realmente é: uma mulher

com um coração bom e generoso. E porque não posso viver sem você.

Ela sentiu a umidade acumular em seus olhos enquanto olhava para ele.

— Veja. — Charles sussurrou, carinhosamente acariciando os dedos ao longo de seu pescoço, até o mamilo, onde ele esfregou o broto duro. — Essa é a mulher que eu amo. A mulher que se rende a mim quando me rendo a ela.

Lentamente ele quebrou o contato visual e baixou a cabeça até o seio dela, capturando o mamilo e passando a língua nele. Um gemido estrangulado escapou de sua garganta e saltou contra as paredes do quarto do hotel.

— Então se renda já. — ela exigiu.

— Estou. — Ele chupou mais forte enquanto a apertava com as mãos.

Mais abaixo, seus quadris começaram a se mover e ele retirou seu pênis antes de mover-se de volta para ela.

— Estou me rendendo. — ele repetiu, mergulhando mais fundo e com mais força.



De repente ela sentiu as restrições em seus pulsos afrouxarem, não perdeu tempo e colocou os braços ao redor dos ombros dele, puxando-o para mais perto. A ação o fez empurrar novamente. E de novo.

— Sim! — Roxanne gritou e arqueou as costas.

— Porra, baby! Irá me fazer gozar rápido demais.

— Não me importo! — Tudo o que ela precisava era senti-lo estremecer dentro dela para saber que tudo ficaria bem. — Apenas me ame.

— Sempre, meu amor, sempre.

Ela deu boas-vindas quando Charles começou a empurrar mais, quando ele dirigiu seu pênis mais fundo do que ela pensava ser possível. Os sons de seu ato amoroso foram amplificados na

pequena

sala

do

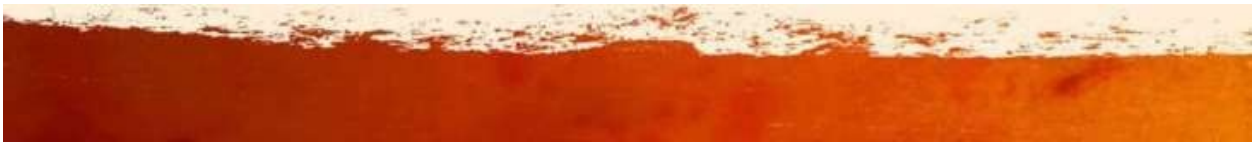
hotel

sombrio. Gemidos e suspiros ricochetearam nas paredes. Mas Roxanne podia ouvir outros sons também, sons que a audição de bruxo de Charles não conseguia captar: o som de seus batimentos cardíacos enquanto eles tamborilavam mais freneticamente, batendo mais rápido e mais alto a cada segundo.

Ela sentiu o prazer aumentar em seu corpo, as ondas de seu orgasmo se aproximando cada vez mais fortes, e ela sabia que era hora.

Passou a mão no cabelo dele, e Roxanne o puxou para si. Seus olhos brilhavam em expectativa, e ele inclinou a cabeça, oferecendo-lhe o que ambos queriam. Essa conexão especial que apenas a mordida de um vampiro poderia criar.





Debaixo de sua palma, ela o sentiu tremer.

— Oh, Deus, sim! — ele soltou um gemido, fazendo-a querer ainda mais, porque Charles se entregou tão plenamente a ela. Sem restrições, sem arrependimento.

Suas presas coçaram e ela as trouxe para a pele dele. Ela lambeu, provando o salgado de seu suor limpo, sentindo a veia trêmula por baixo. Incapaz de resistir mais um segundo, ela levou as pontas afiadas de suas presas ao pescoço dele e chupou a veia rechonchuda.

Sangue rico encheu sua boca, enquanto mais abaixo, o pênis de Charles contraiu e sua semente derramou nela. Ela engoliu o sangue de seu amante e quando ele desceu pela garganta, seu corpo inteiro convulsionou. O orgasmo a atingiu como um maremoto do tamanho de um arranha-céu. Juntos, eles montaram a crista da onda, pairando suspensos em um oceano de êxtase.

Jamais sentira isso: é bom, perfeito. Assim como o futuro deles.

Ela acreditou naquele momento. Acreditou com todo seu coração. A alma dela. A vida.

Só para ter sua confiança nele destruída dois dias depois.



Capítulo 4

Hoje

Depois de dormir mal e sonhar ainda pior, Roxanne ligou o celular e sentou na cama. Tinha uma mensagem do departamento de pessoal da Scanguards. Eles alegaram que, para liberar seu último pagamento, Roxanne teria que ir ao escritório para uma entrevista de saída. Sim, ela não

acreditou nisso por um segundo. No entanto, saiu da cama e se dirigiu para o chuveiro, imaginando por que Gabriel se incomodava mesmo em tentar fazer com que ela retirasse sua renúncia. Era perda de tempo.

Uma hora depois, Roxanne entrou no quartel-general. A levaram ao escritório de Gabriel. Mas ele não estava sozinho. Tinha a arma grande: Samson.

O dono da Scanguards, um belo vampiro de cabelos negros, olhos cor de avelã e uma reputação de ser justo e durão, apontou para uma cadeira.

— Sente-se, Roxanne.

Ela cruzou os braços.

— Não ficarei muito tempo.

Samson assentiu com um olhar contemplativo no rosto.



— Então serei breve. — Ele levantou de sua cadeira e

chegou mais perto. — Você é parte da nossa família.

Onde ela ouviu isso antes? Sim, Silas. Ele sempre dizia coisas assim, embora vindo da boca de Samson, as palavras não tinham o tom que Silas usou para transformá-las em ameaça.

— Está conosco há mais de vinte anos e todos nos apaixonamos por você. Ele sorriu. — Todas as garotas a olham.

— Vanessa quer ser como você. — Gabriel lançou, referindo-se a sua filha de dezessete anos. — O que direi a ela se descobrir que nos deixará?

Samson apontou o polegar por cima do ombro na direção de Gabriel.

— Ele tem bastante dificuldade em manter seus filhos sob controle. Nós teremos um tumulto em nossas mãos, e eles nos culparão pela sua partida.

— Está exagerando. — Não que ela não gostasse dos jovens híbridos, das crianças meio-vampiras meio humanas de seus chefes e colegas, mas havia questões mais importantes ali. Não podia estar na mesma cidade que Charles. — Eles são jovens, irão superar.

— Você poderia?

Ela ficou séria, sabendo muito bem ao que ele estava se referindo.



— Sou mais forte do que você pensa. — Se sobreviveu a uma traição devastadora, ela poderia sobreviver a isso.

Gabriel levantou da cadeira e se juntou a Samson.

— E é exatamente por isso que precisamos de você. Na verdade, é a única que pode nos ajudar neste caso.

Roxanne olhou para Gabriel.

— Já disse que não terei nada a ver com aquele bruxo desonesto. E também não deveria! Ele só o prejudicará.

— Receio que... — Samson disse calmamente — não tenhamos escolha. Esta é uma tarefa que não podemos nos dar ao luxo de rejeitar.

Roxanne franziu o cenho.

— Você não tem dinheiro suficiente? Quão ganancioso...

— Não é sobre dinheiro. — Samson interrompeu seu tom mais afiado agora. — Longe disso. Temos razões para acreditar que o Sr. Dubois está mentindo para nós.

— O nome dele não é Dubois, é Whedon. E eu já disse a Gabriel que ele está mentindo. O que mais há para fazer senão rejeitar seu pedido? — Seus chefes não conseguiram isso? Eles não eram tão intensos normalmente.

— O fato de que ele está mentindo, ou melhor, não nos diz por quê exatamente precisa de proteção pesada, é a razão pela qual temos que aceitar essa tarefa. — explicou Samson, trocando um olhar com Gabriel. — Eu falei com Haven e Katie.

Roxanne encolheu os ombros, confusa agora.



— O que Haven e Katie têm a ver com isso?

— Além de Wes, eles têm mais experiência com bruxas e seus jogos. Eles compartilham nossas suspeitas.

Roxanne apoiou as mãos nos quadris, impaciente.

— Pode ir direto ao ponto?

— Acreditamos que há algo acontecendo no mundo das bruxas, e queremos ter certeza de que não nos afete. Chame isso de cautela, de um ataque preventivo. Mas precisamos descobrir por que ele está na cidade.

Involuntariamente, Roxanne balançou a cabeça.

— Ah não. De jeito nenhum. Você não me usará para bisbilhotar aquele idiota e sua porcaria de bruxa.

Samson deu um passo mais perto.

— Por favor, Roxanne. Sei que você consegue.

— Mas não vou. Não quero nem estar na mesma cidade que aquele bastardo, muito menos na mesma sala protegendo sua bunda inútil.

Quando Samson fez um movimento para falar de novo, Gabriel interveio:

— Permita-me. — Então olhou para ela. — Depois que você foi embora, Dubois, quero dizer, Whedon, disse que acredita que você ainda o ama e...

— Esse pedaço inútil de...

— Mas percebi que ele ainda a ama. Se alguém pode se aproximar dele, é você.



Isso calou a boca dela. E simplesmente olhou para Gabriel, incapaz de formar uma frase coerente. Segundos se passaram, então balançou a cabeça. Não, Charles não a amava. Se amasse, ele não a trairia.

— Aqui está o plano: você será a líder na tarefa. Enviaremos o backup assim que Quinn alterar a lista de atribuições e transferir algumas pessoas. Enquanto isso, você analisará as coisas, avaliará se eles precisam ser realocados para um local mais seguro.

— Eles? — ela perguntou.

— Sim, ele e sua companheira, uma mulher chamada Ilaria Dubois. Ele a quer protegida vinte e quatro horas, sete

dias da semana.

O coração de Roxanne parou. Charles trouxe uma mulher?

— Deixe-me ver se entendi: quer que eu proteja Charles e sua esposa, e...

— Nós não sabemos se ela é sua esposa. — Samson interrompeu.

— Oh, por favor! — Roxanne assobiou. — Por que mais ele a protegeria? E, além disso, quer que eu me aproxime dele, para que me diga porquê está realmente aqui?

— É isso em poucas palavras.

— E como devo fazer isso quando ele está aqui com a porra da sua esposa?

Gabriel olhou para Roxanne com calma.



— Como Samson disse, ela provavelmente não é sua

esposa. Ou teria dito isso, ele a chamou de companheira.

— Eu não me importo como ele a chama! — Porque agora estava furiosa. Charles tinha uma mulher, enquanto ela nunca foi capaz de confiar em outro homem o suficiente para ter um relacionamento. E ofereceu muito, mas nada acabou durando mais que uma noite. E agora Charles apareceu em sua cidade, procurando por ela e, aparentemente, disposto a sair do seu caminho para esfregar a tal companheira em seu nariz?

— Roxanne. — Gabriel disse suavemente, o máximo que esse homem intimidador seria capaz. — Você é a única que pode se aproximar dele. Precisamos saber o que ele está planejando. Se quiser se vingar por tudo o que ele fez com você, esta é a chance. Terá nosso total apoio.

Ela olhou nos olhos de Gabriel e viu a sinceridade neles. Ela desviou o olhar para Samson e viu a mesma expressão.

— Farei isso sob uma condição.

— Que condição? — disse Samson.

— Se ele estiver colocando o nosso mundo em perigo, com suas ações, quero ser a única a matá-lo.

Por um momento Samson ficou em silêncio, contemplando suas palavras.

— Se as ações justificarem isso... Garantirei que você será a única a distribuir a punição... Seja o que for.



Ela assentiu. Se chegasse a isso, eles finalmente se igualariam e Roxanne poderia esquecer o seu passado.



Capítulo 5

Pela décima vez, Charles olhou para o relógio. Ele recebera a ligação da sede da Scanguards quase uma hora atrás, avisando-o que aceitaram a tarefa e enviaram os guarda-costas que ele pedira para Ilaria imediatamente. Pela demora, ele quase desistiu de receber uma resposta positiva.

O apartamento corporativo que alugou para a sua estada em São Francisco ficava no último andar de um prédio alto perto da orla e tinha um porteiro 24 horas. Ele ligou para a recepção mais cedo para garantir que as pessoas da Scanguards fossem liberadas imediatamente.

Quando a batida soou na porta, Charles puxou os ombros para trás e respirou fundo, notando que suas costelas agora pareciam completamente normais, graças a um feitiço de cura e poção que inventou depois de retornar de sua reunião inicial na Scanguards. Ele tinha que admitir, Roxanne não era fácil. A única maneira de reconquistá-la seria com a verdade.

Hora do show.

Charles girou a maçaneta e abriu a porta. A visão de Roxanne lhe tirou o fôlego, assim como na noite anterior. Por

um momento, ele bebeu as feições dela, depois se recompôs e olhou o corredor do hotel.



— Está sozinha?

Ela passou por ele e entrou no apartamento.

— Meus colegas estão vindo.

Ele deixou a porta fechar e a observou estudando os arredores.

— Eu não gosto disso. — disse ela.

— O apartamento? — Ele perguntou. Era genérico, nu e definitivamente frio. Charles já esteve em pior. E não planejava ficar aqui por muito tempo.

Roxanne olhou por cima do ombro, um lado do lábio puxado para cima em um gesto irônico.

— Não é seguro.

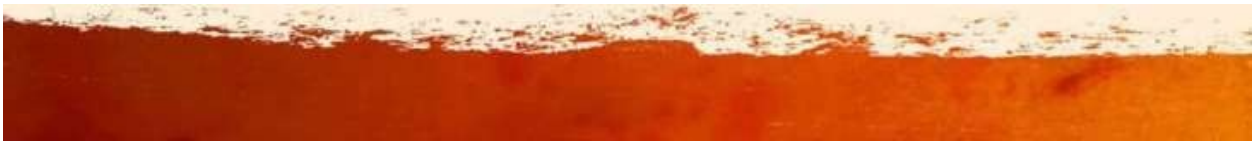
— Escolhi porque tem um porteiro vinte e quatro horas.

Ela andou pela sala, abriu as portas do armário, olhou pela janela e para o corredor que levava aos outros quartos.

— A recepção é uma piada. Eu praticamente tive que acordar o vovô lá embaixo. E há vários pontos de saída que não são suficientemente seguros. O portão para a garagem poderia facilmente ser invadido por qualquer um a pé, e alguém com um pouco de conhecimento técnico poderia substituir o sistema de entrada com chave nos elevadores, contornando o saguão por completo.

Sua avaliação pareceu decepcionante e ele tentou não levar para o lado pessoal. Afinal, sobreviveu por quase vinte e três anos com vários bruxos poderosos o caçando. Seus sentidos sobrenaturais sempre o avisaram a tempo quando





alguém que queria feri-lo estava próximo. Eles compensaram sua falta de treinamento tradicional de segurança. Mas as

palavras, no entanto, pareciam um fracasso. Vindo da mulher que ele ainda amava tão ferozmente como quando a deixou, feriu como um ferrão.

Ele tentou uma resposta mordaz, mas não conseguiu.

— Ainda bem que não assinei um contrato de longo prazo.

Um som semelhante a um grunhido veio de Roxanne quando ela entrou na cozinha aberta e examinou a janela sobre a pia.

— Essa não abre. Além disso, estamos no décimo quarto andar. Um pouco difícil de subir aqui, o exterior é de vidro. — disse ele, ainda sentindo que tinha que defender sua escolha de esconderijo.

Roxanne lançou lhe um olhar descontente.

— Eu tenho olhos. — Então ela marchou para fora da cozinha. — Acho que é hora de conhecer Ilaria.

Ele demorou a responder. Havia coisas que ele precisava dizer a Roxanne antes das duas se conhecerem, porque a hostilidade que Roxanne exibia em relação a ele poderia pôr todos em perigo.

— Queria explicar algumas coisas primeiro. Enquanto

estamos só você e eu.

Ela estreitou os olhos em suspeita.



— Oh, entendi. Você quer ter certeza de que sua esposa não descubra sobre o nosso...

— Minha esposa?

Ela balançou a cabeça na direção das portas ao longo do corredor.

— Ilaria. Não se preocupe, não tenho intenção de lavar roupa suja.

— Ilaria não é minha esposa.

Roxanne encolheu os ombros, claramente não convencida.

— Sua namorada então. Ou *companheira*. — Ela poderia muito bem fazer aspas no ar ao redor da última palavra. — Eu não me importo com que porra você chama. Brinquedo

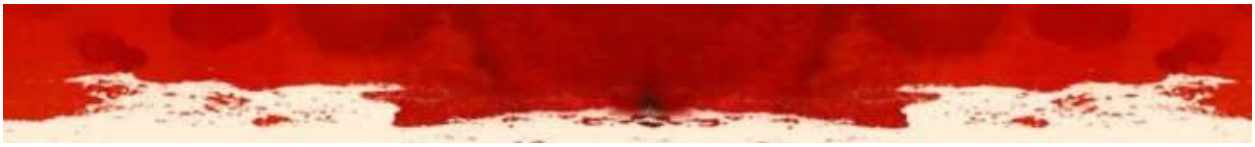
talvez? Garota do dia?

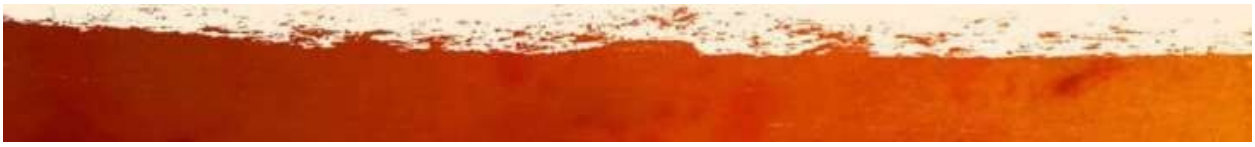
— Ele me chama de sobrinha.

Com as palavras, Roxanne virou e olhou para Ilaria, que agora estava no corredor. Ela vestia jeans e um suéter, sua figura esbelta emoldurada por cabelos compridos. Jovem e vulnerável, mas não desamparada. Sua aura brilhava em débeis tons vermelhos, sinal de que estava agitada.

— E eu o chamo de tio. — acrescentou Ilaria.

— Pedi para ficar no seu quarto até eu chamar — Charles advertiu, embora tivesse a voz calma e uniforme, como sempre fazia na presença dela, particularmente quando a raiva aumentava, querendo explodir para a





superfície. Apenas se ele permanecesse calmo seria capaz de ajudar Ilaria a encontrar seu equilíbrio novamente.

— Você me ensinou a me defender. É tudo o que estou fazendo. — Ela olhou para Roxanne e deu alguns passos em direção a ela. — Deve ser Roxanne.

Roxanne assentiu, mas sua resposta foi dura.

— Ilaria. — Quando ela virou e olhou para ele, Charles viu confusão em seus olhos. — Nunca me disse que tinha uma sobrinha. Ou irmãos.

— Eu ia.

Ela zombou.

— Um pouco tarde para isso.

— Nunca é tarde demais para a verdade. — ele a contradisse, procurando em seus olhos, mas ela virou, negando-lhe a conexão que queria estabelecer.

— Preciso verificar o resto do lugar.

Ilaria apontou para a porta aberta, ainda um pouco chateada, embora a cor de sua aura não mudou de tom. De

alguma forma, ela estava se controlando.

— Esse é o meu quarto. E aquele é o de Charles. O banheiro é acessível por ambos os quartos.

Roxanne foi primeiro ao quarto de Charles, abriu a porta e entrou. Ele sabia o que ela encontraria: um espaço funcional sem qualquer decoração, as poucas coisas que possuía penduradas no armário grande demais, a cama feita.



Charles não a seguiu quando ela entrou no banheiro. Em vez disso, caminhou até a porta aberta do quarto de Ilaria e esperou até que Roxanne entrasse na sala pela porta de comunicação. Surpresa registrada em seu rosto, porque o quarto de Ilaria não era nada parecido com o dele. Era decorado com carinho, com todas as frescuras que uma jovem de vinte e três anos gostava. Colorido e quente. Assim como a própria Ilaria.

— Não é real. — ele se sentiu obrigado a dizer.

Roxanne olhou para ele com uma sobrancelha levantada.

— Tudo o que você vê é uma ilusão. — Ele se virou para Ilaria que se aproximou dele. — Mostre à Roxanne como o quarto realmente é.

— Eu preciso? Gosto assim.

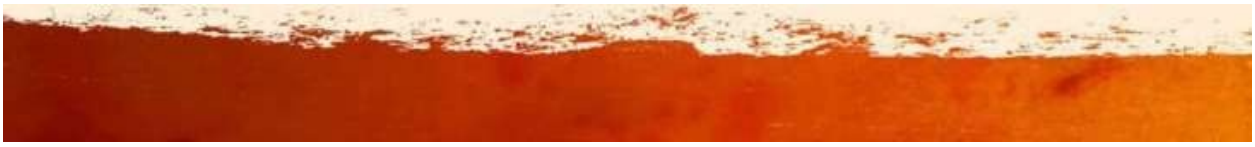
— Só por um momento. — disse ele, colocando a mão em seu antebraço. Ele estava orgulhoso de suas habilidades, embora ninguém, exceto ele, pudesse vê-las.

Suspirando, Ilaria fez um gesto amplo com o braço e a sala transformou-se no mesmo ambiente insípido e estéril que o resto do apartamento.

Ele podia ver que a exibição de feitiçaria enervava Roxanne, embora ela tentasse não demonstrar isso. Em vez disso, olhou para Ilaria, a pergunta já saindo de seus lábios.

— Por que faz isso?





Ilaria encolheu os ombros e fez outro movimento com o braço, transformando o quarto de volta ao seu estado anterior.

— Para parecer meu lar.

— Só não fique muito confortável. — uma voz masculina fria vinda da sala de estar avisou.

Porra! Pronto para o combate, Charles se virou, os braços erguidos para chamar os elementos para ajudar a combater o intruso, quando percebeu a aura do homem. Lentamente abaixou os braços e apertou o braço de Ilaria para acalmá-la, porque ela também assumiu uma posição de luta, sua aura se tornando mais escura.

— Você deve ser da Scanguards. — disse Charles ao recém-chegado.

Atrás do alto vampiro careca, outro homem apareceu. Ele parecia um pouco mais jovem, embora nunca pudesse ter certeza com vampiros já que eles não envelhecem depois de transformados. No entanto, havia algo diferente no

vampiro com o cabelo escuro e a expressão jovem. Sua aura não era a mesma que o do careca. Na verdade, ele nunca viu uma aura assim antes. Charles apertou os olhos. Havia algo humano nele.

— Meus colegas. — disse Roxanne atrás dele, e Charles abriu espaço para ela sair do quarto. Ela apontou para o vampiro careca. — Zane. — Então apontou para o homem de cabelos escuros. — E esse é Grayson.



Enquanto ele e Ilaria seguiam Roxanne de volta para a sala de estar, Charles notou o olhar descontente no rosto de Zane, enquanto os olhos de Grayson pareciam fixos em Ilaria. O jovem guarda-costas correu os olhos sobre ela, seus lábios se abrindo em apreciação.

— Então Gabriel mandou vocês. — A voz de Roxanne interrompeu a observação de Charles.

Zane bufou.

— Por razões óbvias.

Charles sentiu o ódio aberto no comportamento do vampiro.

— Que são?

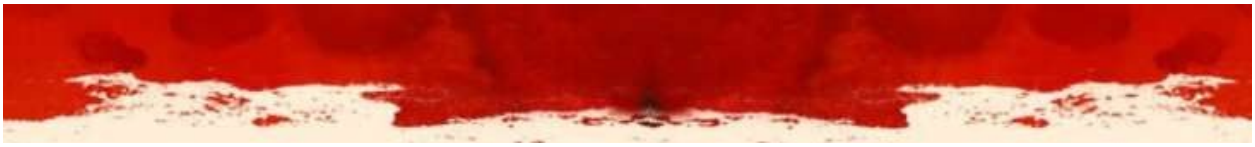
— Odeio bruxas.

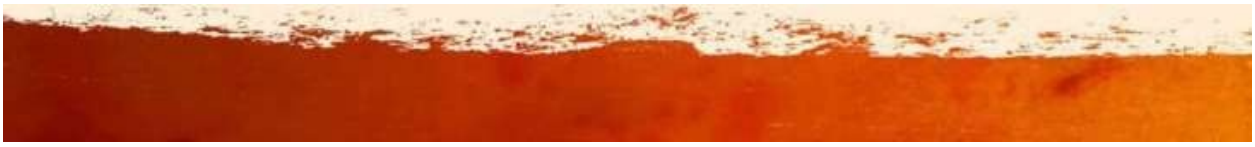
Ilaria engasgou e, instintivamente, agarrou o braço de Charles em busca de proteção.

Para surpresa de Charles, Grayson entrou na frente de Zane.

— Não ligue para ele. Não é nada pessoal. Ele é sempre assim. — Ele lançou um sorriso encantador para Ilaria. — Certificarei de que nada aconteça com você.

Charles sentiu vontade de rosnar. Este jovem filhote realmente achou que ele poderia entrar nas calças de Ilaria? Suas dores paternas aumentaram com o pensamento, mas ao mesmo tempo, ele sabia que estava errado reagir dessa maneira. Até mesmo um pai tinha que deixar sua filha





um dia e, afinal, ele era apenas seu tio. E Ilaria tinha idade suficiente para tomar suas próprias decisões.

Quando Ilaria soltou seu braço, Charles lhe lançou um olhar e notou que sob o olhar de admiração de Grayson, sua aura de repente estava quase branca. Pura. Boa. Livre do mal.

— Você não é um vampiro? — disse Ilaria, curiosidade animando sua voz.

— Eu sou um híbrido: meio humano, meio vampiro. — respondeu Grayson. — Meu chefe imaginou que você precisaria de alguém que possa agir sem restrições durante o dia. — Ele apontou para Zane e Roxanne. — Ao contrário de vampiros de sangue puro.

Charles assentiu, apreciando a premeditação. Ele ouviu falar de híbridos, mas nunca encontrou um.

— E o quarto membro da equipe, quando chegará?

— Estamos todos aqui. — afirmou Zane.

— Eu pedi quatro guarda-costas.

Zane cerrou os dentes.

— Eu conto como dois.

— Eu deveria ter adivinhado.

Zane estreitou os olhos.

— Sim, você deveria. — Então ele trocou um olhar com Roxanne. — Temos que sair daqui. — Ele apontou o polegar por cima do ombro, indicando a porta da frente. — Foi fácil



abrir. E ninguém nos ouviu. Nem me fale sobre a bela adormecida lá embaixo.

— Estamos na mesma página. — respondeu Roxanne. Ela virou para Charles e Ilaria. — Arrumem suas coisas e vamos embora.



Capítulo 6

Enquanto Ilaria e Charles empacotavam seus poucos pertences, Roxanne esperava com Zane e Grayson. Os poucos minutos que passara sozinha com Charles já foi mais do que podia suportar. Ela não devia ter mudado de opinião, devia ter dito a Gabriel e Samson que eles poderiam ir se ferrar. Mas a curiosidade sobre a companheira de Charles a influenciou. Como se importasse se Charles estava ou não em um relacionamento com alguém. Como viu, ele não estava. Mas ela não sentiu satisfação com esse

conhecimento. Em vez disso, isso a deixou ainda mais curiosa, quando simplesmente deveria ignorá-lo.

— Iremos em carros separados. É mais seguro assim. Eu levarei Ilaria. — ela disse agora para Zane. — Você e Grayson levam Charles. Nos encontraremos na casa segura.

— Não é uma boa ideia. — respondeu Zane. — Gabriel especificou que a menina é nossa responsabilidade.

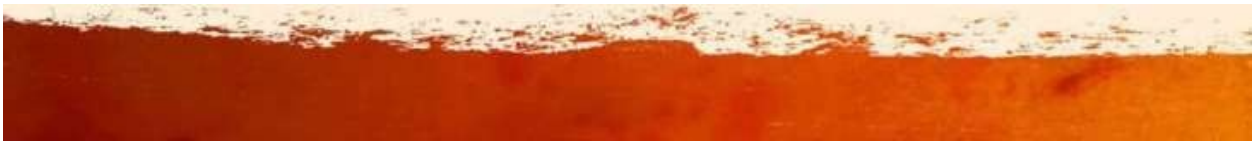
— Eu sou mais do que capaz de proteger Ilaria sozinha.

— Roxanne rangeu entre os dentes cerrados, não gostando da insinuação de Zane.

— Estou plenamente ciente disso. Mas ela está melhor comigo e com Grayson. Você cuida do tio dela.

Ela se preparou para uma discussão.





— Você pode ser mais graduado, mas sou a líder nessa tarefa. Eu tomo as decisões.

— Se eu não soubesse melhor, diria que não quer ficar sozinha com Charles.

A raiva cresceu dentro dela, enfiou o dedo indicador no peito de Zane.

— Mantenha suas observações estúpidas para si mesmo. Não tenho problemas em lidar com ele. — Era mentira, mas ela se recusava a permitir que Zane a apoiasse em um canto. — Você e Grayson pegam Ilaria.

Ela virou para olhar para Grayson, olhando para ele.

— E é melhor manter seu pau na calça.

Grayson olhou de volta.

— Que porra é essa? Eu não sou...

— Você não é? — Roxanne estreitou os olhos. — Deixe-me dar um conselho. Nunca confie em uma bruxa. Isso só acabará mal.

Grayson abriu a boca para responder, mas não teve a chance. Charles e Ilaria apareceram com as bolsas na mão. Dando um olhar desafiador para Roxanne, ele caminhou em direção a Ilaria.

— Deixe-me pegar sua bolsa. — disse ele, dando seu sorriso devastador.

— Você vai primeiro, nós seguiremos no meu carro em cinco minutos. — Roxanne instruiu, acenando para Zane.



Ilaria lançou um olhar interrogativo para Charles.

— Tudo bem, Ilaria. Vá com eles. Não demorarei. — Charles assegurou a ela.

Quando a porta fechou atrás dos três, Roxanne continuou olhando para eles.

Ela o ouviu suspirar.

— Acho que isso significa que temos tempo para conversar.

— Não temos nada para conversar.

— Pelo contrário.

Ela sabia que Charles se aproximava por trás, mesmo antes de sentir a mão dele em seu ombro. Ela tentou se livrar, mas, em vez disso, ele agarrou com mais força e a

virou para encará-lo.

— Eu posso sentir sua hostilidade. Até seus colegas sentiram. Isso colocará em risco essa tarefa.

Roxanne ficou aborrecida com a cobrança.

— Está questionando meu profissionalismo?

— Nem por um segundo, mas, merece saber a verdade sobre o que aconteceu naquela noite. Isso facilitará as coisas.

— Eu sei o que aconteceu naquela noite. Você me abandonou. Fim da história. — Mesmo agora, depois de vinte e três anos, ainda doía tanto quanto naquela época. Mas ela se condenaria antes de admitir isso para Charles.

— Eu não tive escolha.



Ela zombou.

— Oh, por favor, me poupe de suas desculpas. Já superei.

— Não peço desculpas pelo que fiz naquela noite. Mas quero que me ouça.

O tom suplicante em sua voz fez seu coração apertar dolorosamente. Mas ela tinha que permanecer forte e não cair em suas mentiras novamente. Porque isso é tudo o que eram: mais mentiras para acalmá-la e justificar o que ele fez.

Roxanne foi até a porta e pegou a maçaneta.

— Na noite em que você e eu deveríamos sair, minha irmã Melissa trouxe Ilaria para mim. Ela tinha três meses de idade. Melissa era perseguida por bruxas que tinham apenas um objetivo: matar sua filha pequena, minha sobrinha.

Roxanne hesitou em suas palavras.

— Até aquela noite, nem sabia que minha irmã deu à luz. Nós não tínhamos muito contato. Mas ela precisava da minha ajuda. — Charles continuou, sua voz suave e calma. — Ilaria não é apenas a filha de uma bruxa. Ela é especial, nasceu com a marca.

Roxanne virou para olhá-lo com a testa franzida. Ele tinha a atenção dela agora.

— Que marca?

— Uma marca de nascença que a identifica como uma

bruxa muito especial, que será mais poderosa e qualificada do que outras. E, portanto, temida por aqueles inferiores a



ela. As bruxas da marca são caçadas há séculos. Não sobraram muitas e aquelas que sobreviveram, vivem escondidas. Quando Melissa percebeu que Ilaria tinha a marca, tentou escondê-la, mas a notícia vazou, e ela teve que fugir. Ela veio até mim naquela noite e implorou por minha ajuda. Implorou-me para proteger Ilaria.

Charles passou a mão pelo cabelo escuro antes de continuar.

— Nós fomos emboscados naquela noite. Várias bruxas seguiram Melissa até a minha casa. Nós lutamos contra eles da melhor maneira que pudemos, mas sabíamos que estávamos perdendo a batalha. Quando minha irmã me entregou sua filha e implorou para protegê-la com a minha

vida, eu sabia o que ela estava prestes a fazer. Não pude dizer não.

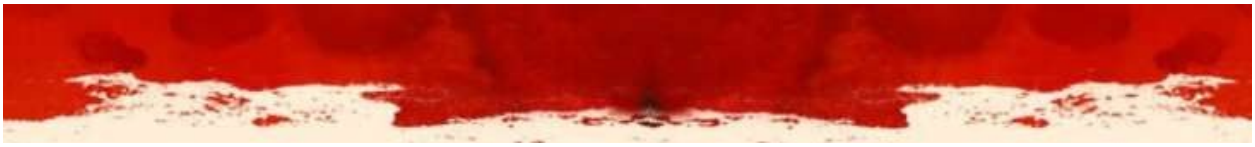
A curiosidade fez com que ela perguntasse.

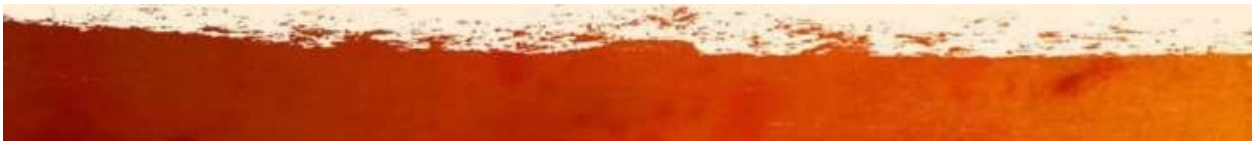
— O que ela fez?

— Ela saiu e lutou contra eles com tudo o que tinha, dando-me tempo suficiente para escapar pelos fundos. Ela morreu naquela noite protegendo a filha. E fiz uma promessa para ela. Uma promessa que não poderia quebrar. Ilaria precisava de mim. Ela estava desamparada.

Eu também precisava de você! Roxanne queria gritar, mas fechou a boca.

— Então fugi com ela e nunca olhei para trás. Mas eu sabia que eles nunca desistiriam até que a encontrassem e a matassem. Tive que continuar fugindo.





— Eu poderia tê-lo ajudado! — Roxanne disse, engolindo

a decepção. Ele escolheu uma criança em vez ela. — Poderíamos ter derrotado as bruxas, juntos.

Charles deu um sorriso triste e balançou a cabeça.

— Não. Tive que pedir ajuda de outras bruxas em quem eu confiava e se aparecesse lá com um vampiro a reboque, a matariam antes que eu pudesse explicar. Fiz isso para protege-la.

— Besteira! — Ela gritou. — Você não me queria mais. E sua sobrinha era apenas uma desculpa conveniente para se livrar de mim.

Ele não perdeu a calma.

— Isso não é verdade e sabe disso. Abandoná-la foi a coisa mais difícil que já fiz. Arrependo até hoje.

Roxanne engoliu as lágrimas que teimavam em cair.

— Droga! Maldito! Nem me ligou. Não fez nenhuma tentativa de entrar em contato comigo. Isso é o quanto me amava?

— Sim, é o quanto a amei! Porque se a contatasse, também estaria em perigo. Eles a torturariam para descobrir onde eu estava. Não podia deixar isso acontecer, não podia permitir que eles te machucassem, então me certifiquei de

que ninguém soubesse sobre você.

Roxanne engoliu um soluço crescente, impedindo que explodisse de seus lábios.



— Apaguei todas as evidências sobre você do meu celular antes de jogar para eles encontrarem. Quando apaguei o histórico de chamadas, meu coração se partiu e, quando apaguei a última foto sua, achei que minha vida acabou. Mas eu tinha uma responsabilidade, um dever que não podia evitar.

Roxanne se virou, incapaz de ouvir mais.

— Poderia, pelo menos, ter me enviado uma mensagem.

— Fingiu sua morte naquela noite. Eu não tinha como entrar em contato e enviar alguém com uma nota para o nosso local de encontro seria muito arriscado. Além disso, se eu fizesse, você tentaria me encontrar. — Ele suspirou. — Era

melhor que me odiasse. Pelo menos então não tentaria me encontrar e ficar na mira das bruxas. Estaria segura.

— Segura? — Roxanne sufocou. — Sim, talvez das bruxas. Mas Silas não acreditou na minha morte encenada. Ele veio atrás de mim.

— Oh, meu Deus, baby, eu sinto muito.

Ele segurou os ombros dela, virando de costas para ele, mas ela o afastou. Seu toque trouxe de volta muitas lembranças e, com isso, um desejo de voltar no tempo.

— Não preciso da sua pena. Eu o matei. — E foi bom acabar com o filho da puta sádico. O mundo estava melhor sem ele.

— Como? — A pergunta de uma palavra de Charles era um mero eco.



— Silas mandou seus homens para me punir

apropriadamente pela minha fuga. Ele pensou que me controlaria como sempre fez. Mas eu não tinha mais nada a perder. Isso me deu a força que eu precisava. Enfiei uma estaca nele, sem esperar ter sucesso, pensando, esperando morrer em vez disso. Mas eu sobrevivi. De alguma forma, Silas estava morto. Corri até não conseguir mais. Seus homens nunca me encontraram.

Charles assentiu com expressão solene. O olhar dele se fixou no dela e sua mão subiu.

— Tão forte, mas tão vulnerável. — Ele tocou o queixo dela.

— Não! Você perdeu o direito de me tocar quando me deixou naquela noite. — Roxanne desviou os olhos, virando a cabeça para o lado.

— Olhe para mim, Roxanne, e diga que me odeia e nunca mais tocarei em você.

Se isso fosse o suficiente, ela faria isso. Lentamente, reunindo todas as suas forças, virou a cabeça para trás para encarar seu olhar examinador.

— Eu te odeio. — Sua voz falhou na última sílaba.

Os dedos de Charles roçaram sua bochecha.

— Diga isso de novo. — ele murmurou, inclinando a cabeça em direção ao rosto dela, seu olhar deslizando para seus lábios.



— Eu te odeio. — Mas as palavras eram ainda mais fracas do que antes.

— Eu nunca toquei em outra mulher depois de você.

Lágrimas desceram dos olhos de Roxanne. Ele não estava jogando limpo.

— Não, não…

— Eu só sonho com você. Em te abraçar. Te amar.

— Eu te odeio. — Repetiu como um mantra, mas isso não se tornou verdade. No entanto, era tudo o que ela podia fazer para não quebrar.

— Talvez o faça agora, mas se nos der outra chance...

— Isso não mudaria nada. Não posso desfazer vinte e

três anos.

— Mas acredita em mim, não é?

Ela acreditava? A história era fantástica, mas o mundo deles também.

— Não importa mais se acredito. — Duas décadas atrás, isso importaria. Mas hoje, não fez diferença. Muita dor encheu o coração dela. Não havia mais lugar para o amor.

— Importa para mim. Preciso que me perdoe.

Roxanne respirou fundo.

— Não há nada que você possa fazer ou dizer...

— Há algo que eu posso fazer. — Charles murmurou e colou os lábios nos dela.



Ele a pegou completamente de surpresa. Talvez essa fosse a razão pela qual ela não o afastou imediatamente e o jogou do outro lado da sala. Ou talvez fosse a maneira como

os lábios dele pressionavam os dela, pedindo para abrirem. Ou as memórias de seu amor que ressurgiram com seu toque pecaminoso.

Poderia ser uma série de coisas, mas, no fundo, Roxanne sabia que permitia que isso acontecesse porque ela não terminou com ele. Ela não odiava Charles. Mas não confiava nele também.



Capítulo 7

No momento em que ele sentiu Roxanne separar os lábios para respirar, Charles mergulhou a língua em sua boca. Ela provou ser tão intoxicante quanto ele se

lembrava. Tão irresistível como era naquela época. Não era de admirar que ele já estivesse duro. Era uma maravilha, na verdade, que ele foi capaz de impedir que seu pênis saísse de sua calça por tanto tempo, ou que não roubou esse beijo antes. Porque desejava isso desde o momento em que descobriu onde ela estava todos esses anos.

— Roxanne. — Charles murmurou contra seus lábios, liberando-os por um instante apenas para agarrar as laterais do seu top e puxá-lo pela cabeça. — Eu preciso de você.

Ele capturou seus lábios novamente, beijando-a profundamente e com força, enquanto a pressionava contra si, suas mãos percorrendo a pele dela, procurando e encontrando o fecho de seu sutiã. Quando abriu, ela engasgou em sua boca, e ele engoliu o som com satisfação. Libertando-a da roupa, finalmente, pôde tocar os seios voluptuosos que sempre amou apertar, provocando os mamilos, lambendo a pele sedosa. Não só porque Roxanne representava tudo que um homem poderia querer, mas também por causa de sua reação. Os gemidos e suspiros dela



eram descontrolados, e o modo como ela pressionava o corpo contra o dele, pedindo mais, fazia a esperança florescer em seu coração. Ela não o esqueceu, mesmo por todo este tempo.

Ele afastou os lábios dos dela e abaixou a cabeça para os seios, capturando um mamilo e chupando-o.

Ela respirou pesadamente.

— Isso não mudará nada entre nós.

Se ela queria mentir para si mesma, que assim seja. Mas ele sabia melhor. Isso mudaria tudo. Charles ainda tinha poder sobre ela, assim como ela tinha sobre ele. Para mostrar-lhe apenas isso, raspou os dentes ao longo de sua pele e sentiu-a estremecer violentamente.

— Ainda é minha. — ele se esticou e estendeu a mão para abrir o botão de sua calça. — E ainda sou seu. — Abaixou o zíper e desceu a calça.

Roxanne não o impediu. Em vez disso, abriu a camisa e

a tirou dele.

— Só porque permitirei que me foda, não significa que confiarei em você de novo.

As palavras pareciam amargas, mas as ações não eram. Ela abriu a calça e empurrou na metade das coxas.

— Eu não vou fodê-la, Roxanne. — Ele agarrou os quadris dela com as duas mãos e puxou contra sua ereção, deixando-a sentir o que ela faz com ele. — Eu farei amor com você.

— Oh não, não irá!



Roxanne o empurrou até que a parte de trás dos joelhos dele bateu no sofá. Charles perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Um momento depois, ela se libertou da calça e sandálias e arrancava os sapatos e jeans dele.

— Nós vamos foder. — disse ela com os dentes cerrados

e tirou a cueca boxer, deixando-o nu. — Isso é tudo o que conseguirá.

— Bem. Você quer foder? Vamos foder e ver quanto tempo pode aguentar. — Ele deu um pulo e a agarrou, levantando-a e jogando-a com o rosto no sofá. — Isso é o que quer?

— Não tem ideia do que quero!

Ele pegou o fio-dental dela e segurou-o de lado, nem mesmo se incomodando em tirar. Em vez disso, se posicionou entre as pernas dela e levantou a bunda para cima.

— Sei exatamente o que quer.

Ele mergulhou dentro dela, batendo até as bolas em sua boceta encharcada.

Porra!

Roxanne estava ainda mais apertada do que se lembrava. Ou talvez só fosse assim porque ele não esteve com uma mulher desde que saíra naquela noite. Ele só conhecia o conforto de sua própria mão naquelas noites sombrias e solitárias. Sonhando com ela. Mas nenhum sonho chegou perto da realidade. E era isso, Roxanne embaixo dele,



apoiada em seus cotovelos, os quadris balançando para levá-lo mais fundo.

Sabia o que ela estava fazendo, tentando provar que era apenas sexo. Que não significava nada para ela além de algum prazer físico momentâneo, algo que qualquer homem lhe daria. Mas ela estava errada se achava que poderia enganá-lo.

— Maldição, amor. — ele amaldiçoou e continuou empurrando fundo e forte. Se ele não abrandasse logo, Charles gozaria e perderia essa batalha.

Ele bateu com força em sua nádega, sabendo que, como vampira, ela mal sentia qualquer dor, e puxou-se para fora dela.

— Não é assim que isso acabará. — ele prometeu a ela e a si mesmo.

— Eu te disse.

Ele a virou de costas e arrancou o fio-dental, antes de abrir as pernas e afundar o rosto em sua boceta.

Roxanne fez uma tentativa indiferente de se afastar, mas nem sequer usou sua velocidade ou força de vampiro contra ele, então Charles não levaria o protesto a sério. Em vez disso, lambeu a carne molhada e provou sua excitação, enquanto ele estendeu as duas mãos para acariciar seus seios. O protesto dela morreu.

A cada segundo que ele a lambia, Roxanne voltava a ser a mulher que ele conhecia. A mulher que se rendeu a ele na



cama, mesmo sendo mais forte. A que agora se contorcia sob seus lábios, ondulando seus quadris para uma conexão mais profunda, por mais fricção. A mulher que agora contorcia as pernas, colocando um pé no chão para poder se erguer mais perto dele.

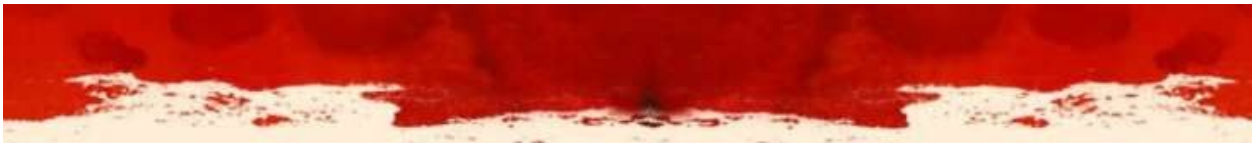
— Sim! — ele murmurou em seu calor e capturou seu clitóris entre os lábios, lambendo mais e mais rápido. Apenas como ela gostava. Como sempre gostou.

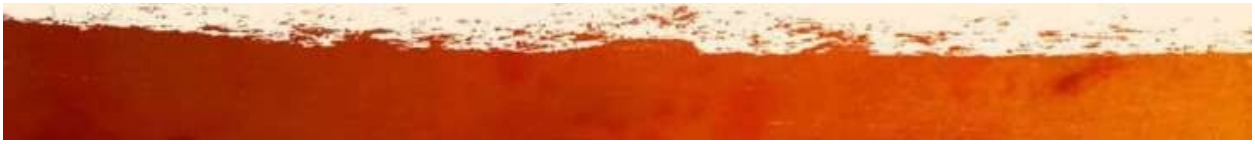
Charles podia sentir o quão perto Roxanne estava, não a deixaria gozar sozinha. Não, se renderia a ela também. Mostraria que ele confiava nela.

Deu mais uma lambida, soltou o clitóris e se sentou. Antes que ela pudesse protestar contra a interrupção, se posicionou novamente e o pênis cutucou as dobras molhadas. Lentamente, avançou, abrindo os lábios inferiores com a ponta e deslizando para dentro dela. Charles notou que as pálpebras de Roxanne tremiam e o ar saía de seus pulmões, enquanto ela arqueava as costas das almofadas, empurrando os seios e os mamilos duros na direção dele. Impossível resistir.

Somente quando a ereção foi totalmente submersa no canal apertado dela, ele respirou novamente. Um gemido escapou dele. Isso era o que sonhara todos esses anos. Sentir os músculos dela apertarem ao redor dele e aprisioná-lo.

Ele se abaixou sobre ela e começou a empurrar, não selvagem e duro como fez antes, mas devagar e gentilmente. Mais uma vez, capturou um dos seios e lambeu





o mamilo, enquanto apertava o outro. Roxanne seguiu seu ritmo, ou talvez ele seguisse o dela. Não importava.

Ela seria sua novamente.

Charles levantou a cabeça e capturou seus lábios, beijando-a apaixonadamente, até que ambos estavam sem fôlego. Mas havia algo mais que ele precisava. Algo que só ela poderia dar. Começou a empurrar mais rápido, aumentando seu tempo para trazê-los mais perto de seu clímax, antes de

soltar os lábios e inclinar a cabeça para o lado, oferecendo o pescoço para ela.

— Afunde suas presas em mim, Roxanne. Beba meu sangue.

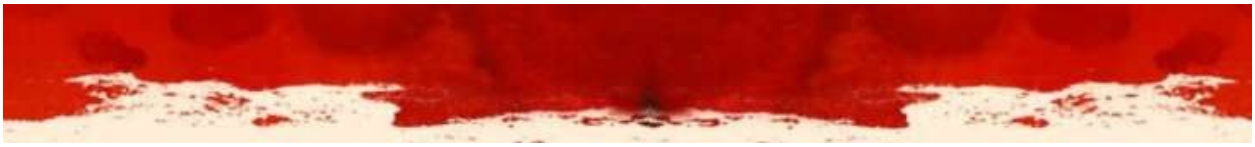
O corpo de Roxanne subitamente ficou rígido. Um segundo depois, ele estava no chão do outro lado da sala.

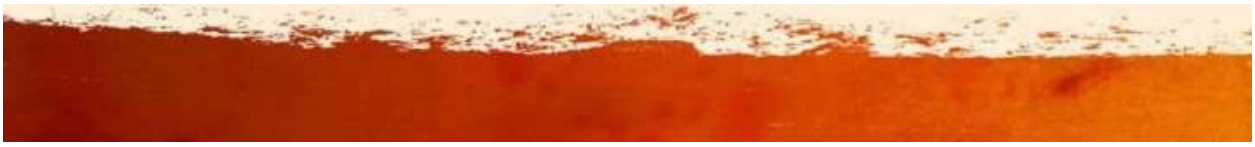
Ela o jogou para longe.

— Como se atreve? — Com os olhos enfurecidos, os lábios tremiam e a dor irradiava de todos os poros do corpo dela. — Você não tem o direito de exigir isso de mim. — Ela pulou e pegou suas roupas, puxando-as mais rápido do que seus olhos poderiam seguir. — Você não poderia simplesmente me foder, não é?

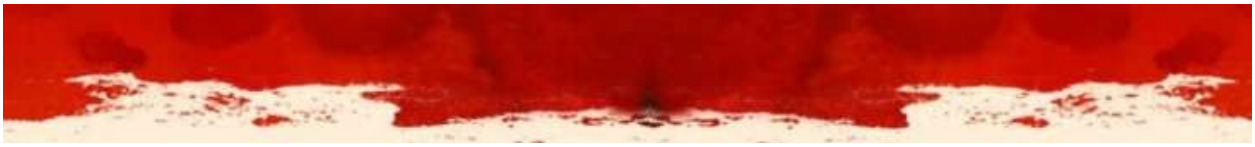
Charles levantou devagar.

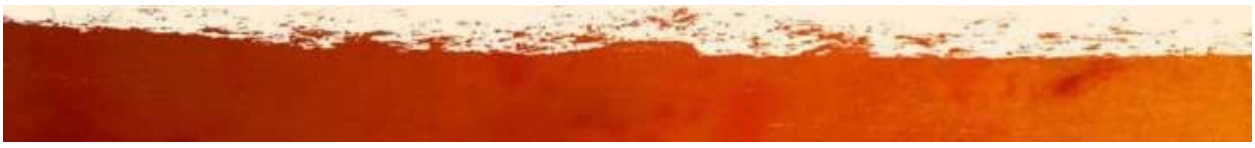
— Eu nunca poderia apenas transar com você, Roxanne. Sempre quis mais. Ainda quero. E não desistirei até que me perdoe, e esteja pronta para afundar as presas em mim novamente quando fizermos amor.





— Espere sentado.





Capítulo 8

Roxanne amaldiçoou silenciosamente quando abriu a porta do carro e sentou no banco do motorista enquanto Charles fazia o mesmo no lado do passageiro.

Droga! Ela quase cometera o maior erro de sua vida, permitir que Charles se aproximasse novamente. Não fosse ruim o suficiente que permitisse que a tocasse, que ela *gostava de* seu toque, mas mordê-lo novamente? Graças a Deus recuperou os sentidos no último minuto, porque a intimidade de uma mordida durante o sexo era mais do que podia suportar. Isso a deixaria tão vulnerável quanto na noite em que ele a deixou. E o coração dela doeria muito quando ele fizesse isso de novo. Quando a deixasse novamente.

— Roxanne, por favor...

Em vez de uma resposta, ela pisou no acelerador, sem esperar que Charles colocasse o cinto de segurança.

Aceitou a explicação do porquê ele a deixou, mas isso não significava que poderia perdoá-lo. Se pelo menos Charles tivesse deixado uma mensagem para ela, teria entendido e não ficaria indecisa por todos esses anos, imaginando por que ele a abandonara. Porque a abandonou na noite em que ela mais precisou dele. Tinha abalado sua confiança nos

homens a ponto de nunca ter relacionamentos. Roxanne



guardou seu coração todos esses anos, não querendo que ninguém machucasse o que sobrou dele.

— Você nunca deveria ter voltado. — ela falou, segurando o volante com mais força.

— Eu não poderia ficar longe por mais tempo.

Roxanne lançou um olhar zangado.

— Oh, por favor, não me diga que voltou porque finalmente me encontrou.

Ele balançou a cabeça, depois olhou pela janela.

— Eu sei há algum tempo onde você estava.

Isso a surpreendeu, mas não comentou sobre isso.

— É como eu descobri sobre a Scanguards. Esperei o momento certo para vir. Não deveria ser agora. Mas as coisas começaram a acontecer... — Ele suspirou. — Como destino, Ilaria e eu tivemos que ir à São Francisco. O futuro de Ilaria está aqui. E, pelo que parece, o meu também, embora seja separado do dela.

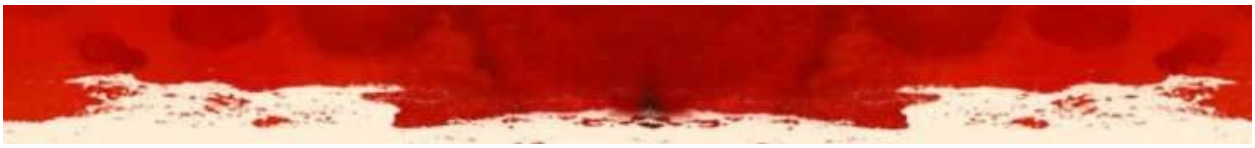
Ela tentou ignorar suas últimas palavras e perguntou:

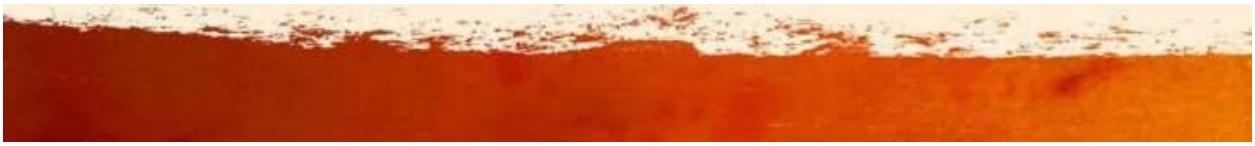
— E o futuro dela?

— É hora de ela estar com sua própria espécie.

— Pensei que você fosse da mesma que a dela.

— Sou *parente* dela, sim, mas não como ela. Ilaria precisa estar com as bruxas que são como ela, agora que seus poderes estão surgindo.





Imediatamente, Roxanne lembrou de como Ilaria

transformou seu quarto com poderes. Ela viu bruxaria com bastante frequência. Certamente Wesley, o bruxo residente de Scanguards, nunca teve vergonha de exibir suas habilidades, mas os poderes de Ilaria eram algo em um nível totalmente diferente.

— Eu a guiei até aqui. Meu dever está quase cumprido. Em breve... — Ele não terminou a frase.

Havia algo que Charles não dizia. Ela podia sentir isso. Lembrando das ordens que recebera de Gabriel e Samson, Roxanne perguntou:

— Por que precisa de proteção para ela agora? Ilaria parece poderosa o suficiente para se proteger, se o pequeno truque de mais cedo é algo.

Ele soltou um suspiro pelas narinas.

— Hmm. É só um sentimento. Quero ter certeza de que nada de ruim aconteça tão perto da linha de chegada.

— E qual é a linha de chegada? — Porque até agora Charles não lhe deu nenhuma informação com a qual ela pudesse trabalhar, nada que pudesse dar a Gabriel além do fato de que Ilaria nasceu com *a marca*, o que quer que isso significasse.

— Unir Ilaria com sua espécie.

— Sim, já disse isso. Como exatamente isso acontecerá?

— Ainda estou trabalhando nisso.



— Não é assim que funciona a Scanguards. Precisamos saber o que está acontecendo e onde podemos encontrar problemas. Caso contrário, como devemos protegê-los?

— Não preciso de proteção. Ilaria sim. É por isso que contratei sua equipe. Posso me cuidar.

— Sim, certo! — Roxanne murmurou baixinho.

Sua resposta a deixou com raiva, mas ela tentou contê-la. Era melhor não mostrar emoções em relação a Charles. Ele só usaria contra ela. Assim como usou sua vulnerabilidade temporária antes para beijá-la e persuadi-la a transar.

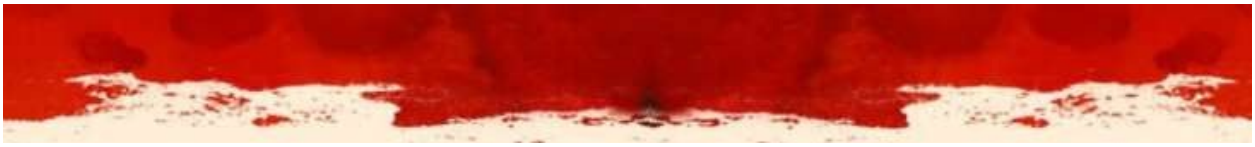
Droga!

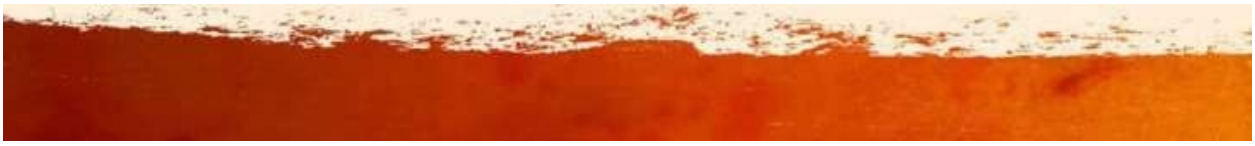
Não queria pensar nisso de novo. Agora se sentia ruborizada, seu batimento cardíaco acelerou e a umidade se acumulava na junção de suas coxas. Seu único consolo era que um bruxo não tinha o mesmo olfato que um vampiro, ou Charles perceberia que a mera lembrança do que aconteceu entre eles meia hora antes ainda estava em sua mente e controlava as reações de seu corpo.

— Confie em mim sobre isso. Apenas proteja Ilaria. Não se preocupe comigo.

Ela zombou.

— Não que você faça, é claro. — acrescentou. — Dado o fato de que me jogou do outro lado da sala duas vezes desde que voltei. Se eu não soubesse, diria que você queria me machucar seriamente.





Ela virou a cabeça na direção dele.

— Por que não mantém suas observações inteligentes para si mesmo?

Inesperadamente, Charles sorriu.

— Porque parece ser a única coisa que te leva a se comunicar comigo. E, francamente, no momento eu ainda te receberia gritando comigo se significasse que você me reconhece.

Ela grunhiu. Odiava quando as pessoas a pressionavam. E Charles fazia isso agora. Ficou contente que dez minutos depois chegaram ao esconderijo. Roxanne parou o carro na garagem e desligou o motor. Sem uma palavra, saiu e marchou em direção à porta que levava à casa de dois andares. Ela não esperou Charles, embora estivesse ciente de que a seguia com a mala de viagem na mão.

O corredor levava a uma sala de estar em plano aberto e

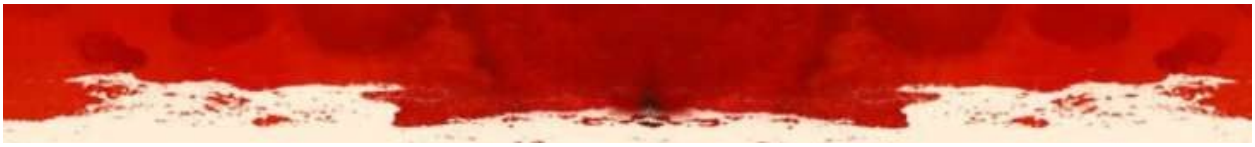
à cozinha. À sua direita, estava a porta da frente e as escadas que levavam ao segundo andar e à sua esquerda ela viu as portas de uma lavanderia e um lavabo.

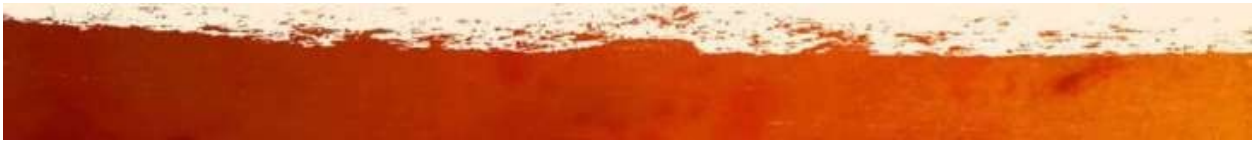
Charles fechava a porta da garagem atrás dele quando Zane saiu da sala de estar, olhando para ela.

— Deveria estar aqui há meia hora. Por que demorou tanto?

Ela olhou de volta para ele.

— Não é da sua conta, porra.





— Culpa minha. — interrompeu Charles. — Pensei que sentia alguém nos seguindo, então pedi a Roxanne para seguir um caminho diferente.

— Hmm. — Zane grunhiu, então voltou para a sala de estar.

Da cozinha ela ouviu ruídos. Parecia que Grayson ainda

tentava seduzir Ilaria com seu charme. Homens!

E já que o assunto eram homens... Ela virou para olhar para Charles.

— Eu não preciso que dê desculpas por mim.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Bem, foi mal. Por que não me instalo... — Ele apontou para sua bolsa. —... E te dou tempo para se refrescar?

— Não preciso de tempo para...

Mas Charles já ia para o andar de cima. Roxanne virou e foi para o banheiro. No momento em que trancou a porta, ela respirou fundo algumas vezes. Teria que passar por isso. Tudo o que precisava fazer era se concentrar em seu trabalho.

Ela puxou o celular do bolso e discou a linha direta de Gabriel. Ele atendeu quase imediatamente.

— Roxanne, o que tem para mim?

— Você pode ligar para Haven? Acho que ele deveria ouvir isso.



— Me dê um segundo.

Ela esperou enquanto Gabriel transformava a ligação em conferência.

— É Haven, o que está acontecendo, Roxanne? — Ela ouviu seu colega perguntar um momento depois.

— Você sabe sobre a tarefa que eu estou, certo?

— Gabriel me passou mais cedo. Como posso ajudar?

— Consegue contatar Wesley? — Não importa que ela não gostasse particularmente dele, mas, pelo menos, Wes poderia ajudá-la a descobrir alguma coisa.

— Desculpe, tentei inúmeras vezes nos últimos dias, mas só cai no correio de voz. Não consigo nem localizar seu celular no nosso GPS. O chip está quebrado ou... — Ele suspirou pesadamente. — Não tenho ideia de onde ele está ou como.

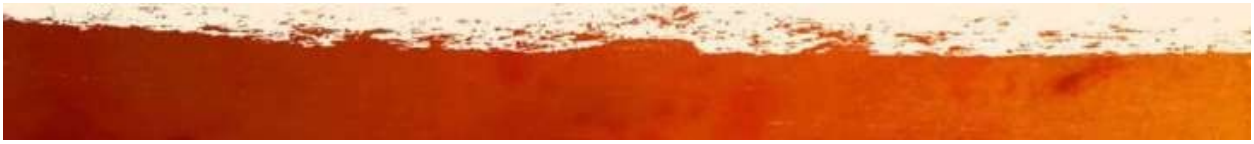
Ouvir a preocupação na voz de Haven fez com que ela se

sentisse mal por muitas vezes tratar Wesley com frieza. Sabia que Wesley não merecia isso, mas não conseguiu separar o homem do bruxo.

— Espero que ele entre em contato em breve. — Roxanne respirou fundo. — Ele tem uma extensa coleção de livros de bruxaria e história. Poderia tentar encontrar algo para mim nesses livros?

— O que você quer que eu procure? — veio a pergunta de Haven.





— Charles me disse que Ilaria, a bruxa que devemos proteger, é sua sobrinha. Aparentemente, ela nasceu com *a marca*, o que quer que isso signifique.

— Que tipo de marca?

— Eu não sei. Ele não especificou. Mas disse que isso a torna diferente das outras bruxas. Preciso saber o que isso

significa. E porque outras bruxas a caçariam por causa disso.

— Farei o que puder. — prometeu Haven.

— Agradeço.

— Roxanne? — Gabriel disse agora.

— Sim?

— Descobriu mais alguma coisa? Por que ele está aqui? O que quer? Por que precisa de proteção para Ilaria?

Roxanne recostou-se contra a parede fria de azulejos.

— Estou trabalhando nisso. Mas ele é cauteloso. Tudo o que disse foi que Ilaria precisa estar com a própria espécie. E que o futuro dela está aqui em São Francisco.

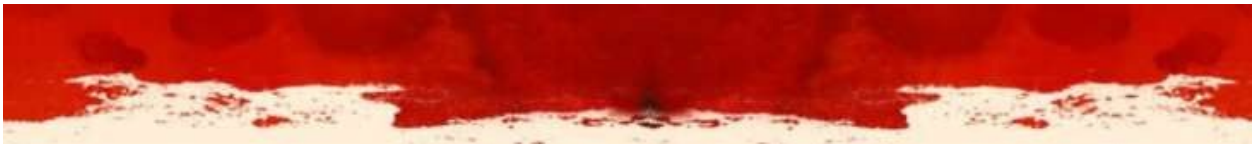
— Você já tentou se aproximar dele para fazê-lo confiar em você de novo? — Gabriel sondou.

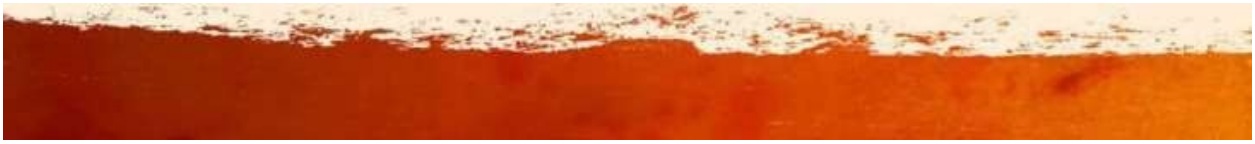
Sim, e veja como isso acabou! Ela queria gritar, mas fechou a boca. Ficou embaixo de Charles, ofegando e gemendo, implorando por libertação. Vulnerável. Fraca.

Maldição!

— Roxanne? — Gabriel perguntou novamente.

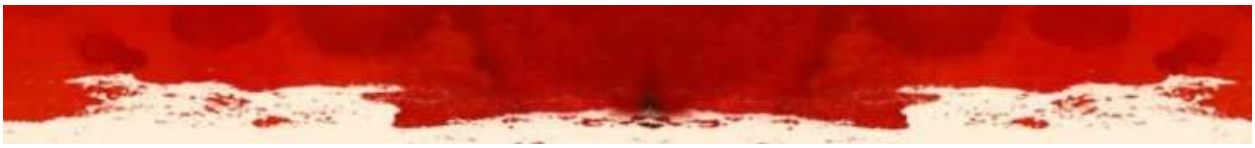
— Estou trabalhando nisso. Tenho que ir.

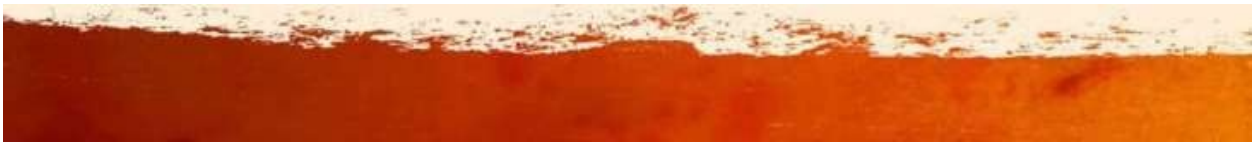




Roxanne desligou a ligação antes que Gabriel pudesse dizer qualquer outra coisa. Nunca deveria ter aceitado essa tarefa. Agora foi pega entre... Bem, entre o quê? O coração e a cabeça dela? O passado e presente? Seu dever e desejos? O que quer que fosse, estava presa. E a porta da armadilha em que se estava se fechava lentamente.

Se fosse inteligente, fugiria enquanto ainda podia.





Capítulo 9

Mesmo depois de um longo banho, durante o qual Charles teve que se satisfazer apenas para ter alguma aparência racional, seu desejo por Roxanne era tão forte quanto antes. Ao pedir que ela o mordesse, foi longe demais, muito rápido. Se ao menos reprimisse sua necessidade por essa intimidade um pouco mais, então talvez desse um passo adiante em sua tentativa de ganhar Roxanne de volta. Mas não, tinha que forçar sua sorte. Vinte e três anos sem ela o deixaram impaciente.

Depois de se assegurar de que Ilaria era cuidada, Charles se retirou para um dos quartos no segundo andar, dizendo a Roxanne e sua equipe que ia dormir. Ninguém o questionou. Afinal, as bruxas não eram noturnas como vampiros. Mas ele não dormiu. Em vez disso, pegou um mapa de sua mala de viagem e abriu-o no chão em frente à cama. De um bolso lateral, pegou um cristal em uma corda de couro.

Charles pegou o lenço na mesa de cabeceira. Uma mancha vermelha, seca agora, estava no centro. Sangue de Ilaria, não apenas de qualquer lugar de seu corpo, mas tirado de sua marca. Ela concordou sem protestar, sabendo o que



estava em jogo. Envolveu o tecido manchado de sangue ao redor do cristal.

Com as pernas cruzadas, sentou, estendeu a mão segurou a corda sobre o centro do mapa e fechou os olhos. Cantarolou uma melodia suave, concentrando-se no plexo solar. Quando o calor se espalhou de uma célula para outra, sentiu um formigamento em seu braço viajando até os dedos. Permitiu que se soltasse e alcançasse o cristal, que começou a balançar.

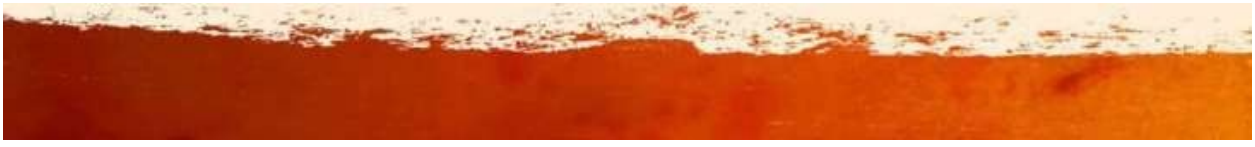
Charles fez isso várias vezes antes de chegarem a São Francisco, começou quando Ilaria usou seus poderes pela

primeira vez. E agora que estava se fortalecendo, as leituras que obteve se tornaram mais precisas. Era hora de fazer contato, embora tivesse certeza de que já soubessem que Ilaria estava aqui. Assim como Charles sentia o poder de sua sobrinha, o mesmo acontecia com outras bruxas. E esse fato tornou sua busca mais urgente a cada dia que passava. Logo, mais e mais bruxas os caçariam e não haveria mais lugar para correr. Nenhum lugar para esconder o que ela era.

Quando o cristal caiu em um ponto no mapa, atraído por ele como um metal para um imã, Charles se inclinou sobre o mapa. Golden Gate Park.

Charles levantou e guardou as ferramentas, vestiu o paletó e ouviu os sons do andar de baixo. Estava quieto, mas sabia que os vampiros estavam acordados. Mais cedo, ouviu Zane saindo de casa para fazer uma verificação de perímetro. Ele voltou agora, andando pelo corredor do andar de baixo.





Nenhum humano sairia de casa sem que ele soubesse, pois, a audição de um vampiro era tão sensível que captava qualquer som.

Felizmente, Charles não era humano e, enquanto ele não se movia tão furtivamente quanto um vampiro, tinha outras habilidades. Um feitiço silenciador garantiu que nenhum som saísse de seu quarto enquanto escancarava a janela e espiava do lado de fora. A casa foi construída em uma colina íngreme e, embora estivesse no segundo andar, a queda deste lado da casa tinha menos de três metros. Charles subiu na janela, abaixou-se, soltou o parapeito e desceu para o jardim enorme. Por um momento, permaneceu congelado, ouvindo atentamente, mas nada se movia dentro da casa.

Não
demorou
muito
para
chegar
à

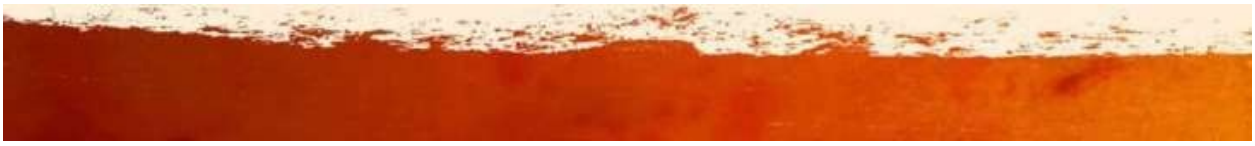
estrada

principal. Olhou ao redor. Nenhum sinal de um táxi ou outro transporte. Não importava. Pelo que viu no mapa, estava a menos de cinco quilômetros do Parque Golden Gate que o cristal apontara. Seria uma corrida fácil.

Ele chegou a uma clareira cercada por árvores maduras e arbustos altos. O luar filtrava através das árvores, projetando sombras no chão. Charles parou no meio do prado e esperou. Podia sentir o poder coletivo que o rodeava. Era diferente do que ele sentia das outras bruxas. Mais forte e mais potente.

De repente, as sombras começaram a se mover, separando-se das árvores. Ainda parado, ele os observou se





aproximarem. Três deles, mais sombra que forma, mais fantasma que ser vivo. As bruxas da marca. A aura

identificou-os como diferentes de outras bruxas. O atraiu para eles como mariposa para uma chama, um sinal de seu poder acumulado superando o dele. O ar crepitava com eletricidade. A tensão subiu como névoa.

— Você nos encontrou — disse uma voz etérea — mas não é da nossa espécie.

Ele assentiu.

— Preciso da ajuda.

Uma das sombras se aproximou.

— Não é a pessoa que precisa da nossa ajuda. — afirmou uma segunda voz. — Podemos sentir um dos nossos próximo.

— Minha sobrinha, Ilaria. Ela é uma de vocês.

— Quantos anos tem a criança?

— Não é mais uma criança. Tem vinte e três anos.

Um suspiro atravessou as três sombras.

— E ela ainda está viva? — Uma figura chegou mais perto e, finalmente, ele podia vê-la. Uma mulher de idade indistinguível, nem bonita nem feia. Ela perguntou mais uma vez. — E a protegeu por todo esse tempo? — Ela murmurou algo para si mesma. — Apesar do perigo? Por quê?

— Ela é minha carne e sangue.



— Até os pais mataram seus filhos quando reconheceram a marca, sabendo o que o futuro reserva. Conhecendo os perigos.

— Eu fiz uma promessa.

Ela assentiu.

— Quanto tempo ela tem?

— Não muito. Todos os dias, o mal se aproxima.

— Você trouxe o que precisamos?

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma foto. Ele fez isso há poucos dias, imprimindo em uma loja de autoatendimento vinte e quatro horas antes de chegar a São Francisco. Uma foto da marca de Ilaria.

A foto saiu de seus dedos e flutuou no ar, apenas para pousar na mão da bruxa um momento depois. A bruxa

estudou, antes de levantar a cabeça, surpresa piscando brilhantemente em seus olhos.

— Estou surpresa que ela não te matou ainda.

Charles sabia disso. Também sabia que não podia evitar a bala por muito mais tempo.

— Vocês a salvarão?

— Ela quer ser salva?



Capítulo 10

Roxanne levantou e pegou uma arma de um painel escondido na sala de estar da casa segura. Ela não costumava usar uma arma, mas em certas tarefas, gostava

de estar armada até os dentes.

— Checagem do perímetro? — Perguntou Zane.

Ela assentiu.

— Vejo você em cinco minutos.

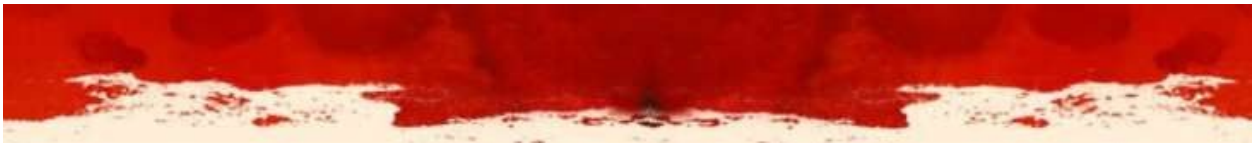
— Quer que eu vá como companhia? — gritou Grayson, colocando a cabeça na porta aberta que levava à cozinha.

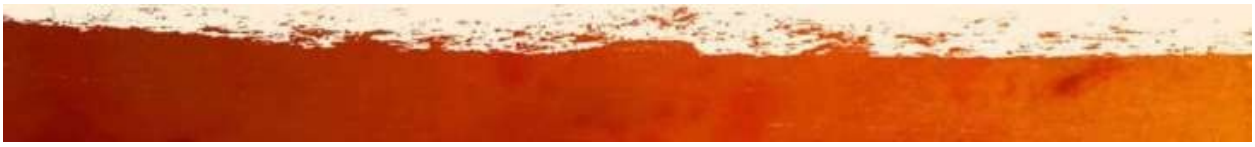
— Posso lidar com uma porra de verificação de perímetro. — ela rosnou e foi em direção a porta.

— Puxa, só perguntei.

Ela sabia por que atacou o jovem híbrido. Ainda estava aborrecida consigo mesma sobre como lidara com Charles. Suas palavras continuaram a ecoar em sua mente. *Eu não desistirei até que me perdoe.* Mas como ela poderia perdoá-lo quando suas ações lhe causaram anos de dor? Como deixaria isso para trás?

Pegou sua jaqueta do gancho perto da entrada, Roxanne abriu a porta e saiu. Sua checagem começou, estudou seus arredores. A casa ficava em um terreno apoiado em uma





encosta gramada que terminava em um denso bosque de um lado de uma colina. A frente dava para as casas mais abaixo. Foi um bom ponto de vista. Qualquer carro vindo pela rua estreita seria visto de longe.

Roxanne caminhou para o minúsculo quintal, puxou a jaqueta mais apertada em volta do torso, embora não sentisse realmente o ar frio da noite, não como um humano ou uma bruxa sentiriam. Involuntariamente, levantou os olhos para o segundo andar onde Charles dormia. Pela janela aberta, ela viu luz no quarto de Charles. Talvez não estivesse dormindo depois de tudo. Talvez apenas a evitava? E se estivesse, ela poderia realmente culpá-lo? Afinal, Roxanne o tratou com hostilidade aberta, mesmo depois de ele dizer o porquê teve que abandoná-la. Qualquer pessoa razoável aceitaria sua explicação. Qualquer pessoa razoável perdoaria. Mas não conseguia afastar a suspeita de que ele não contou tudo. Sua recusa em explicar por que voltara agora e o que planejava a inquietou.

Deixou seu olhar vagar em direção à floresta, mas tudo estava quieto lá. Então olhou de volta para a janela quando se deu conta, por que a janela dele estava aberta? Era uma noite fria e a casa não estava particularmente quente. Com a pele arrepiada, Roxanne virou e voltou para a entrada.

Quando entrou, pendurou a jaqueta no gancho e olhou para as escadas. Ela apenas procurava por uma desculpa para falar com Charles, ou estava realmente preocupada com a janela aberta? Não importa o motivo, colocou um pé no primeiro degrau.



— Subindo?

Ela virou para o lado. Zane a assustou.

— Tem que se esgueirar desse jeito?

— Não preciso. — Ele conseguiu um meio sorriso, embora mal. — Mas gosto de fazer isso.

— Doente, você é doente. — ela subiu as escadas. —Os checarei.

— Precisa de ajuda?

— Não.

— Sabe o que está fazendo, suponho. — Zane disse com uma presunção em seu tom que a fez querer bater nele.

Sim, era da conta dela se queria falar com Charles. Mas, realmente sabia o que estava fazendo? Ao ir até ele agora sob pretexto, não se colocava na mesma situação de novo? Não veria através dela como sempre? Veria a mulher que queria uma segunda chance, mas não tinha a menor ideia de como fazer isso, como esquecer o passado e começar de novo?

Na porta do quarto de Charles, Roxanne hesitou. Dentro dela uma batalha se desenrolou.

Não deixe que ele te machuque novamente, disse uma voz. *Dê-lhe outra chance,* outra argumentou.

Antes que pudesse decidir qual voz tinha mais peso, já batia na porta. Não houve resposta. Mas chegou até aqui, não podia desistir agora.

Ela girou a maçaneta e abriu a porta.



— Charles...

Suas palavras morreram quando viu a cama vazia e sem uso. Ela olhou ao redor do quarto. Charles foi embora.

— Caralho!

Ela correu para o quarto que Ilaria ocupava. Sem bater, abriu a porta. A luz do corredor caiu na cama, iluminando a jovem bruxa. Roxanne se deteve. O que ela viu foi inacreditável!

Ilaria estava deitada de bruços, as cobertas até os joelhos, vestindo calça de pijama e um sutiã de algodão que expunha a maior parte de suas costas. Ela pairava vários centímetros da cama.

Mas isso não foi o pior. Afinal, ela era uma bruxa e algumas tinham poderes impressionantes. Mas o que Roxanne viu nas costas de Ilaria foi muito mais assustador. Ela bateu a mão sobre a boca para evitar gritar.

Mas Ilaria a ouvira mesmo assim. De repente ela caiu de costas na cama, virou-se e disparou, pegando o lençol para se cobrir.

— A marca. — Roxanne murmurou incapaz de acreditar no que viu com seus próprios olhos.

Com os olhos assustados, Ilaria a encarou, recuou, puxou os joelhos até o peito como se quisesse se proteger.

Mas Roxanne já viu o que Ilaria tentava esconder. Sinais e símbolos intrincados atravessavam as costas de Ilaria. O desenho ocupava quase metade de suas costas. Roxanne



descartava ser uma tatuagem já que viu os símbolos pulsarem como os batimentos cardíacos de um ser vivo. O que quer que estivesse incrustado nas costas dela estava vivo. Vivo e perigoso.

— Não me faça mal! — Ilaria implorou em uma voz tão

fraca que Roxanne nem sequer sabia se ouviu ou se simplesmente interpretou a expressão da garota assustada.

O som de passos nas escadas anunciou a aproximação de seus colegas. Roxanne ligou o interruptor de luz, banhando o quarto em luz quente quando Zane e Grayson subiram e apareceram atrás dela.

— O que há de errado? — Zane perguntou, o tom indicando que estava em alerta máximo.

— Charles saiu.

— Porra! — Zane amaldiçoou.

— Como diabos ele passou por nós? — Grayson perguntou. — Eu não ouvi nada.

Mas Roxanne sabia do que Charles era capaz. Ela deveria estar preparada.

— Provavelmente usou um feitiço para deixar a casa despercebido. — Ela olhou para Ilaria. — Onde ele foi?

Os lábios de Ilaria tremiam, seus olhos mudaram para a mão de Roxanne. Ela seguiu seu olhar e percebeu apenas agora que segurava sua arma. Não admira que ela estivesse com medo. Lentamente, Roxanne guardou a arma no coldre, mas antes que pudesse repetir a pergunta, seu celular



tocou. Ela puxou do bolso e verificou o identificador de chamadas.

— Haven. — ela disse para seus colegas e atendeu a ligação. — O que você tem para mim?

— Você não vai gostar. — o bruxo que virou vampiro começou.

— Deixe que eu decida.

— Bem, encontrei muitas coisas sobre marcas e tal. Mas a maior parte era sem importância, exceto por uma marca em particular. É chamada *marca de Caim.* Qualquer bruxa nascida com a *marca de Caim* é considerada propriedade do diabo, nascida do mal. Dizem que quando ela atingir todos os seus poderes, poderá destruir a humanidade.

— Porra!

— Você disse isso. — respondeu Haven. — As bruxas

que têm a marca são caçadas por todos os covens. São temidas por causa de seu poder, porque o usam para o mal, então as bruxas boas deste mundo formaram um grupo de matadores com a única missão de matar bruxas com a marca.

— Existe alguma informação de como a marca parece? — Roxanne perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Lerei para você: a marca se manifesta como uma marca de nascença na forma de um pentagrama, crescendo a cada ano em um intricado desenho de símbolos.

— E pulsa como se estivesse vivo. — concluiu Roxanne.



— Como...

— Acabei de ver.

— Ah cacete! Tem que sair daí agora! — Haven gritou pelo telefone. — Quando pulsa, o mal quer romper. Você não

pode parar isso. Quando o mal é desencadeado, ninguém pode derrotá-lo.

— Obrigada, Haven, não esquecerei disso.

— Roxanne, você tem que...

Roxanne desligou e guardou o telefone no bolso. Um olhar de lado lhe disse que seus colegas ouviram tudo.

Suas armas apontavam para Ilaria. A garota gritou.

— Eu não sou má. — Ilaria choramingou. — Por favor, eu não sou. Estou lutando contra isso. Charles, ele me ajuda a lutar. — Lágrimas rolaram de seus olhos.

Roxanne nunca viu uma pessoa tão assustada. Quando ela fechou os olhos com Ilaria, de repente, seu próprio passado se foi e tudo que viu foi uma criança que precisava de proteção, uma criança que seria morta se não fosse pelo homem que colocou seus próprios desejos de lado para protegê-la.

— Não a machucarei. — Roxanne murmurou e aproximou-se lentamente para não assustar ainda mais a menina.

— Fique para trás, Roxanne. — Zane advertiu. — Não é seguro.



Ela olhou por cima do ombro e fez sinal para que ele permanecesse calmo.

— Ela é apenas uma menina. — Então continuou sua abordagem.

Ilaria

a

observava

a

cada

passo,

tremendo

incontrolavelmente.

— Não. — Ela levantou a mão. — Por favor. Não chegue mais perto. E se *ele* tentar te machucar?

— Você não permitirá. — Roxanne persuadiu

suavemente. — Você é mais forte que isso. — Pelo menos esperava que sim. Ilaria precisava ser mais forte que o mal que tentava controlá-la. Ou todos eles pereceriam.

Roxanne engoliu o medo e sentou na cama, então gentilmente puxou Ilaria em seus braços. Por alguns segundos, ela permaneceu rígida, mas então, hesitante, deslizou os braços ao redor das costas de Roxanne e a abraçou. Roxanne passou a mão pelo cabelo da menina, quando o som da porta da frente a surpreendeu.

Ilaria gritou. Por baixo da outra mão, Roxanne sentiu a marca pulsar de novo.

— Ajude-me. — gritou Ilaria.



Capítulo 1

Charles subiu correndo as escadas, pânico o tomando, ouviu o choro de Ilaria e sentiu o medo dela. Algo acontecera

e esperava não chegar tarde demais.

No momento em que chegou ao segundo andar, Zane bloqueou seu caminho, uma arma apontada para ele.

— Que porra é essa? — Charles amaldiçoou.

— Onde esteve? — Zane perguntou com raiva, os olhos brilhando em vermelho.

— O que você fez com Ilaria?

Ele empurrou o vampiro careca para fora de seu caminho, jogando-o contra a parede com uma curta explosão de seu poder, e investiu pela porta aberta no quarto de Ilaria. Ele derrapou até parar. A cena acontecendo dentro do quarto não era nada do que esperava.

Embora Grayson estivesse armado como Zane, a arma estava abaixada e ele estava em silêncio olhando para as duas mulheres na cama, Roxanne segurava uma Ilaria chorando nos braços, confortando-a, acariciou suas costas expostas, acalmando a marca pulsante. Sua boca se abriu quando ele viu como a marca começou a pulsar mais lentamente, seu mal enfraquecendo sob o toque suave de



Roxanne. Lentamente, diante de seus olhos, a aura vermelha de Ilaria ficou roxa, depois azul, até clarear cada vez mais.

Ao perceber sua chegada, a cabeça de Roxanne virou para ele, os olhos cheios de empatia e compreensão.

— Seu tio está aqui. — ela murmurou e fez um sinal para ele se aproximar.

Os pés o levaram para a cama e, suavemente, Roxanne se afastou do abraço de Ilaria e transferiu a garota para ele.

— Estava com tanto medo. — Ilaria sussurrou em seu pescoço.

Ele acariciou o cabelo dela.

— Estou aqui agora, querida, estou aqui. Tudo ficará bem.

Ela levantou a cabeça, um raio de esperança brilhando em seus olhos.

— Achou eles?

Charles assentiu.

Um arrepio a tomou e sua voz tremeu, quando ela fez uma segunda pergunta:

— Eles me ajudarão?

Ele sorriu e beijou-a na testa.

— Virão amanhã à noite.

Toda a tensão deixou seu corpo macio e ela caiu contra ele.

— Descanse agora. Estarei por perto.



Ela assentiu e permitiu que a deitasse na cama antes de levantar e encarar Roxanne, que tinha saído do quarto, Zane estava agora de pé atrás deles, olhando com hostilidade aberta. Quando ninguém se moveu, ele apontou para o corredor atrás deles.

— Lá embaixo. — disse Charles.

— Alguém tem que vigiá-la. — Zane grunhiu, fazendo um gesto com a mão armada.

— Não. — insistiu Charles. Se Ilaria sentisse uma ameaça contra ela, e era difícil não ver Zane como uma ameaça, o mal nela apareceria novamente, tentando se proteger. — Ela ficará bem.

Zane ainda não se moveu. Para surpresa de Charles, Roxanne apareceu novamente e disse.

— Vamos, Zane, discutiremos no andar de baixo.

Estreitando os olhos, Zane rosnou, mas virou e caminhou em direção às escadas.

Charles trocou um olhar com Roxanne. Ele podia ver as muitas perguntas em seus olhos. E finalmente, responderia a todas.

Momentos depois, ele estava de frente para Zane, Grayson e Roxanne na sala de estar.

— Deveria ter me contado. — Roxanne começou.

Charles soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo.

— A Scanguards nunca me ajudaria se eu dissesse a você como a situação é perigosa.



— Quer dizer o quão perigosa Ilaria é. — interrompeu Zane, um tom hostil em sua voz.

Charles olhou furioso para ele.

— Não é Ilaria que é perigosa. É a marca. O mal dentro dela.

Mas Zane não estava satisfeito.

— Mesma coisa!

Roxanne levantou a mão para parar seu colega.

— Deixe-o explicar.

Charles assentiu grato por Roxanne não o condenar abertamente. Afinal, tinha todos os motivos para fazê-lo, ele manteve uma informação vital, mentindo para ela de fato, embora odiasse fazê-lo. Mas o tempo das mentiras já passou.

— A marca que Ilaria carrega nas costas é algo que toda bruxa teme. Gerações de bruxas tentaram erradicá-lo, porque espalha o mal puro neste mundo e transforma o ser

hospedeiro em um participante voluntário, uma vez que ele ou ela desista da resistência. A maneira de acabar com esse mal sempre foi matar a bruxa que o carrega. É nosso dever fazê-lo. De modo que todos nós e todos vocês estarão seguros.

— Ele olhou diretamente para Zane, depois para Roxanne. — Eu sei que a Scanguards já colaborou com bruxas antes. Se eu contasse sobre o verdadeiro significado da marca de Ilaria, qualquer bruxa que conhecesse o assunto aconselharia a mata-la imediatamente.



— Vendo como a marca pulsa, eu não precisaria que alguém me dissesse para atirar. — Zane rosnou.

Charles assentiu.

— A primeira vez que começou a pulsar, fiquei com medo também. Mas o medo só piora. Isso dá poder. — Ele olhou para Roxanne, seu coração aquecendo com a

lembrança de como ela consolou sua sobrinha. — Você não estava com medo. Ajudou Ilaria a lutar contra. Agradeço por isso.

— Haven me avisou. — disse Roxanne.

— Haven?

— Um colega. Eu o fiz fazer uma pesquisa para mim. Ele encontrou informações sobre a marca, me ligou assim que percebi que saiu. Entrei no quarto de Ilaria, procurando por você e a encontrei dormindo, mas a marca não estava.

O coração de Charles parou.

— Estava ativo enquanto ela dormia?

Quando Roxanne assentiu, as sobrancelhas franzidas, ele respirou fundo.

— O que isso significa? — Ela perguntou claramente ansiosa porque ele não disse nada por alguns segundos.

— É melhor sentar. — Todos os três guarda-costas permaneceram de pé, e todos pareceram mudar a postura como se se preparassem para a batalha. Seus instintos eram sólidos, e ele esperava que estivessem do seu lado quando a



batalha inevitável viesse. Encolhendo os ombros, Charles corrigiu — Bem, acho que também funciona.

Charles olhou para o teto, ouvindo, mas no andar de cima tudo estava quieto. Então baixou o olhar e olhou para os três vampiros.

— Uma em mil bruxas nasce com a marca. Parece uma tatuagem perfeita no começo. Um pequeno pentagrama. Não tem poder quando é tão pequeno. Mas à medida que cresce, amadurece, desenvolvendo mais símbolos, mais sinais. Ficando mais forte. E começa a influenciar a criança, exercendo controle sobre ela. A criança fica difícil de lidar. Ataca seus pais, seus irmãos, qualquer um que a marca perceba como uma ameaça. — Ele suspirou profundamente.

— Quando Ilaria foi colocada em meus braços aos três meses de idade, eu sabia que seria difícil mantê-la na direção certa e dar a ela a força para rejeitar o mal. Mas nunca soube quanto

isso me custaria.

Ele olhou para Roxanne, procurou seus olhos, tentou fazê-la entender. Isso lhe custara o amor dela.

— Sabia que o razoável seria matar minha sobrinha, para que ela nunca sofresse e machucasse ninguém.

— Foi muito egoísta da sua parte deixá-la viver! — Zane rosnou.

— Egoísta? Você pode chamar do que quiser. Mas fiz uma promessa à mãe dela. Estava dividido e, naqueles momentos em que vacilei, Ilaria me deu o maior presente, o amor de uma criança por seus pais. — Ele sentiu as lágrimas



subirem aos olhos e se afastou, fingindo interesse pela velha lareira. — E soube então que nunca poderia matá-la. Escondi o que ela era o melhor que pude. Nós nunca ficamos em qualquer lugar por muito tempo. E sempre procurei pelas

outras bruxas da marca.

— Há mais como ela? — Roxanne ecoou.

Charles demorou a responder.

— Sim. A mesma, mas diferente. Eles conquistaram o mal, e agora *controlam* a marca em seu corpo. *Não o* contrário. — Ele virou para encarar Roxanne e seus colegas novamente. — Não me entendam mal, eles ainda são bruxos poderosos, mais do que eu ou qualquer outra bruxa que conheço. Quando estão presentes, você pode sentir o poder deles. Isso o atrai para eles, o coloca à mercê deles. Mas os bruxos não machucam as pessoas, a menos que se sintam ameaçados. Eles não são controlados pelo mal mais.

— Como? — Roxanne perguntou.

— Eu não sei. Talvez seja a força de vontade combinada, talvez um ritual secreto. Ninguém sabe. É o segredo deles, que só compartilham com sua própria espécie. Eu só sei que tenho que entregar Ilaria aos seus cuidados. É a única salvação dela. E a nossa. — Ele procurou os olhos de Roxanne. — Eu menti quando disse que as bruxas que nos procuravam a matariam se eu a levasse comigo. Isso é apenas parcialmente verdade.



— O quê? — Grayson resmungou, lançando um olhar confuso entre Charles e Roxanne como se assistisse uma partida de pingue-pongue. — Vocês já se conheciam?

— Oh, por favor, continue. — Zane grunhiu. — Qualquer um pode ver isso, mas claramente você só tem olhos para a garota.

— Idiota! — Grayson assobiou para Zane.

— Como Roxanne e eu nos conhecemos é uma história para outro dia. — disse Charles, dirigindo-se a Grayson, antes de olhar de volta para Roxanne. — Eu não sabia se poderia controlar o mal em Ilaria. Se você fugisse comigo, Ilaria poderia ter te matado durante um de seus ataques. — E ele nunca conseguiria se perdoar por isso.

— Ataques? — Grayson disse agora.

— Momentos em que a marca tenta exercer poder sobre

ela. Ela ataca todo mundo nesses momentos, fica violenta. Quanto mais medo e ódio as pessoas ao redor dela demonstram durante um desses episódios, mais forte a marca reage. — Ele sorriu para Roxanne. — Ao confiar que ela não a machucaria, você a ajudou a lutar contra isso. Eu vi a aura dela mudar bem diante dos meus olhos, de um vermelho volátil para um azul calmo.

— Não pude ver a mudança de cores na aura dela. — disse Roxanne.

— Somente bruxas podem ver esse tipo de profundidade em auras de bruxas companheiras. Outras criaturas sobrenaturais só podem identificar que sua aura é a de uma



bruxa. Eu vi as cores dela mudarem quando a confortou. Fez o mal diminuir. Por agora. Mas não por muito tempo.

Roxanne respirou pesadamente, claramente afetada por

suas palavras.

— O que faremos?

— Peça reforço, antes que Ilaria mate alguém. — Zane estalou.

Roxanne virou para ele.

— Não ouviu o que o Charles acabou de dizer? Se mostrarmos medo e ódio, o mal atacará.

— Bem, o que sugere? Abraçá-la para nos manter seguros? — Zane bufou de desgosto.

— Embora seja um pouco simplista, ajuda temporariamente. — Charles teve que admitir.

Zane olhou para ele e cerrou:

— Estava brincando.

— Poderia ter me enganado. — Charles duvidou que o vampiro fosse capaz de fazer uma piada. Ou um sorriso. Um abraço carinhoso seria pedir demais.

— Charles, foco. — Roxanne exigiu. — O que pode ser feito?

— Eu já fiz.

— Fez o que? — Zane perguntou cheio de suspeita.



— Hoje à noite procurei as bruxas que conquistaram suas marcas. Eles estão dispostos a levá-la e ajudá-la a lutar contra o mal. Amanhã à noite.

— Oh, porra! — Zane amaldiçoou. — Mais bruxas do caralho.

— Eu não sei o que tem contra as bruxas. — Grayson jogou, cruzando os braços. — Eu gosto delas.

— Só quer pegar a sobrinha. — Zane rosnou.

A raiva fez os olhos do híbrido brilharem vermelhos.

— Não seja tão desrespeitoso. O tio dela está bem aqui.

Mas Zane não se incomodou com um detalhe tão minúsculo.

— Eu não sou cego, sou?

— Parem com isso! — Roxanne gritou. — Nós temos uma decisão a tomar.

— Eu fiz a minha. — afirmou Zane.

Ela olhou para ele.

— Como uma equipe. — Então ela olhou para Charles, e sua expressão suavizou. — Poderá controlá-la até amanhã à noite?

Dificilmente. Agora que o mal estava se manifestando enquanto ela dormia, não demoraria muito até Ilaria perder a luta.

— Precisarei de ajuda.

— O que eu puder fazer. — Roxanne ofereceu.



— Não de você. — Ele apontou para Grayson. — Dele.

Grayson apontou para o peito, que pareceu inchar um pouco.

— De mim? — Ele sorriu. — O que quer que eu faça?

— Como você é com elogios?

Grayson fez uma careta.

— O quê...?

— Quando Ilaria acordar, quero que a distraia. Faça elogios, flerte com ela. Mantenha-a ocupada. A faça pensar que você está interessado, como um jovem se interessa por uma moça. Diga-lhe que ela é bonita.

— Claro, mas por quê? — Grayson perguntou claramente confuso, mas definitivamente interessado.

— Porque o amor a ajuda a combater o mal. Quando Ilaria colocou os olhos em você pela primeira vez, sua aura mudou para o branco mais puro que já vi. Significava bondade e pureza. De alguma forma, quando está com você, ela é mais forte, muito mais forte do que já a vi. Se ela acreditar que um jovem bonito está interessado nela, isso a ajudará mais do que eu poderia neste momento. Pode ser o suficiente pelas próximas vinte e quatro horas, até as bruxas chegarem para levá-la.

— Claro, eu posso fazer isso. Sem problema. — As palavras saíram da boca de Grayson, mas Charles não

perdeu o sorriso que se espalhava em seus lábios.



— Isso é apenas doentio. — Zane grunhiu para si mesmo.

Charles o ignorou e dirigiu-se a Grayson.

— Ah, Grayson, isso não é uma licença para pegá-la. Entendeu?

— Certo.

Charles teve que se afastar do rosto sorridente do híbrido, ou provavelmente bateria nele. Mas agora, ele não achava que tivesse outra escolha. Ilaria estava muito perto do precipício. Uma palavra errada poderia derrubar o equilíbrio de poder entre ela e o mal. Um jovem como Grayson pode ser o remédio certo por enquanto.

— Eu ainda digo que precisamos de reforço. — Zane insistiu agora.

— Achei que você contava como dois. — Charles respondeu, não gostando da atitude combativa do vampiro.

— Boa tentativa, amigo, mas me insultar não mudará minha decisão. Roxanne, ligarei para o QG, quer você goste ou não. Este é um trabalho para mais de três pessoas. Particularmente, desde que Romeo aqui, — Apontou para Grayson — não será de nenhuma utilidade se algo der errado.

Ela assentiu.

— Ok. Peça reforço, mas não os faça entrar agora. Não quero que Ilaria se sinta ameaçada. Coloque-os em volta do perímetro.



Zane tirou o celular do bolso e entrou na cozinha.

— Grayson, por que não nos dá um momento? — disse Roxanne.

— Porque… uh… oh. Claro, sim. Eu só vou... Lavar minhas mãos, ou algo assim. — Ele desajeitadamente saiu para o corredor e desapareceu no banheiro.

De repente, sozinho com Roxanne, houve silêncio. Charles mudou seu peso de um pé para o outro. Ele foi sincero, verdadeiro. Não havia mais segredos e mentiras. Agora precisava descobrir onde eles estavam.

No entanto, hesitou. Disse tudo o que tinha que dizer. Não havia mais nada para revelar, já disse a ela que a amava. Que nunca tocou em outra mulher depois dela. Que ainda a queria.

A bola estava no campo dela. Agora cabia a ela dar o próximo passo.

Roxanne fez um movimento como se estivesse se preparando para fazer algo difícil. O coração dele pulou, enchendo-se de esperança.

Mas o que quer que Roxanne quisesse dizer ou fazer, não aconteceu.

Porque a terra sob seus pés começou a tremer.



Capítulo 12

O terremoto não poderia ser mais do que um 5,5 na escala Richter. O coração de Roxanne começou a bater rapidamente, enquanto se preparava para as ondas que tentavam roubar-lhe o equilíbrio.

Dentro de dez segundos, tudo acabou. Ela fez uma avaliação rápida de tudo ao seu redor. Uma pintura na parede entortou, mas não caiu. Um vaso tombou, mas caiu, com segurança, em uma almofada.

Roxanne suspirou de alívio e deu a Charles, que parecia um pouco abalado, um sorriso tranquilizador.

— Provavelmente apenas um cinco ponto cinco.

— Mais como um 5.3 — veio a resposta de Grayson do corredor enquanto ele caminhava para a sala de estar.

A porta atrás de Roxanne se abriu.

— Apenas um 4.8. — Zane afirmou saindo da cozinha.

— Você não é nem um californiano nativo. — disse Grayson. — O que você sabe sobre terremotos?

Roxanne revirou os olhos. Esses dois se tornaram cada vez mais competitivos conforme mais tempo passavam juntos.



— Mais do que você, considerando que vivi neste estado mais do que a sua idade. — Zane puxou o telefone do bolso e acenou na direção de Grayson. — Quer apostar que estou

certo?

Mas em vez de responder, Grayson virou a cabeça para o corredor.

— O terremoto acordou Ilaria.

Roxanne escutou. Grayson estava certo.

— Verificarei. — disse Charles e correu, acenando para Grayson. — Você vem comigo. Duvido que ela queira dormir agora. É provável que haja tremores secundários. Alguém deveria ficar como companhia.

Grayson sorriu e seguiu Charles no andar de cima. Roxanne assistiu os dois desaparecerem e os ouviu entrar no quarto de Ilaria.

— Malditos terremotos. — Ela murmurou e virou para Zane, que estava com o celular.

— Ei, menina. — disse ele em voz baixa, tom que era muito mais suave e gentil do que ele usava com seus colegas. Somente quando ele falou com sua esposa Zane pareceu amigável. Claramente, Portia, sua companheira de sangue, sabia como tirar Zane de sua concha dura.

— Como estão você e os meninos? Alguém se machucou?

Roxanne se ocupou ajustando a pintura na parede, não querendo ouvir a conversa de Zane.



— Sobre o terremoto, é claro. — disse Zane, sua voz um pouco mais alta agora.

Algo nela fez com que olhasse para Zane e reparasse nas linhas profundas que agora apareciam em sua testa. Seus olhares se encontraram. Algo estava errado.

— Então você não sentiu isso? — Zane murmurou, ouvindo sua resposta. — Não, não, não foi forte. Talvez apenas 1.3. — Alarme cintilou em seus olhos quando a mentira saiu de seus lábios. — Não quis te assustar. Não, está tudo bem. Abrace os meninos por mim, ok? Amo você, menina. — Ele desligou a ligação.

— É impossível que Portia não sentiu. — disse Roxanne.

— Exatamente o meu pensamento. — Ele bateu em seu

iPhone. — Estamos no leito de rocha aqui, minha casa não. Se sentimos isso, minha casa tremeria ainda mais.

Roxanne se aproximou para que pudesse ver a tela do celular dele.

— O que a NCGA diz? Algum alerta?

Zane sacudiu a cabeça.

— Nenhum.

Roxanne pegou o próprio telefone e abriu um site de mídia social.

— A mídia social é mais rápida que a sociedade geológica. Aposto que uma centena de adolescentes já postou ou twittou sobre isso, ou o que quer que eles façam. — Ela



percorreu uma infinidade de posts. Nenhum deles mencionou um terremoto no norte da Califórnia.

— Ligarei para o QG. — disse Zane, urgência evidente

em seu tom de voz.

Ela assentia quando ouviu sons nas escadas. As longas pernas de Charles entraram em sua linha de visão e ela caminhou em direção a ele quando desceu as escadas, encontrando-o sob a moldura da porta.

— Ela está bem?

Charles assentiu.

— Só um pouco agitada. Mas Grayson está contando histórias sobre seus irmãos e como eles tentaram adivinhar a força de um terremoto na escala Richter. — Ele sorriu. — Parece distraí-la.

— Ótimo. Porque algo não está certo.

— O quê? — Alarme tingiu a voz de Charles.

Ela fez sinal para ele na sala de estar, longe do corredor onde suas vozes não fossem ouvidas.

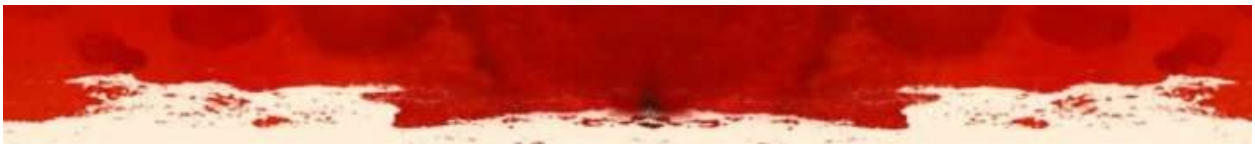
— Não encontramos qualquer evidência de um terremoto. — explicou.

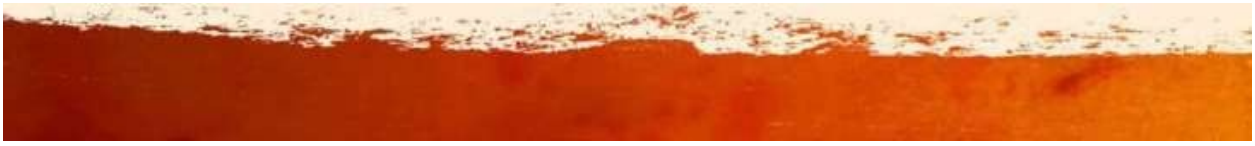
Seus olhos se estreitaram.

— Fale de novo! Eu senti a terra tremer debaixo dos meus pés.

— Caralho! — Zane amaldiçoou, fazendo Roxanne e

Charles virarem suas cabeças em direção a ele. — Não houve







terremoto. Em nenhum lugar da cidade. Nós fomos os únicos que sentimos isso.

Roxanne esfregou o pescoço, tentando dissipar a sensação desconfortável que agora deslizava pela espinha.

— Então o que foi isso?

— Um aviso. — Charles murmurou.

Ela lhe deu um olhar atordoado.

— Das bruxas da marca?

— Não, daqueles que querem Ilaria morta. E é minha culpa que eles nos encontraram.

Charles sentiu a realidade crua e fria cair. Sabia que

usar seus próprios poderes para encontrar as bruxas da marca tornaria mais fácil para os assassinos que caçavam ele e Ilaria por quase duas décadas. Quanto mais usava seus poderes, os dele e os de Ilaria, mais eles se aproximavam, mais risco corriam por enviar uma assinatura mágica forte o suficiente para ser lida por outras bruxas. Enquanto ele escondeu os poderes dele e de Ilaria e continuou se movendo, as bruxas que a queriam morta não conseguiram uma leitura clara dele ou sua sobrinha. Mas desde que Ilaria começou a manifestar seus poderes, foi mais difícil permanecer oculto. E hoje à noite, quando buscou as bruxas da marca e a



mudança de Ilaria foram a gota d'água e deu aos inimigos o suficiente para farejá-los. O show acabou.

— Usei meus poderes esta noite. — explicou a Roxanne, mas ela não ouvia.

Ela já estava em ação, abrindo um painel escondido na sala de estar que continha uma série de armas. Ela e Zane se armavam, trocando instruções curtas.

— Você sabe atirar? — Zane latiu para Charles, pronto para atirar-lhe uma arma e munição.

Mas Charles levantou a mão em recusa.

— Eu não precisarei de uma arma. As bruxas são melhor combatidas com feitiçaria.

Zane rosnou, acariciando a faca que estava em um coldre em seu quadril.

— Até as bruxas morrem quando você apunhala ou atira nelas. — Ele carregou uma semiautomática. — Eu ficarei com isso.

Junto a ele, Roxanne parecia pronta para uma luta também. Ela segurava uma arma na mão enluvada, pegou algumas estrelas de arremesso e enfiou-as nos bolsos.

Ela olhou para ele agora.

— Como eles atacarão?

Charles se aproximou dela.

— Estará em desvantagem. A julgar pela força do tremor, diria que há pelo menos meia dúzia deles lá fora.



— O reforço já está vindo. — assegurou Roxanne.

— Eles não estarão aqui a tempo. — Segundo sua estimativa, o trajeto da sede da Scanguards é de, pelo menos, vinte minutos, se não mais.

— Nos preocupamos com isso, não você. — interrompeu Zane.

— Tudo o que precisamos fazer é segurá-los até que o reforço chegue. — explicou Roxanne e olhou para o seu colega. — Grayson pode nos cobrir, você e eu tomaremos a frente.

— Não! — Charles protestou. — Grayson tem que ficar com Ilaria para mantê-la calma. Quando ela perceber que estão atacando, o mal tentará sair dela. Destruirá a todos para se salvar, e não haverá nada que possamos fazer.

Charles notou os lábios de Roxanne tremendo, enquanto

olhava para ele como se estivesse sem cabeça.

— Como é que você ainda está vivo?

— Porque até agora eu ainda era mais forte que ela. Mas o que acontecerá em breve a colocará no limite. Nós não podemos permitir isso. Se as bruxas trouxerem a luta para dentro desta casa, ninguém conseguirá impedir que o mal se levante.

— Porra! — Zane amaldiçoou. — E todo mundo se pergunta por que odeio bruxas. Vai saber.

Ignorando-o, Charles desviou o olhar para Roxanne.



— Nós temos que atraí-los. Não será fácil e apenas temporário. Mas pode nos dar tempo suficiente até que a cavalaria chegue.

Os olhos de Roxanne se arregalaram.

— Qual é o seu plano?

— Direção errada.



Capítulo 13

— Pronta? — Charles perguntou dez minutos depois, espiando pela janela da cozinha que dava para o quintal e subia a encosta íngreme.

— Isso nunca funcionará. — Roxanne se sentiu obrigada a dizer, embora Charles tivesse explicado seu plano em detalhes. Ele também informou a Grayson sobre o que fazer quando Charles, ela e Zane estivessem fora.

Embora Zane não gostasse da ideia, ele votou a favor.

— Melhor do que ficar sentado como patos esperando eles atacarem.

Mais preocupada em deixar Ilaria sozinha do que com

sua própria segurança, Roxanne olhou para Charles, na esperança de convencê-lo.

— E se eles perceberem imediatamente? Ilaria ficará indefesa.

— Eles não vão. — A voz de Charles inspirou confiança, assim como o olhar determinado em seus olhos. — Tenha um pouco de fé nas minhas habilidades. Você não lembra do que sou capaz?



Seus olhares se encontraram e, por alguns segundos, ela lembrou das coisas que viu antes, lembrou do poder que corria em suas veias.

— Confie em mim, amor. — murmurou tão suavemente que ela se perguntou se ele realmente disse isso, ou se só imaginou.

— Está na hora. — Zane aconselhou. — Posso ouvi-los.

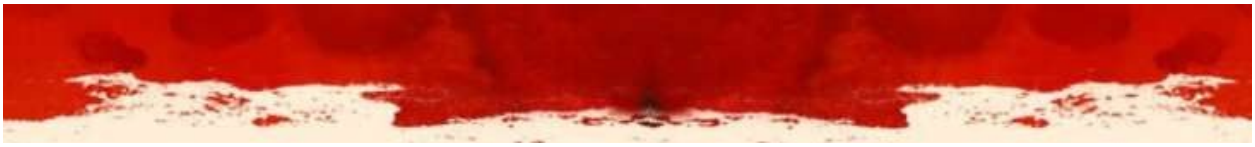
Charles colocou a palma da mão no topo da cabeça de Roxanne e fechou os olhos. Ela sentiu o calor penetrando, infundindo, mudando. A sensação correu por suas veias, espalhando-se como tinta na água, até que alcançou todas as suas extremidades. De repente, ofegou por ar. Respirou fundo. Inspirando.

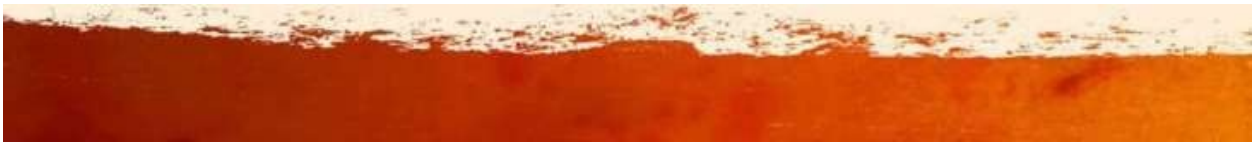
Roxanne abriu os olhos e olhou para Charles.

— Droga. — Zane disse maravilhado. — Você cheira como uma bruxa.

— Rápido. — ordenou Charles. — A ilusão não durará muito.

Sem emitir nenhum som, Charles abriu a porta lateral e deslizou para fora na escuridão. Roxanne estava em seus calcanhares, com Zane trazendo a retaguarda. Escondidos por arbustos altos e latas de lixo que se alinhavam na passagem estreita, eles se arrastaram ao longo da lateral da casa em direção ao declive íngreme atrás dele. Chegaram ao final do pátio sem incidentes.





Zane assumiu a liderança, subindo a colina. Árvores e arbustos subiam na encosta.

— E se não nos verem? — Roxanne sussurrou para Charles quando começaram a subir lado a lado.

— Eles podem não ter a audição sensível de vampiros, mas sentirão duas bruxas e um vampiro tentando fugir. Eles morderão a isca. A questão é, até onde chegaremos antes que nos identifiquem?

— Não longe o suficiente. — Zane assobiou e girou ao redor apenas como flashes de luz iluminaram o céu acima deles.

— Caralho! — Roxanne amaldiçoou e pegou sua arma, girando também.

Ela viu as bruxas imediatamente. Enquanto suas formas eram difíceis de determinar no escuro, apesar de sua visão de vampiro, as auras eram inconfundíveis. Roxanne apontou e disparou. A bala deve ter acertado o alvo, mas a bruxa que ela mirara levantara os braços e enviara uma

explosão de energia em sua direção, enviando-a para fora do curso.

— Cuidado! — Charles gritou, assim que Roxanne percebeu que a bala não tinha apenas desviado do curso, mas estava voltando diretamente para ela.

Roxanne sentiu um impacto, no entanto, não foi a bala que a derrubou, mas Charles. Juntos, eles rolaram colina abaixo alguns metros, até que ele conseguiu cavar seus calcanhares no chão e impedi-los de cair mais.



Enquanto isso, tiros disparados por Zane do alto, onde se abrigava atrás de uma árvore, crepitavam durante a noite.

— Todo o bairro virá correndo. — Roxanne disse. Inocentes seriam pegos na batalha.

Puxando-a com ele para se esconder atrás de um velho tronco de árvore encostado a um pedregulho, Charles disse:

— Eles levantarão uma barreira de som. Um feitiço para esconder o que está acontecendo aqui. Não é interessante atrair atenção. Tudo o que querem é matar Ilaria.

Eles abaixaram atrás da pedra, evitando por pouco uma lança de fogo que uma das bruxas atirou neles. Roxanne sentiu o calor chamuscando as pontas de seus cabelos quando passou por ela.

— Que armas boas seus amigos têm. — ela sussurrou.

— Mesmo você deve ver que eles não são meus amigos.

— Charles replicou e empurrou-a para trás. — Fique abaixada.

Antes que ela pudesse detê-lo, Charles saltou com os braços estendidos e enviou uma explosão de energia para as bruxas. Um grito de estourar os tímpanos soou na noite. Roxanne deu um pulo, seu olhar passando pelo corpo largo de Charles. A aura de uma das bruxas se acendeu como uma chama e se extinguiu com a mesma rapidez. A explosão de Charles a incinerara.

Mas Roxanne não encontrou satisfação na morte da bruxa, porque um olhar para o sopé da colina confirmou que



eles estavam de fato em desvantagem. Pelo menos seis ou sete figuras se aproximavam, começando a subir a encosta. E não importava quantas balas Zane atirasse do alto, seus disparos continuavam perdendo os alvos pretendidos. Roxanne fez o mesmo, alternadamente atirando e jogando estrelas de arremesso contra eles. Sem sucesso. Como se estivessem protegidos por um escudo que nem Charles parecia capaz de quebrar.

Rapidamente, as bruxas se aproximaram. Roxanne olhou ao redor. Mas não havia lugar para correr ou se esconder. Eles apostaram e perderam. Em alguns momentos, as bruxas os cercariam e os pegariam um por um.

— Prometa-me uma coisa, Roxanne. — Charles de repente murmurou ao lado dela.

Ela sacudiu a cabeça para olhá-lo, o tom dele causando um arrepio por sua espinha, quando seus olhos captaram o brilho dos faróis na rua que se estendia até a casa segura. Ela focou sua visão. Furgões da equipe de reforço.

— Eles estão aqui. — Ela agarrou o ombro de Charles e apontou para a estrada. Ele seguiu seu dedo estendido. — Scanguards. Eles poderão atacá-los por trás.

— Só se eu puder atrapalhar o escudo que as bruxas ergueram em torno deles. Sou o único que pode perfurá-lo. — De repente, Charles pressionou os lábios nos dela, beijando-a ferozmente. — Lembre-se sempre que eu te amo. — Então ele pulou de trás da pedra e avançou, com os braços abertos como asas.



— Nãoooooooo! — Roxanne gritou. Isso era suicídio. Mas desta vez não permitiria que Charles a deixasse. Desta vez ela iria com ele onde quer que fosse.

Uma rajada de ar a jogou de bunda no chão. Roxanne se esforçou para levantar e procurou por Charles. Ele já estava de frente para o inimigo, flechas de cargas elétricas disparavam das pontas de seus dedos, chovendo sobre as bruxas e saltando do escudo coletivo. Implacavelmente ele disparou contra eles em uma tentativa óbvia de enfraquecê-los, quando ele finalmente caiu de joelhos.

— Nãoooo! — Roxanne gritou e deu um pulo. Esperou que sua aura de bruxa ainda estivesse intacta e sabendo que as bruxas não sabiam como Ilaria era, ela acenou com os braços para elas. — Venham e me peguem, sou o que vocês querem, seus malditos covardes!

Todos os olhos dispararam para Roxanne. Mas ela apenas olhou para Charles, que agora, mesmo em seu estado enfraquecido, levantava os braços. Quando pequenas faíscas apareceram nas pontas dos dedos, ela virou e correu colina acima, sabendo que distrairia ainda mais as bruxas e as atraía em sua direção.

— Por aqui. — Roxanne ouviu Zane chamar e ela mudou de direção.

Atrás dela, gritos e berros se misturavam com tiros e o que soava como explosões. Quando ela chegou à árvore onde Zane se escondia, ela olhou por cima do ombro.



Do alto da propriedade ela tinha o ponto de vista perfeito. De alguma forma, Charles conseguira quebrar o escudo protetor das bruxas, permitindo que a Scanguards as atacasse por trás. O ataque pegou de surpresa seis bruxas contra mais de uma dúzia de vampiros. As chances não eram boas para as bruxas.

— Nós somos os melhores, não somos? — Zane riu ao lado dela. — Embora eu deva dizer, seu homem lá embaixo também não é tão ruim. Para um bruxo, é claro.

Seus olhos correram para o local onde ela viu Charles

pela última vez. Ele se foi. Em pânico, ela deu um pulo, mas imediatamente sentiu a mão de Zane em seu braço.

— Ele está lá, à esquerda. Olhando para você.

Ela o viu e praticamente desceu correndo a colina, voando em seus braços.

— Nunca mais faça isso. Foi suicídio!

Charles a pegou e a apertou contra ele.

— Ainda estou vivo. — Ele a beijou com força, em seguida, olhou por cima do ombro para onde de repente havia descido. — Tenho a sensação de que a fatura final da Scanguards será muito maior do que o previsto.

Roxanne puxou o rosto dele para ela.

— Eu posso negociar um desconto.

— Ah sim, e o que me custará?

— Não sou barata.



— Nunca pensei que fosse. — Ele a beijou novamente. Então pegou a mão dela e desceram o restante da colina até onde seus colegas lidavam com os corpos das bruxas.

Ela viu Samson e caminhou até ele.

— Como conseguiu chegar aqui tão rápido?

— Reunimos uma equipe quando Haven desligou o telefone com você. — disse Samson. — Quando ele nos disse que a marca em Ilaria era de fato a *Marca de Caim*, achamos que precisaria de reforço.

Roxanne olhou por cima do ombro, explicando a Charles:

— Este é Samson, meu chefe.

Charles ofereceu a mão a Samson.

— Eu não sei como agradecer.

Samson apertou a mão de Charles.

— Não faça me arrepender. — Ele olhou ao redor, acenando para Zane, que estava se juntando a eles agora. — Você está bem?

— Claro. — respondeu Zane.

Samson esticou o pescoço, passando por Zane.

— E Grayson? Eu não o vejo. — A preocupação penetrou em sua voz.

— Ele está em casa, protegendo Ilaria. — disse Charles.



— Ilaria? Ah, maldição! — Samson amaldiçoou, olhando para Roxanne. — Depois do que Haven disse, deixou o meu filho protegendo a bruxa mais perigosa em São Francisco? Droga, Roxanne!

Mas ela não teve chance de responder, porque Samson já invadia a casa. Roxanne correu atrás dele. Ela o alcançou quando chegou ao topo da escada. Respirando

profundamente, ele seguiu o cheiro de seu filho e abriu a porta do quarto de Ilaria.

— Samson, por favor, não faça nada precipitado! — Roxanne disse.

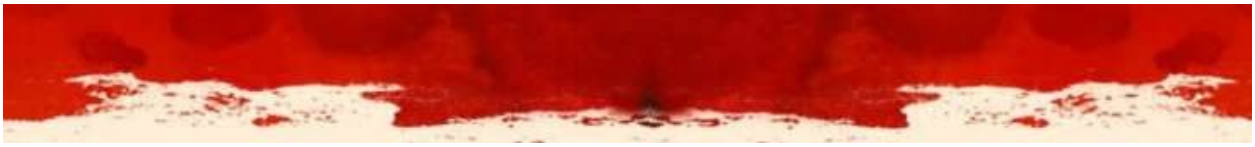
Samson congelou na moldura da porta.

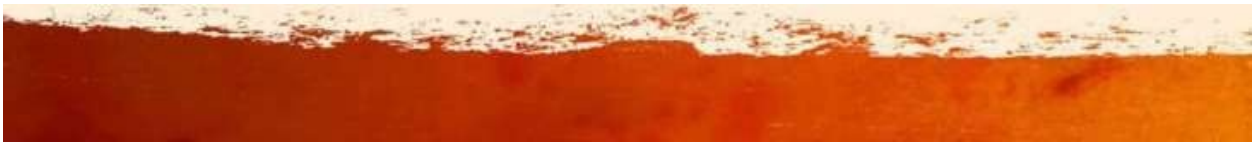
Roxanne estava lá uma fração de segundo depois, espiando por cima do seu ombro.

Lá, no quarto iluminado apenas por uma lâmpada de cabeceira, Grayson estava sentado na poltrona estofada, com a arma na mão e Ilaria sentada em seu colo. Seus lábios unidos em um beijo apaixonado, a mão livre de Grayson acariciando sua nuca, enquanto Ilaria se contorcia em seu colo, suas mãos explorando seu torso. A marca nas costas dela estava em paz.

— Hã-ram. — Samson finalmente disse.

Ilaria separou seus lábios dos de Grayson e gritou. Grayson instantaneamente levantou a arma, mas com a mesma rapidez, baixou novamente.





— É só meu pai, querida. — ele murmurou para Ilaria, acariciando-a calmamente.

— O que o... — Charles entrou no quarto. — Eu não o avisei para não...

Grayson o cortou.

— Disse para mantê-la calma. — Ele trocou um sorriso com Ilaria. — E eu acho que fiz um bom trabalho, não é?

O rosto de Ilaria ficou vermelho brilhante.

Grayson sorriu como o gato da Alice.

— Posso deixar meu posto agora.

Roxanne não pôde reprimir um sorriso. Parecia que Grayson era tão encantador quanto seu pai quando queria ser.



Capítulo 14

Charles queria limpar o sorriso de satisfação do rosto do jovem híbrido, mas uma olhada nas costas de Ilaria esmagou essa noção, Grayson realmente conseguiu manter a marca calma distraindo Ilaria durante a batalha que acontecia lá fora. E quem era ele para negar-lhe esse pequeno prazer? Afinal, ela nunca teve a chance de flertar com um jovem.

— Por que não vamos lá embaixo e discutimos a situação? — Samson sugeriu que fosse para o corredor. Já a meio caminho da porta, ele olhou por cima do ombro para o filho. — E, Grayson?

— Sim, pai?

— Comporte-se.

— Não me comporto sempre?

Samson revirou os olhos e marchou pelo corredor até as escadas.

Charles apontou o dedo indicador para o jovem híbrido presunçoso.

— O que seu pai disse, continuará. — Ele grunhiu. — Ou aprenderá em primeira mão como é a ira de um bruxo.

Grayson teve tempo para responder.



— Sim, senhor.

Satisfeito, Charles se virou e pegou o olhar ilegível de Roxanne. Ele a conduziu para fora do quarto e, lado a lado, desceram as escadas, onde vários membros da equipe da Scanguards circulavam.

— Haven, quanto tempo até que todos os corpos sejam retirados? — Samson perguntou a um vampiro de ombros largos pisando no corredor.

— Dê-nos vinte minutos, e o lugar ficará mais normal do que nunca.

Acenando para Haven, Samson levantou a mão para Charles e Roxanne em um gesto para se juntar a ele.

— Uma palavra.

— Mais uma vez, muito obrigado.

Mas Charles não foi mais longe, porque Samson começou:

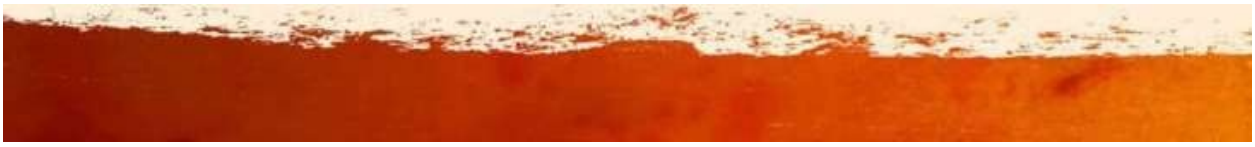
— Em que diabos estava pensando, escondendo de nós o que deveríamos proteger? — Seus olhos começaram a brilhar, indicando o vampiro enjaulado sob a superfície. — Poderia ter matado todos nós! E usar meu filho...

—Seu filho parece não ter objeções. — protestou Charles.

Samson rosnou, mostrando suas presas.

— Porque ele é um garoto com hormônios furiosos! Isso não torna certo ou seguro.





— A julgar pelo que vi, ele não é criança.

Samson ficou cara a cara com Charles.

— A questão é: você mentiu para nós. Ilaria é um perigo. Para todos nós. — Ele olhou para Roxanne. — Zane avisou ao QG, e Haven e eu conversamos sobre o trabalho aqui. — Ele olhou de volta para Charles. — Meus homens a levarão sob custódia até que possa ser transferida com segurança para as bruxas que são capazes de lidar com ela. Temos celas subterrâneas no QG, onde ela estará segura.

— Sobre o meu cadáver. — protestou Charles. — Ninguém colocará Ilaria em uma cela.

Samson apoiou as mãos nos quadris.

— Não temos escolha. Grayson conseguiu distrai-la desta vez, mas ninguém sabe o que acontecerá na próxima. Eu não brincarei com a segurança da minha família e dos meus funcionários.

Charles estava pronto para explodir com fúria.

— Então, considere-se demitido! — Porque ele nunca

permitiria que Ilaria fosse colocada em uma masmorra, uma cela subterrânea. A pele da nuca começou a formigar com desconforto. Só o pensamento lhe deu arrepios.

— Tarde demais! Não pode nos despedir. Esta é uma questão de proteger a todos agora.

O formigamento ficou mais forte, e alguma outra coisa fez também, a consciência de que ele e Ilaria não eram mais as únicas bruxas da casa. Uma das bruxas inimigas



conseguiu se esconder? Eles estavam prestes a ser emboscados?

— Bruxa! — Charles gritou e virou.

Várias armas foram instantaneamente niveladas com a figura parada na porta da frente aberta.

— Não atire! — Charles gritou, jogando-se entre as armas apontadas e a bruxa. — Eu a conheço.

Mas ele não deveria ter se incomodado, porque a bruxa com quem falou no Parque Golden Gate apenas horas antes jogou a mão para cima e se protegeu com seu próprio poder, o campo de força a protegendo tão forte que o ar entre ela e os vampiros brilhava com um brilho prateado.

Os homens da Scanguards não se afastaram.

— É comovente que você queira me proteger. — a bruxa falou com o mesmo tom que usou anteriormente na floresta. — Mas não preciso de proteção contra vampiros. — Ela passou por ele, apontando para Samson. — Você parece ser o líder deles.

Samson assentiu.

— Eu quero dizer que não vim fazer mal algum. Estou aqui pela menina. — Ela lançou um olhar para o lado de trás da casa. — Dado o que aconteceu aqui hoje à noite, meu coven votou em levá-la imediatamente. Melhor para todos nós. Não concorda?

— Se ela concordar em ir com você, meus homens não a impedirão. — disse Samson.



Na escada, Charles ouviu passos. Ele olhou por cima do ombro. Ilaria colocara um suéter e jeans e caminhava na direção deles. Ela também sentiu a chegada da bruxa da marca. Quando Ilaria chegou ao final da escada, Charles segurou a mão dela.

— Está pronta para isso?

Ela sorriu e olhou para a estranha.

— Sempre estive pronta. — Então ela olhou de volta para o topo da escada, onde Grayson estava, com as mãos nos bolsos, uma expressão solene no rosto.

— Obrigada. — sussurrou Ilaria, o rosto cheio de lágrimas.

Charles apertou a mão dela e ela encontrou seus olhos.

— Sentirei sua falta, querida.

Ilaria jogou os braços ao redor do tio.

— Eu também sentirei sua falta, tio Charles.

Naquele momento, ele se sentia mais do que um tio, sentia-se como um pai que perdia a filha. Como se Ilaria sentisse isso, ela olhou para cima e fechou os olhos com ele.

— Um dia nos encontraremos novamente. Prometa-me que não se preocupará comigo. É hora de viver sua própria vida agora. Já se sacrificou demais.

Involuntariamente, seu olhar se afastou de Ilaria para Roxanne, que estava entre seus colegas. Ela baixou a arma, embora seus colegas ainda estivessem apontando a arma para a bruxa.



— Venha, minha criança. — A bruxa da marca estendeu a mão e, sem hesitação ou medo, Ilaria tomou e permitiu que a estranha a levasse para longe.

Respirações aliviadas encheram a sala, misturando-se com os cliques abafados de armas travando e voltando ao

coldre. A ameaça finalmente acabou.

Charles sentiu a tensão sair de Samson.

— Vamos dar o fora daqui, rapazes. — disse Samson para seus homens. Ele olhou para Roxanne. — Irá com a gente?

Charles percebeu o olhar que Roxanne lhe deu, antes de responder à pergunta do chefe.

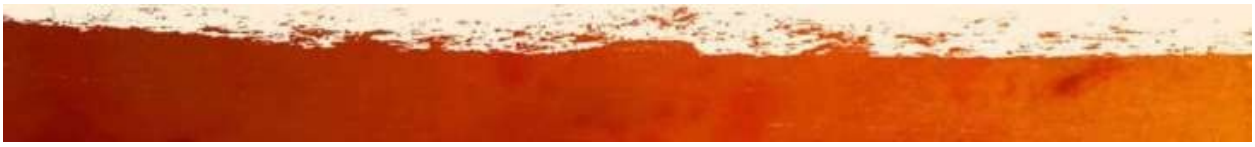
— Há algo que preciso fazer primeiro. Vejo todos vocês na sede amanhã à noite.

Samson assentiu em concordância.

Alguns minutos depois, todos os colegas dela foram embora, limpando todos os vestígios de que uma briga ocorreu ali.

Charles e ela estavam finalmente sozinhos.





Capítulo 15

Roxanne observou Charles fechar a porta atrás de seus colegas e virar a tranca. Quando virou, ela encontrou seu olhar.

Ela realmente não sabia como começar, o que dizer ou fazer, mas sabia que era a vez dela. Sentiu isso.

— Quando vi a marca de Ilaria, quando a vi pulsar, finalmente entendi por que me abandonou.

Ele estendeu a mão.

— Eu nunca quis.

— Você não teve escolha. Sem você, Ilaria nunca sobreviveria até a idade adulta. E fez isso sabendo que a qualquer momento ela poderia se virar contra você e permitir que o mal dentro dela o destruísse.

Ela viu os olhos dele ficarem úmidos, e Charles disse:

— Porque sabia que se pudesse entregar Ilaria em segurança, teria permissão para voltar para você. Se puder me perdoar pelo que fiz.

Lentamente, ela balançou a cabeça.

— Perdoá-lo?

Ele baixou a cabeça.



— Oh, Charles, não há nada para perdoar. — Roxanne cruzou a distância entre eles e colocou os braços ao redor dele, sentindo-o estremecer de alívio. — Eu só queria que me permitisse estar ao teu lado. Seríamos ainda mais fortes juntos.

Suas mãos estavam no rosto dela, inclinando-se para ele.

— Eu sei disso agora. Vi como não demonstrou medo a ela, percebo que estava errado. Mas eu não podia correr o risco, sem saber o que implicaria criar uma bruxa da marca. Não poderia arriscar sua vida. Eu te amei muito. Ainda amo.

— Tentei parar de amar você. — Roxanne murmurou, as lágrimas transbordando em seus olhos. — Mas falhei.

— Ninguém é perfeito. Nem mesmo você. — Charles riu, e o som perfurou o coração dela, derrubando a parede que construiu em torno dele. — E é exatamente assim que eu te amo.

Ela riu através das lágrimas que agora rolavam por suas bochechas, não precisava mais escondê-las.

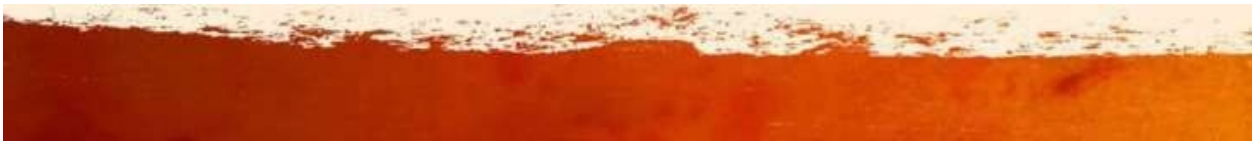
— Eu te amo, Charles.

No instante seguinte ele a levantou e a carregou para as escadas.

— O que está fazendo?

— Levando-a para a cama, meu amor.





— Mas não estou cansada. — ela brincou com ele, sentindo calor dentro dela.

— Nem eu.

No andar de cima, Charles abriu a porta do quarto e acionou o interruptor de luz. Ele congelou e Roxanne tirou os olhos dele e deixou que ela vagasse.

O quarto parecia ter saído de uma revista de lua de mel. Uma cama grande com um dossel de musselina branca dominava o lugar. Lençóis macios cobriam o colchão. A luz forte do teto foi substituída por duas lâmpadas de cabeceira que emitiam um brilho alaranjado.

E embora ela soubesse que era apenas uma ilusão, murmurou:

— É lindo. Obrigada.

Charles encontrou seus olhos.

— Não me agradeça. Tenho a sensação de que este é um presente de despedida de Ilaria.

—

Então,

que

tal

brincarmos

com

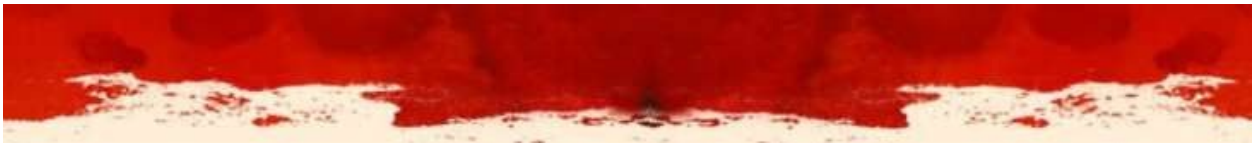
nosso

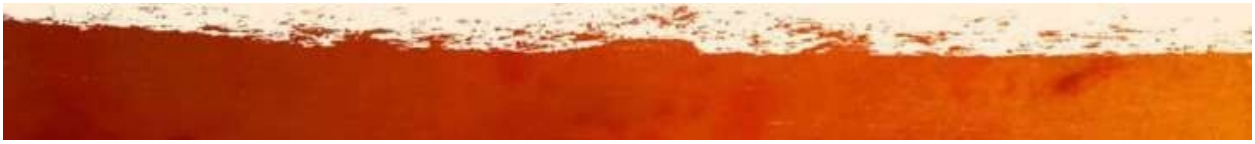
presente? Tenho certeza que ela iria querer isso.

Charles piscou para ela.

— Concordo.

Ele a deitou na cama e começou a se despir. Roxanne o observou, ficando com fome ao vê-lo. Primeiro, ele revelou um peito quase sem pelos com músculos tonificados. Seus bíceps eram pronunciados. Eles flexionaram quando Charles puxou







a camisa polo sobre a cabeça. Ele a jogou no chão, depois abriu o botão da calça e ergueu o olhar.

Ele riu.

— Este jogo só funcionará se ambos estivermos nus.

— Eu só estava admirando o que será meu em breve. —

E logo não poderia chegar rápido o suficiente. — Estou adiando este momento.

O coração de Charles bateu mais rápido. Ele sonhou com esse momento por tantos anos, ouvir Roxanne dizer que queria passar a eternidade com ele.

Ele não perdeu tempo e se despiu até ficar nu diante dela, seu pênis já duro, pesado e impaciente. Charles ficou parado ao pé da cama por um momento, olhando para Roxanne e como ela lambeu os lábios enquanto deleitava seus olhos nele.

— Quanto mais cedo se despir, mais rápido conseguirá o que deseja. — disse ele, passando os olhos por ela.

— Eu não queria perder nada. — disse, em seguida, começou a se despir.

Primeiro seu top caiu no chão, depois os sapatos e calças. A boca dele babava quando ela soltou o sutiã e deslizou para fora, mas quando seus polegares engancharam em seu fio-dental, empurrando-o para baixo sobre as pernas, ele sentiu o pênis empurrar em antecipação.



Ambos estavam nus esta noite, não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

Charles deslizou um joelho no colchão, apoiando-se. Roxanne estendeu a mão para ele, suas mãos puxou a cabeça dele em direção a dela, seus olhos brilhando dourados agora. Ele sempre pensou que ela era bonita, mas sempre que via as íris dela se iluminarem com o fogo de seu lado vampiro, sentia uma fome primitiva despertar nele. Uma que só Roxanne podia despertar.

Ele tomou seus lábios, beijando-a pela primeira vez sem quaisquer mentiras ou segredos entre eles. Roxanne o lambeu ansiosamente, a forte pressão de sua língua contra a dele, lembrando-o como ela era forte. Poderosa. E tão diferente dele. Charles, um bruxo amando a luz. Ela, uma vampira que vive na escuridão.

No entanto, enquanto ele a beijava apaixonadamente e a explorava com as mãos, se aproximando das suas curvas exuberantes e pele sedosa, sabia que eles eram feitos um para o outro. Pretendia ser ponte nas diferenças entre as suas espécies, permitindo que o amor e a confiança entre eles florescessem.

A cada segundo, o beijo se tornava mais urgente. Ele sentiu Roxanne puxá-lo para o centro dela, fazendo seu pênis se mover para a junção em suas coxas, onde o calor e a umidade se acumularam. Ele esfregou a cabeça do seu pau ao longo da fenda dela e gemeu com o contato suave. Debaixo



dele, Roxanne se contorceu, mudando para o ângulo da pélvis.

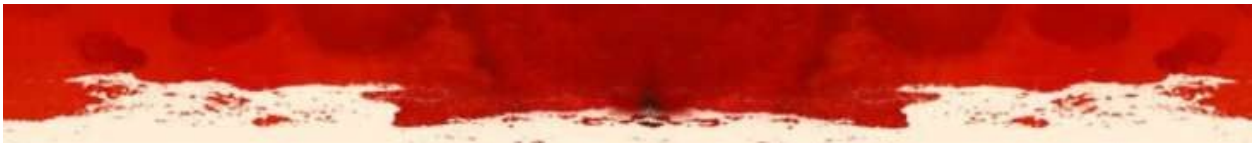
A ponta do pênis empurrou entre os lábios inchados do sexo dela.

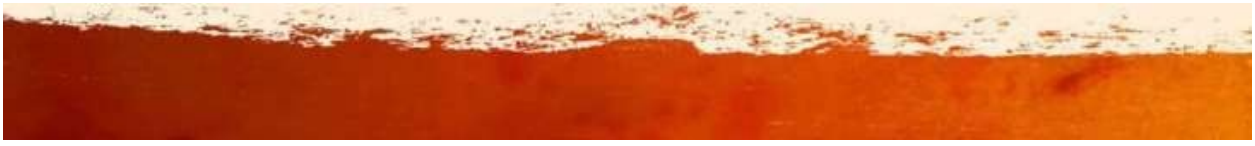
— Porra! — Ele amaldiçoou, afastando sua boca da dela e jogando a cabeça para trás. — Bom demais!

Charles não tinha autocontrole, nem paciência. Por mais que quisesse diminuir a velocidade, não conseguiu se conter e mergulhou em sua boceta quente e molhada. Roxanne deu boas-vindas, suas pernas já envolvendo em torno dele para que não pudesse escapar, suas unhas cavando em sua carne. Ele sempre amou isso, sempre amou como ela soltava todas as restrições quando estava dentro dela. Como se entregava, como se fosse o mais forte deles, quando ele sabia que ela poderia matá-lo com suas garras afiadas e presas. No entanto, ele nunca sentiu medo, porque o amor os fazia iguais. O amor lhe dava poder sobre ela, assim como ela tinha poder sobre ele.

Mas esta noite, superariam tudo isso, porque hoje, eles verdadeiramente se tornariam um.

Charles a montou com força, empurrando profunda e rapidamente, movendo-se de maneiras que ele sabia que a deixavam louca. Ela não mudou nada, ainda soltou os mesmos suspiros que sempre dava, quando ele esfregou o clitóris da maneira certa. Era emocionante ver seu corpo entrar em erupção de prazer, mas participar, sentir seus músculos interiores apertando ao redor dele, contraindo e





soltando, era mais do que qualquer homem jamais poderia sonhar. Ele era um sortudo filho da puta por ganhar o amor de uma mulher como Roxanne.

— Faça-me seu. — exigiu, não conseguindo esperar mais. A paciência era superestimada. Eles tinham toda a eternidade juntos. Talvez Charles aprendesse a ser paciente

então, mas esperou vinte e três anos por isso e não queria esperar mais um momento.

Os olhos de Roxanne brilharam, o brilho dourado ficou laranja e depois vermelho. As pontas de suas presas passaram por seus lábios, descendo até o comprimento total. Ela levou a mão ao ombro e ele observou fascinado como cortava sua pele. Sangue escorria da incisão.

Ele encontrou seus olhos então e viu a fome neles. E o amor. A confiança. Porque quando completassem o vínculo, Roxanne só beberia dele. Ele se tornaria sua única fonte de nutrição. E ele queria essa responsabilidade. Ansiava, de fato.

— Seja minha. — ele murmurou e apertou os lábios para a pequena ferida no ombro de Roxanne, lambendo o sangue que se infiltrou, e sugando para exigir mais.

Sentiu-a estremecer-se embaixo dele, seus músculos se espasmando quando o clímax a embalou. Então ele sentiu. Ela dirigiu suas presas afiadas ao pescoço dele, perfurando a veia. Ele tremeu de prazer e soltou os últimos fios de seu controle. O orgasmo o tomou como uma onda batendo contra um penhasco.



Oh, Deus, como ele sentiu falta. Com sobreviveu sem ela por tanto tempo? Ele estava mais morto do que vivo e nem percebeu.

Eu sei. Era a voz de Roxanne em sua cabeça.

Charles estava preparado para isso, sabia que aconteceria, que ele e Roxanne teriam uma conexão telepática forjada pelo vínculo. Mas nunca imaginou o quão intenso era, quão perto ele se sentiria dela, quanto do seu coração e alma sentiria se infiltrando nele.

Eu nunca a abandonarei, meu amor, respondeu da mesma forma que ela enviou seus pensamentos para ele.

Eu o perseguirei até o fim do mundo se você fizer. E sou mais rápida que você.

Ele queria rir disso e, se não estivesse tão ocupado bebendo o sangue de Roxanne, enquanto ela bebia o dele, ele

teria. Em vez disso, deu a ela a única resposta que poderia pensar.

Ele fez amor com ela até que nenhum deles pudesse mover outro membro.

Quando finalmente pararam de se mover, Charles a puxou para a curva de seu corpo, de costas para o peito e usou o que sobrou de sua energia para lançar um feitiço.

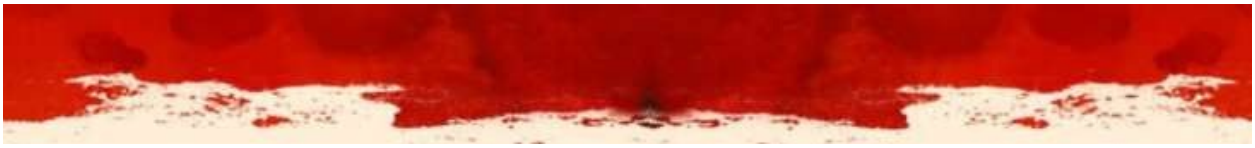
Gavinhas invisíveis, como laços de seda, cresciam ao redor deles, unindo-os.

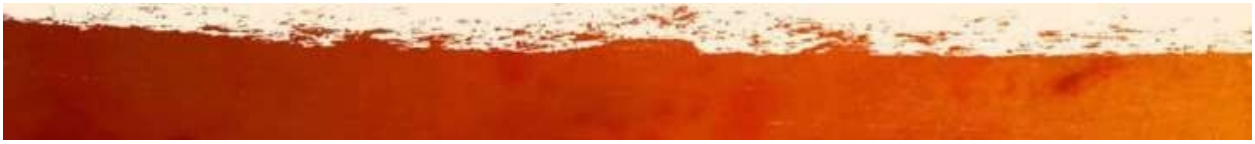
— Oh Charles! — Roxanne murmurou sonolenta e suspirou.

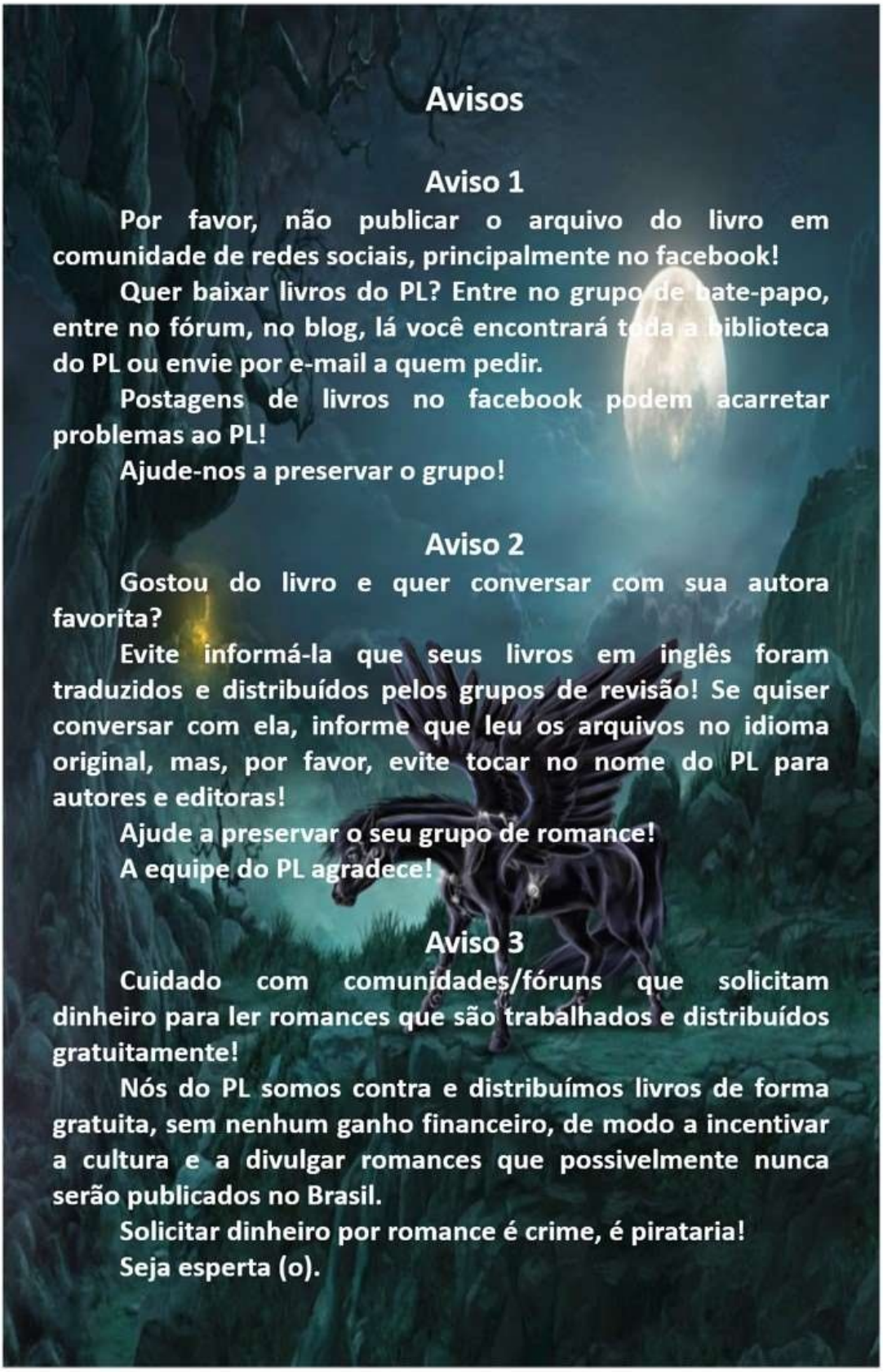


Ele acariciou seu rosto na curva do pescoço dela.

— Eu a tenho agora e nunca abandonarei.







Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).